



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ROMARIA DA MEDIANEIRA E ESTUDOS CULTURAIS:
A CONSTRUÇÃO DOS *MODOS DE VER* DOS
FUTUROS DOCENTES DE ARTES VISUAIS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Carla Farias Souza

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**ROMARIA DA MEDIANEIRA E ESTUDOS CULTURAIS:
A CONSTRUÇÃO DOS *MODOS DE VER*
DOS FUTUROS DOCENTES DE ARTES VISUAIS**

por

Carla Farias Souza

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação e Arte, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Luíza Ruschel Nunes

**Santa Maria, RS, Brasil
2008**

© 2008

Todos os direitos autorais reservados a Carla Farias Souza. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito do autor.

Endereço: Rua Lucídio Gontam, n.111, Bairro Passo d'Areia, Santa Maria, RS, 97010-290

Fone (0xx)55 3028 2033; End. Eletr: carla_fs111@yahoo.com.br

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova
a dissertação de Mestrado

**ROMARIA DA MEDIANEIRA E ESTUDOS CULTURAIS:
A CONSTRUÇÃO DOS *MODOS DE VER*
DOS FUTUROS DOCENTES DE ARTES VISUAIS**

elaborada por
Carla Farias Souza

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Ana Luiza Ruschel Nunes (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Prof^a Dr^a Teresinha Sueli Franz (UDESC)

Prof^a Dr^a Marcia Lise Lunardi-Lazzarin (UFSM)

Prof. PhD. Ayrton Dutra Correa (UFSM)

Santa Maria, junho de 2008.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

AGRADECIMENTOS

À toda minha família, pelo apoio e incentivo.

À minha mãe, pelo cuidado e carinho, pela palavra de força nos dias de cansaço, pela compreensão nos dias silenciosos, pelas incansáveis orações...

À pessoa que me acolheu no Mestrado, acreditou nas minhas intenções como pesquisadora e que, mesmo de longe, torceu por essa *peregrinação* e orientou os meus passos: Professora Dr^a Ana Luiza Ruschel, muito obrigada!

À professora Lucia Isaia, pela sua dedicação em mostrar que as manifestações culturais do povo também são dignas de um olhar mais aprofundado, e professora Vani Foletto que me incentivou no caminho da pesquisa sobre estética popular e a Romaria da Medianeira.

Aos professores que constituem a banca examinadora, Dr^a Teresinha Sueli Franz e Dr^a Marcia Lise Lunardi e Dr. Ayrton Dutra Correa, pela imensa contribuição dos seus olhares para o meu trabalho.

À professora e amiga Suzana Gruber, por ser inspiradora e responsável pelo meu *olhar fotográfico* e por me ensinar a ver o cotidiano de uma forma mais poética...

Aos meus queridos *peregrinos* da pesquisa: pelos encontros, pelas conversas, pelos olhares, pela disponibilidade, pela abertura à experiência, pelos desabafos... Obrigada por aceitarem *peregrinar* junto a mim nessa pesquisa.

Agradeço os todos os meus amigos que entenderam as minhas ausências e colegas de mestrado que sempre me apoiaram nessa caminhada: Mariana Barbosa, Luis Tadeu Fleck, em especial à Carolina Debus pela amizade, pelo ombro, pela escuta, pelas trocas e Vanessa Freitag pelo imenso incentivo na realização deste trabalho. Aos membros do GEPAEC, pelos momentos de troca e acolhida. Valeu por tudo...

Agradeço ao Fábio Dotto, por me fazer sentir leve frente aos desafios, pelo olhar compreensivo sobre o tempo que estivemos longe e por aquele abraço amoroso nas horas decisivas. Agradeço também a sua família por acompanhar o meu percurso, pela generosidade, pela torcida.

A todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a construção dessa dissertação...

RESUMO

Projeto de Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

**ROMARIA DA MEDIANEIRA E ESTUDOS CULTURAIS:
A CONSTRUÇÃO DOS *MODOS DE VER*
DOS FUTUROS DOCENTES DE ARTES VISUAIS**

AUTORA: CARLA FARIAS SOUZA

ORIENTADORA: ANA LUIZA RUSCHEL

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 30 de junho de 2008.

Esta pesquisa foi desenvolvida na Linha de Educação e Artes/PPGE e objetivou a construção de uma possibilidade de prática educativa para o ensino de Artes Visuais tendo como temática a leitura de imagens referentes à Romaria da Medianeira analisados a partir da perspectiva das Artes Visuais, utilizando Franz (2003) e Hernández (2000) e dos Estudos Culturais com Costa (2003), Giroux (1995), Hall (1997), Silva (1995), Veiga-Neto (2000). Analisou-se as narrativas presentes na leitura de imagem da festa de Nossa Senhora Medianeira e nos artefatos visuais que compõem os aspectos mercadológicos da procissão e problematizou-se os aspectos da cultura religiosa local na formação inicial de professores. A abordagem da pesquisa é qualitativa, através de um estudo de caso realizado com acadêmicos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Foram utilizados a observação participante, a análise documental, a entrevista, o diário de campo e o portfólio como instrumentos de coleta de dados. Como resultado da investigação, notou-se, na análise de cunho cultural da imagem, os *modos de ver* entre os sujeitos que se diferenciam em profundidade e criticidade, quando um parte de um ponto de vista cristalizado pelo discurso religioso e quando outro se permite olhar de um ponto de vista mais crítico, indo além de uma mera leitura superficial. Nesse sentido, vê-se a importância da construção do olhar na formação de professores de Artes Visuais sobre um produto cultural – como uma procissão – inserida na abordagem dos Estudos Culturais, visto que problematiza o contexto e as relações de poder contidas na imagem, influenciando possivelmente sobre a compreensão crítica da mesma.

Palavras-chave: Romaria da Medianeira, Estudos Culturais, Leitura de Imagem. Formação de Professores.

ABSTRACT

**MASTER'S DEGREE DISSERTATION PROJECT
MASTERS DEGREE PROGRAM IN EDUCATION
FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA**

**PILGRIMAGE OF MEDIANEIRA AND CULTURAL STUDIES:
THE CONSTRUCTION OF THE POINTS OF VIEW
OF THE EDUCATIONAL FUTURES OF VISUAL ARTS**

**AUTHOR: CARLA FARIAS SOUZA
ADVISOR: ANA LUIZA RUSCHEL**

Date and Place of Defense: Santa Maria, June 30, 2008

The present research has been developed in the Line of Education and Arts/PPGE and had the purpose of constructing a possibility of educative practice for the teaching of Visual Arts with the thematic of reading of images relative to the Pilgrimage of Medianeira that were analyzed from Franz' theoretical focus (2003) and the Cultural Studies by applying Costa (2003), Giroux (1995), Hall (1997), Silva (1995) and Veiga-Neto (2000). We have analyzed the narratives existent in the reading of the images of the Celebration of Nossa Senhora Medianeira and in the visual workmanships that compose the market aspects of the procession, besides problematizing the aspects of the local religious culture in the basic formation of professors. The research has a qualitative approach through a case study accomplished with academics of the course of Degree in Visual Arts of the Federal University of Santa Maria. The instruments applied as means of data collection were the participant observation, the documental analysis, the interview, the field diary and the portfolio. As a result of the investigation, points of view amongst the subjects were noticed, in the cultural background analysis of the image, which differentiate in depth and criticism when one starts from a point of view crystallized by the religious discourse and the other allows a more critical connotation, going beyond a mere superficial reading. Thus, we see the importance of the construction of the glance in the Visual Arts professors' formation on a cultural product - as a procession - inserted within the approach of the cultural studies, since it problematize the context of the power relations present in the image, possibly exerting influence on its critical understanding.

Keywords: Pilgrimage of Medianeira; Cultural Studies; Image Reading; Professors Formation

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - Uma das primeiras representações da Virgem /Catacumbas de Petrus e Marcillianus, Roma, século II..... | 21 |
| Figura 2 - Imagem do PE Inácio Rafael Valle. Fonte: http://www.santuariomedianeira.com.br/image | 23 |
| Figura 3 - Imagem de Nossa Senhora Medianeira. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 25 |
| Figura 4 - Basílica da Medianeira decorada no dia da procissão. Fonte: registro fotográfico de <i>Luzia</i> | 27 |
| Figura 5 - Procissão saindo em frente à Catedral Diocesana, passando pelo Viaduto Evandro Behr. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 28 |
| Figura 6 e 7 - Imagem do Altar Monumento e da chegada dos fieis até ele. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 29 |
| Figura 8 - Peregrinos pagando promessas durante a procissão. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 29 |
| Figura 9 - Banca de venda de objetos religiosos. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 30 |
| Figura 10 - Objetos comercializados nas bancas. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 30 |
| Figura 11 - Artesanatos locais comercializados durante a festa. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 31 |
| Figura 12 - Bancas localizadas na Avenida Medianeira. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 32 |
| Figura 13 - Alimentos comercializados na festa. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 33 |
| Figura 14 - Bebidas vendidas junto a objetos religiosos. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 33 |
| Figura 15 - Imagens representativas de Nossa Senhora aplicadas em colares. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 35 |
| Figura 16 - Objetos comercializados na Romaria da Medianeira. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 36 |
| Figura 17 - Casa de Cultura de Santa Maria..... | 67 |
| Figura 18 - Algumas imagens apresentadas durante o terceiro encontro. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora..... | 78 |
| Figura 19 - Objeto decorativo comercializado na Romaria de Nossa Senhora Medianeira. Ano: 2006. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora..... | 81 |
| Figura 20 - <i>Peregrina</i> fotografando o interior da Basílica da Medianeira..... | 82 |
| Figura 21 - Fiel venerando o quadro de Nossa Senhora Medianeira, fotografada por <i>Clara</i> | 83 |
| Figura 22 e 23 - Vista parcial (à esquerda) e detalhe (à direita) dos vitrais da Basílica, fotografados por <i>Luis e Francisco</i> | 83 |
| Figura 24 - Detalhe do interior da Cripta, fotografado por Francisco..... | 84 |
| Figura 25 - Doces comercializados (e consumidos durante a visita...).Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 85 |
| Figura 26 - Local de encontro, doces e intenções fotográficas. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 85 |
| Figura 27 - Romaria da Medianeira – 2004. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora..... | 105 |
| Figura 28 - Exemplos de obras Leon Ferrari com objetos religiosos. Fonte: http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.huma3.com/repository/reviews/Ferrari.jpg | 115 |
| Figura 29 - Imagem da Obra de Nelson Leirner, <i>A Lot(e)</i> , 2007..... | 116 |
| Figura 30 - Instalação-performance “Fábrica”, Lina Menna Barreto, IV Bienal do Mercosul..... | 117 |
| Figura 31 - (detalhes) Instalação-performance “Fábrica”, Lina Menna Barreto, IV Bienal do Mercosul Fonte: http://www.artewebbrasil.com.br/historico/bienal/quartabienal/liamennabarreto.htm | 117 |
| Figura 32 - Trabalho da série <i>Ars Combinatória</i> , José Patrício, Fonte: http://www.iberecamargo.org.br/content/revista_nova/vida_artista_integra.asp?id=19 | 118 |
| Figura 33 - Luciano Santos, técnica mista, 200 http://www.iberecamargo.org.br/content/revista_nova/vida_artista_integra.asp | 119 |
| Figura 34 - Luciano Santos, técnica mista, 2004, http://www.iberecamargo.org.br/content/revista_nova/vida_artista_integra.asp | 119 |
| Figura 35 - Luciano Santos, 2005 – “Cortejos” – Romaria Estadual de N.S.a. Sra. Medianeira – Santa Maria. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora | 119 |
| Figura 36 - Registros fotográficos de <i>Clara</i> | 126 |

| | |
|--|-----|
| Figura 37 - Registros fotográficos de <i>Luis</i> | 128 |
| Figura 38 - Registros fotográficos de <i>Luzia</i> | 130 |
| Figura 39 - Registros fotográficos de <i>Francisco</i> | 132 |
| Figura 40 - <i>Peregrinos</i> registrando as “janelas” da Romaria. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora..... | 134 |

LISTA DE APENDICES

| | |
|---|-----|
| APENDICE A - Roteiro de entrevista semi-estruturada para os alunos..... | 167 |
| APENDICE B - Texto utilizado durante prática educativa – segundo encontro..... | 168 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| AGRADECIMENTOS..... | 5 |
| RESUMO..... | 6 |
| ABSTRACT..... | 7 |
| LISTA DE FIGURAS..... | 8 |
| LISTA DE APENDICES..... | 10 |
| PEREGRINAÇÕES PERCORRIDAS: AS IMAGENS DE UMA PROCISSÃO E O SURGIMENTO DA PESQUISA..... | 13 |

PARTE 1 - PEREGRINAÇÕES TEÓRICAS: LEITURAS PARA UM CAMINHAR

| | |
|--|----|
| CAPÍTULO 1 - ROMARIA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA: DE QUE PROCISSÃO SE FALA? | 20 |
| 1.1. Breve histórico do culto mariano..... | 20 |
| 1.2 A devoção à Virgem Medianeira em Santa Maria..... | 23 |
| 1.3 A procissão e a comercialização de objetos..... | 30 |
| | |
| CAPÍTULO 2 - ESTUDOS CULTURAIS E ENSINO DA ARTE: RELAÇÕES PEDAGÓGICAS ENTRE UMA PROCISSÃO RELIGIOSA E A LEITURA DE IMAGENS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES..... | 39 |
| 2.1 Conceito de cultura e outras <i>peregrinações</i> teóricas..... | 39 |
| 2.2 A centralidade da cultura na prática educativa..... | 44 |
| 2.3 Um olhar sobre a imagem: implicações do ensino da arte frente à cultura..... | 47 |
| 2.4 Compreensão crítica da cultura visual e Estudos Culturais: a formação de professores numa perspectiva contemporânea..... | 54 |

PARTE 2 - CAMINHOS DE UMA PEREGRINAÇÃO INVESTIGATIVA

| | |
|---|----|
| CAPÍTULO 3 - DE QUE PEREGRINAÇÃO SE TRATA? OS OBJETIVOS, INTENÇÕES E QUESTIONAMENTOS | 61 |
| 3.1 Do que se fala | 61 |
| 3.2 Daquilo que se quer | 61 |
| 3.3 Do que foi analisado | 62 |
| 3.3.1 A Romaria Estadual de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças..... | 62 |
| 3.3.2 Compreensão crítica da imagem | 63 |
| 3.3.3 A prática educativa na formação do docente de Artes Visuais | 63 |
| 3.4 Dos questionamentos traçados | 64 |
| 3.5 Definindo abordagens, peregrinos e instrumentos para a caminhada | 65 |
| 3.6 O peregrinar na pesquisa: relatando encontros, encontrando olhares | 72 |
| 3.6.1. Apresentação da procissão-investigativa aos peregrinos: primeiro encontro (28/09/07) | 73 |
| 3.6.2 A Romaria da Medianeira sob o âmbito histórico-antropológico: segundo encontro (05/10/07) | 74 |
| 3.6.3 As imagens de uma procissão numa sala de aula: entrelaçamentos de âmbitos no terceiro encontro (11/10/07) | 78 |
| 3.6.4 Continuação do âmbito pedagógico: quarto encontro (26/10/07)..... | 80 |
| 3.6.5 Fotografias, doces e intenções: visita à Basílica de Nossa Senhora Medianeira (09/11/07) | 82 |
| 3.6.6 Peregrinos-romeiros: o ato fotográfico na Romaria (11/11/07) | 86 |
| 3.6.7 Impressões: falas sobre o ato fotográfico e leitura de imagem: sétimo encontro (23/11/07) | 86 |
| 3.6.8 E agora, o que fica? Relatos e confissões no último encontro | 89 |
| | |
| CAPÍTULO 4 - JANELAS DA ROMARIA: PÉS DESCALÇOS, LADAINHAS E “BUGIGANGAS” | 90 |
| 4.1 O que é uma procissão? Representações acerca de uma festa religiosa ...90 | |
| 4.2 E a Romaria da Medianeira? Percepções e pré-concepções sobre a festa .95 | |
| 4.3 Sobre ‘nível cultural’, valores e crença: o comércio de ‘tarequinhos’ na Romaria | 98 |

| | |
|--|------------|
| CAPITULO 5 - OS <i>MODOS DE VER</i> DO MEDIADOR: VISIBILIDADES E VISUALIDADES NA CONTRUÇÃO DO PERCURSO DOCENTE..... | 104 |
| 5.1 Percursos de leitura: peregrinando entre âmbitos e imagens..... | 104 |
| 5.2 De <i>peregrino</i> à <i>romeiro</i>: a inserção do professor em formação inicial no contexto da <i>procissão</i> | 122 |
| 5.2.1 Confissões de olhares peregrinos | 125 |
| 5.3 Percebendo <i>olhares outros</i> | 133 |
| | |
| CAPÍTULO 6 - UMA PROCISSÃO EM SALA DE AULA? O OLHAR DOCENTE PROBLEMATIZANDO A CULTURA..... | 140 |
| | |
| 6.1 A inserção de uma <i>procissão</i> em sala de aula: o âmbito pedagógico..... | 140 |
| 6.2 A Romaria da Medianeira na formação de professores de Artes Visuais: reflexões e ladainhas sobre a prática educativa..... | 149 |
| | |
| AINDA EM PRECES: À ESPERA DE <i>OUTRAS PEREGRINAÇÕES</i>..... | 154 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA..... | 158 |
| | |
| APÊNDICES..... | 166 |

PEREGRINAÇÕES PERCORRIDAS: AS IMAGENS DE UMA PROCISSÃO E O SURGIMENTO DA PESQUISA

Peregrinar, v. intr. Andar por longínquas terras; fazer viagem ou romaria a lugares santos.¹

Andar por longínquas terras, santas ou não, sagradas, profanas, ver e vivenciar imagens e guardá-las na memória me fez a peregrina-pesquisadora de hoje. Peregrinar diz da ação de percorrer caminhos...

Relembrar alguns fatos da infância é rever as imagens que fizeram parte de uma trajetória de vida envolvida com imagens de santos, anjos e estátuas de gesso que se distribuía entre a minha casa e os altares das igrejas que freqüentava. Novenas e santos povoam minhas lembranças, assim como os excessos decorativos presentes nas pequenas capelas que passavam de casa em casa, nas procissões que freqüentava e nas oferendas votivas em agradecimento à graças alcançadas.

Tudo o que se denominava “cafona”, “brega” ou até mesmo o “*Kitsch*” era, aos meus olhos, o que havia de mais encantador, o que dava sentido e significado para minhas vivências cotidianas. A suposta imagem de santo a quem se rezava, encontrava-se sufocada em meio aos pedidos e agradecimentos concretizados muitas vezes através das ofertas materiais, dos objetos mais simples aos mais “pomposos”, das flores artificiais ou naturais que eram dispostas aos seus pés.

As “imagens do divino” acompanharam minha infância e adolescência, e a visualidade dos materiais concretos e simbólicos que envolviam o meu cotidiano religioso culminaram em subsídios para o desenvolvimento de uma pesquisa em arte, no Curso de Bacharelado em Desenho e Plástica, partindo dos objetos e das vivências para compor um trabalho visual e reflexivo. Desde então, passei a construir pequenos santuários, relicários e estandartes que refletiam a fascinação pelo decorativo e as características visuais marcantes de manifestações religiosas populares, como as procissões.

¹ FERNANDES, Francisco. Dicionário brasileiro Globo. São Paulo: 1995

No primeiro semestre deste curso de graduação, na disciplina nomeada Apreciação II – com enfoque na Cultura Popular, ministrada pela professora Lúcia Isaia, tive maior contato com a cultura popular religiosa e as suas manifestações no Brasil. Devido à abordagem sobre o assunto enfocada pela professora, foi fomentado um interesse maior relativo à temática religiosa, subsídios utilizados em todo o meu percurso acadêmico.

No decorrer da minha pesquisa plástica e teórica, percebo que as imagens das procissões e outras festas coletivas religiosas causaram-me grande impacto visual devido as suas propriedades visuais e simbólicas e, em especial a Romaria Estadual de Nossa Senhora Medianeira na cidade de Santa Maria /RS. O registro fotográfico desta procissão, no ano de 2002, foi a primeira ferramenta de pesquisa a ser utilizada, pois nele constavam as janelas de uma festa popular religiosa que envolvia desde a devoção à comercialização de objetos religiosos e outros artigos de consumo. Estas janelas fizeram parte uma pesquisa teórica voltada à esse tema sobre o objeto religioso e a estética popular.

Outras questões me causavam surpresas e ao mesmo tempo reflexões durante a realização da festa em homenagem à Medianeira. A paisagem santamariense é feita de ruas trancadas, ônibus lotados, janelas enfeitadas com panos nas cores azul e branco, percursos salientados, percursos alterados. As avenidas percorridas pela procissão tornam-se, por um dia, parte integrante da edificação principal, a Basílica de Nossa Senhora Medianeira. Os novos rostos, vindos dos mais diversos lugares e de diferentes classes sociais, visitam a cidade com um propósito em comum - homenagear a Virgem - mas com motivos variados: devoção, pedidos, agradecimentos, pagamento de promessas. Outros ainda vêm por ter a oportunidade de vender o seu produto, em meio às bancas localizadas na Avenida Medianeira ou caminhando entre os romeiros, caracterizando, assim, o aspecto mercadológico da procissão.

Partindo desses registros e do meu olhar sobre a procissão, abri o meu campo de pesquisa direcionado à religiosidade e à estética popular, incluindo o culto à Nossa Senhora Medianeira. Certamente, as escolhas feitas partiram de trajetórias percorridas durante minha formação acadêmica e que contribuíram definitivamente, no meu trabalho prático e teórico. De acordo com Lüdke e André (1998, p.25)

O que cada pessoa seleciona para “ver” depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, os grupos sociais a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que a sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros. Do mesmo modo, as observações que cada um de nós faz na nossa vivência diária são muito influenciadas pela nossa história pessoal e principalmente pela sua bagagem cultural. (1986, p.25)

Devido às minhas vivências com os aspectos materiais da devoção mariana e voltando o meu olhar para o apelo visual da Romaria², houve o interesse de desenvolver um projeto no curso de Especialização em Design para Estamparia, utilizando as referências visuais de uma procissão religiosa – enfatizando o aspecto comercial - com o objetivo de criar estampas voltadas ao vestuário feminino. Foram utilizadas os elementos visuais dos objetos religiosos vendidos na Romaria da Medianeira como estratégia de criação de um produto contextualizado com uma manifestação religiosa e cultural da cidade de Santa Maria.

Ao analisar o aspecto mercadológico da Romaria da Medianeira, me aproximando com um olhar diferenciado sobre os elementos decorativos e simbólicos que compõe os seus artefatos de venda, fui instigada a ver nesta procissão um objeto de pesquisa que possibilitaria vários caminhos investigativos, sendo o ensino da arte um deles.

Ao ingressar no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM em 2006, tento traçar um caminho de pesquisa que contemple a manifestação religiosa e as suas referências visuais como um recorte de uma realidade a ser investigada. Na medida em que uma pesquisa possa contribuir para a construção da realidade e dos discursos que a envolvem, ela vai ao encontro de um interesse particular que pode se tornar coletivo. Da mesma forma que ela contribui para a construção de uma ação educativa centralizada na arte e na cultura, valoriza também a construção do olhar do professor frente à essas questões.

A educação envolve muitos processos, formais ou informais, através dos quais a cultura é mediada, construída e reconstruída com os sujeitos, devendo estar vinculada às instâncias sócio-histórico-culturais onde ocorre a humanização. Os educadores, uns dos principais sujeitos-agentes deste processo, devem criar

² Utilizo palavra “Romaria”, com a letra inicial maiúscula para designar de forma sintética a Romaria de Nossa Senhora Medianeira, e “romaria” reportando-me de forma genérica a todos os tipos de procissão designadas por esse termo.

ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização da sociedade em diferentes códigos culturais e a identificação do contexto cultural.

Pensando no apelo visual da Romaria e no desenvolvimento de possibilidades de prática educativa com alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, utilizando as referências visuais de uma procissão religiosa, esta pesquisa procurou reconhecer os aspectos visuais e simbólicos desta procissão como forma de desenvolver uma proposta educativa contextualizada com as imagens da religiosidade santamariense, exercendo um papel social de inclusão da estética popular no ensino de Artes Visuais, analisando as manifestações visuais e simbólicas de um evento da cidade.

Relacionando as referências visuais e simbólicas de uma procissão com o ensino de artes visuais e a centralidade da cultura no processo educativo, justifica-se a realização deste estudo de abordagem qualitativa, tendo como objeto de pesquisa a leitura dos registros fotográficos de uma das mais importantes manifestações culturais religiosas do centro do Estado: a Romaria de Nossa Senhora Medianeira. Diante das características da procissão, a contundente informação visual oriunda de toda a estrutura que envolve a sua realização torna-se um objeto valioso a ser inserido no contexto de investigação e aprendizagem, possibilitando a mediação e a construção do conhecimento com ensino da arte, partindo de um evento que envolve a cultura religiosa da cidade.

Ao abordar as referências visuais da religiosidade local, proponho um exercício do olhar do futuro docente entre as imagens registradas nesta manifestação religiosa e que são utilizadas a fim de proporcionar uma maior aproximação do fato histórico que envolveu a cidade de Santa Maria e, até hoje, faz parte de uma memória coletiva religiosa. Esse fato envolve os discursos de uma religião e o poder que é exercido sobre aqueles que acreditam nela, tendo estratégias para que seu culto se propague através da institucionalização de festas populares onde o crente pode agradecer, pedir, se desculpar, pagar por aquilo que recebeu, obter um pouco mais de proteção através dos patuás e dos objetos bentos.

A necessidade de haver uma percepção ativa no que diz respeito aos valores estéticos da sociedade ou de um acontecimento, é fundamental para o desenvolvimento de uma educação estética, onde sejam discutidos, analisados e avaliados aspectos do cotidiano, assim como das manifestações materiais da cultura

popular e cultura de massa. Os elementos que identificam o mundo material do fiel também são traduzidos, modificados, reorganizados dentro da pesquisa em arte, e trazem como temática as referências visuais da religiosidade popular.

Reflexões relacionadas à cultura exigem novas propostas para a educação que envolva a cultura local e as imagens que a permeiam. Tanto os professores como os alunos estão rodeados por instituições produtoras de sentidos e a escola exerce um papel importante quando lança uma interrogação sobre essas construções significativas que ajudam a construir novas identidades, em que eles encontram-se inseridos. Nessa perspectiva torna-se instigante o princípio de uma educação contemporânea voltada para a construção de propostas pedagógicas a partir da realidade do aluno ou de um fato local ao qual ele presencia e que faz parte da constituição histórica da sua cidade.

Ao se pensar na utilização dos Estudos Culturais para o trabalho com a cultura local no ensino de Artes Visuais, torna-se visível sua contribuição enquanto uma perspectiva de prática educativa política, interrogando os “modos de ver” do docente em formação inicial a partir das imagens de uma procissão, os significados e os discursos que ela produz.

A concretização desta pesquisa vem ao encontro da necessidade de uma percepção ativa no que diz respeito aos valores estéticos da sociedade, lançando um novo olhar significativo para as referências visuais para a religiosidade popular. Assim, analisa-se os objetos vendidos durante a procissão, o olhar doromeiro frente a essa manifestação e a influência da visibilidade da festa na construção da cultura religiosa local, partindo de uma leitura dos elementos visuais e discursivos que compõe a Romaria da Medianeira.

Ao pensar nas questões para o panorama da educação é que foi constituída essa dissertação de modo que contribua para o ensino da arte a partir de um fato cultural, integrando-se às propostas educativas que envolvem as questões culturais, a leitura crítica de imagens, sejam elas da arte ou do cotidiano e, em particular, a análise de um evento marcante para a cidade de Santa Maria.

Esta dissertação organizasse em duas partes. A primeira parte nomeada ***Peregrinações teóricas: leituras para um caminhar*** é onde se encontra o referencial teórico desta pesquisa e subdividindo-se em dois primeiros capítulos.

O **capítulo 1** apresenta Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, introduzido por um breve histórico do culto mariano no mundo relatando o início da devoção à cidade culminando na descrição estrutural da procissão e dos objetos que dão visibilidade ao aspecto comercial que se manifesta durante a procissão.

No **capítulo 2** são abordadas algumas questões relacionadas aos Estudos Culturais e a importância dessa abordagem para a educação e para a formação docente na busca de novas possibilidades de uma educação contemporânea voltada para as questões relacionadas à cultura. Além disso enfoca no ensino da arte, na leitura de imagem e na formação inicial de professores de Artes Visuais, abordando aspectos sobre a proposta de educação para compreensão crítica da arte utilizada por Terezinha Sueli Franz (2003) baseada em Fernando Hernández (2000), explicitado através dos âmbitos de compreensão de uma imagem.

Na segunda parte nomeada ***Caminhos de uma peregrinação investigativa*** engloba o **capítulo 3** onde aborda-se o contexto investigatório da pesquisa, objetivos, questões de pesquisa e categorias que delinearam a sua construção, além de apresentar o percurso que a pesquisa percorreu na coleta de dados e instrumentos. Além disso, encontra-se nela os **capítulos 4, 5 e 6** sendo as reflexões interpretativas acerca dos dados coletados e as considerações finais da pesquisa.

Por não se esgotar o tema trabalhado nessa pesquisa, muito menos as respostas para suas questões, afirmo que como pesquisadora, continuo ***Ainda em preces: à espera de outras peregrinações***. Por não buscar “milagres” na pesquisa, o *permanecer em preces* é continuar, através de uma *reza insistente, interceder* por mudanças educacionais e de olhares frente ao ensino da arte.

PARTE 1

**PEREGRINAÇÕES TEÓRICAS:
LEITURAS PARA UM CAMINHAR**

CAPÍTULO 1

ROMARIA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA: DE QUE PROCISSÃO SE FALA?

1.1 Breve histórico do culto mariano

Sucessivamente rainha ou fada, mãe dolorosa ou alegre, quase púbere, modesta OU gloriosa, negra, amarela ou bronzeada, eles imaginaram uma Virgem que se prestasse a todos os desejos e a todas as súplicas dos fiéis, mesmo os mais insensatos: existe assim uma Virgem que cura os gagos, uma outra que detém os vulcões, uma terceira que protege os motoqueiros ou ressuscita os bebês. (BOYER, 2000, p.13)

O culto mariano existe desde as comunidades cristãs primitivas, como substituto da adoração à Grande Mãe, que é uma figura encontrada em várias religiões e culturas pagãs. À medida que o cristianismo se expande pelo mundo, são vários os casos onde os povos recém cristianizados acolhem a figura de Maria por verem nela uma identificação com divindades locais ligadas à terra e à fertilidade.

Assim com Eva - que aparece em todas as culturas primitivas como a mãe original, ou a mãe-terra *Pacha Mama*, dos índios bolivianos, Maria personifica as antigas mulheres-mãe da humanidade. A figura de Maria sempre é ligada à pureza sexual, ao contrário da maior parte das divindades pagãs. Por volta do século II ou III aparecem os primeiros ícones da Virgem através de mosaicos e pinturas murais (fig. 1). No século V, em 431, o Concílio de Éfeso declara Maria a Mãe de Deus – *Théotokos*. – e define o dogma da “Maternidade Divina”, fomentando o começo de uma veneração especial à Virgem Maria e a construção de várias Igrejas em sua honra. No século VI surgem, em muitos lugares, santuários marianos, de

arquiteturas simples, dedicados à “grande mártir” do cristianismo. A partir daí, o culto às imagens marianas cresce devido às influências da Ordem Cisterciense, especialmente pelo conhecido “santo mariano” São Martinho.



Figura 1 - Uma das primeiras representações da Virgem /
Catacumbas de Petrus e Marcillianus, Roma, século II.

Os séculos XI e XII são culminantes para o culto mariano, pois neste período lendas e aparições se multiplicam. As ordens mendicantes se encarregam de dar novo impulso às peregrinações marianas, fazendo crescer o número de lugares dedicados à Virgem. Nesta época são construídas as grandes catedrais góticas em sua homenagem, como a de Chartres, Rheims e Notre-Dame de Paris. Também nessa fase surgem qualificativos como os de Rainha e Madona, e sua figura emerge como a de uma pessoa forte, milagrosa e salvadora. Segundo a historiadora do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina, Claudete Ribeiro Araújo

(In: GALILEU, 2003, nº149, p.23), enquanto nos primeiros séculos Maria é lembrada pela maternidade divina, no século XII ela é ressaltada por sua presença fundamental na paixão de Cristo, no Calvário. As imagens da época a colocam ao pé da cruz, abatida pela dor, deixando de ser contemplada como mãe da Igreja para ser mãe das pessoas.

Na história, a partir do Renascimento, século XV, a preocupação com a consciência impulsiona um conjunto de normas ditadas por complexos de culpa e pela necessidade de expiação dos pecados. Assim a piedade Mariana vai dar peso à grandeza moral de Nossa Senhora e a sua santidade, a ponto de ser qualificada como deusa. Maria surge, então, como um modelo de sexualidade para os fiéis, estabelecendo um ideal de virtude para os mesmos, que sobrevive até os dias de hoje.

A partir do século XIX começa uma marianização do cristianismo, devido à multiplicação das aparições de Maria. Aumenta a frequência dos fiéis aos santuários religiosos ligados à Virgem e não aos vinculados às figuras dos apóstolos e do próprio Jesus, tão marcante na Idade Média.

Com o passar dos anos e com o crescimento do fervor do culto mariano, Maria aparece como divindade feminina, representando uma importante transformação de paradigma na religiosidade contemporânea. A imagem de Maria é para os fiéis a presença do divino na sua forma acolhedora, intuitiva, aquilo que é próprio do feminino em nossa cultura.

Segundo o teólogo Leonardo Boff (2003), a figura do Pai Divino - que simboliza o guerreiro, o dominador, do pensamento forte - aos poucos cede espaço para a Mãe - mais doce, defensora: Maria é a concretização dessa nova dimensão subjetiva e cultural, é um ícone e o rosto da religiosidade do século XXI.

A devoção à Virgem também se manifesta de forma expressiva no Brasil e se intensifica a cada ano. Festejos, procissões e romarias marcam o calendário religioso de várias cidades e estados brasileiros em honra aos mais diversos títulos que Ela recebe como Nossa Senhora Aparecida - intitulada Padroeira do Brasil, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora Medianeira - Padroeira do Rio Grande do Sul, entre outros.

1.2 A devoção à Virgem Medianeira em Santa Maria

As procissões e romarias são formas de manifestação da fé do crente. Inúmeras imagens representativas da Virgem, com seus diversos títulos, recebem homenagens em dias considerados especiais em várias localidades do Brasil e do mundo, assim como na cidade de Santa Maria/RS. Uma parte da história dessa cidade está fortemente ligada à imagem de Nossa Senhora Medianeira e a Romaria é um compromisso dos fiéis com a Virgem.

A devoção à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças surge na cidade em 1928, com a vinda do seminarista jesuíta Inácio Rafael Valle (fig. 2), de Nova Trento/SC, para ser professor e prefeito do antigo Seminário São José, local onde hoje se localiza o Parque da Medianeira.



Figura 2 - Imagem do Pe. Inácio Rafael Valle

Fonte: <http://www.santuariomedianeira.com.br/imagens>

Este religioso conhece a devoção à Medianeira quando se encontra em Nova Friburgo (RJ), como estudante da Congregação Jesuíta. Segundo Richter (1990), Inácio Valle, sofre uma grave doença que pode impossibilitá-lo de ser consagrado sacerdote. Esta enfermidade leva-o a realizar uma promessa à Virgem Medianeira

de divulgar sua devoção no caso de ser atendido. Foi desse modo que ele intensifica a sua devoção. Padre Valle, ao relatar sua chegada a Santa Maria, descreve:

Cheguei à Santa Maria em fevereiro de 1928. O Seminário era incipiente e muito pobre, mas chegara a hora de realizar a minha resolução de vida. Todas as noites entusiasmava os seminaristas para amarem profundamente a Santíssima Virgem sob o título de Medianeira de Todas as Graças. Os Superiores do Seminário aceitaram meus propósitos. No dia 31 de maio de 1929, fundávamos a Congregação Mariana sob o título de Medianeira de Todas as Graças. (VALLE, 1980, p.12)

Em 1929 a Diocese de Santa Maria, através de seu Vigário Capitular, Monsenhor Luís Scortegna, pede ao Papa Pio XI que conceda à Igreja Particular de Santa Maria o privilégio da festa de Nossa Senhora Medianeira com Missa, Ofício e Breviário próprios. A resposta positiva chega em novembro de 1929. Para que a devoção se propague, Valle se preocupa em dar à Medianeira um Hino de fácil aceitação popular. A letra é escrita por Dom Aquino Correa, Arcebispo de Mato Grosso, e a música é composta pelo Padre Jorge Zanchi.

No mesmo ano, a Irmã Franciscana Angelita Stefani, falecida no dia 05 de julho de 2005, pinta o quadro original com a imagem representante da Medianeira (fig. 3), que atualmente se encontra na Basílica. Seu trabalho, que realiza antes de se tornar freira, começa com a ampliação de um desenho em preto e branco vindo da Bélgica, lugar onde tem início à devoção à Virgem. A irmã atribui a sua vocação à Nossa Senhora Medianeira, pois entra para o convento dois anos após ter pintado a imagem.

De acordo com Zózimo Santos (1985), a iconografia de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, enfatizando a idéia da Mediação Universal, consta de três partes distintas: **a Santíssima Trindade**, em sua representação mais tradicional; **Maria**, de corpo inteiro, ladeada por raios que, partindo da Santíssima Trindade, passam pela cabeça e estendem-se pelos braços e mãos, e o **globo terrestre**, encimado-ladeado pelo Sol (à esquerda) e pela Lua (à direita), simbolizando assim, no conjunto, a posição de Maria Santíssima na condição de **Medianeira**. O quadro pintado tem, em destaque, a inscrição: A VONTADE DE DEUS É QUE RECEBAMOS TUDO POR MARIA e ainda, na auréola *MEDIATRIX OMNIUN GRATIARUM*, ou seja **MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS**.



Figura 3 - Imagem de Nossa Senhora Medianeira
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Segundo Belmonte (1999), no dia 31 de maio de 1930, é celebrada oficialmente a primeira festa em honra à Medianeira. O quadro com a sua imagem é colocado em cima de uma mesa, à direita do altar, na capela do Seminário São José e para lá começam a convergir os devotos. Em julho de 1930, aparecem os primeiros ex-votos ao lado do quadro em agradecimento por graças alcançadas e, alguns anos mais tarde, milhares de pessoas em romaria levam placas dedicatórias, velas, flores e outras lembranças.

Ainda em 1930, no mês de outubro, o Brasil, em meio a um clima de intranqüilidade política, prenuncia a revolução de âmbito nacional iniciada no Rio Grande do Sul, que estouraria de 3 a 24 de outubro. Na primeira sexta-feira do mês de setembro, um grupo de vinte e três senhoras se ajoelha diante da imagem, na Capela do Seminário, pedindo proteção contra os efeitos da revolução prestes a desencadear. Em Santa Maria, o Quartel de Brigada Militar toma conta da cidade, mas os outros quartéis não aderem de imediato ao movimento revolucionário. Com

isso a cidade corre perigo, podendo transformar-se num campo de batalhas entre forças estaduais e federais. Durante este período tenso, o Monsenhor Luís Scortegna convoca o povo santamariense para rezar a Nossa Senhora Medianeira e, segundo os relatos, as preces são atendidas.

As preces do povo foram ouvidas. Dia 24.10.1930 termina a Revolução. Na cidade de Santa Maria nenhuma arma fora disparada. E o povo rezava e agradecia e tinha certeza da intervenção divina, pois a VIRGEM MEDIANEIRA SALVOU A CIDADE, diziam. (BELMONTE, 1999, p.44)

Com o tempo e com as graças alcançadas, as peregrinações particulares e individuais passam a ter um caráter coletivo. A primeira romaria realizada tem a participação de vinte e três mulheres e a segunda mais de mil peregrinos. Devido ao grande fluxo de romeiros, a romaria local torna-se estadual e passa a ser realizada no segundo domingo de novembro de cada ano a partir de 1943.

Em 1935, Dom Antônio Reis, então bispo da Diocese, lança a Pedra Fundamental para a construção do Santuário, o qual é oficialmente inaugurado dia 15 de agosto de 1985, com a presença do Núncio Apostólico, Dom Carlo Furno e dos bispos do Rio Grande do Sul. No dia 31 de maio de 1987, com a presença do Arcebispo de Florianópolis, Dom Afonso Niehues, o Santuário passa a chamar-se, por Decreto especial da Sagrada Congregação para o Culto Divino, de Santuário-Basílica da Medianeira, o único do Estado a ter essa distinção da Santa Sé (fig. 4).



Figura 4 - Basílica da Medianeira decorada no dia da procissão.

Fonte: registro fotográfico de *Luzia*

Desde 1954, a Romaria de Medianeira é precedida de uma Novena (anteriormente fazia-se um Tríduo), que acontece nos nove dias anteriores ao domingo da festa. Com o quadro da Virgem percorrendo as diversas paróquias da cidade, faz-se o convite e motivação da população em uma preparação para a Festa. Os pontos fundamentais da festa se desenvolvem pela manhã, na Catedral Diocesana, na procissão pelas ruas da cidade e no Altar Monumento. Na catedral inicia-se o domingo com missas a partir das cinco horas da manhã. Às oito horas as Autoridades Eclesiásticas iniciam a procissão, partindo da Catedral, na Avenida Rio Branco, rumo ao Santuário-Basílica de Nossa Senhora Medianeira, localizado na Avenida Medianeira (fig. 5)



Figura 5 - Procissão saindo em frente à Catedral Diocesana, passando pelo Viaduto Evandro Behr.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Antes dos fiéis chegarem ao Altar-Monumento (fig. 6 e 7), que é uma plataforma circular, construída no parque da Medianeira destinada às grandes celebrações litúrgicas, os romeiros se deparam com bancas de comércio, ocupando quase a totalidade da avenida e das ruas próximas .

Romaria da Medianeira também é dia de comércio. Ambulantes se acotovela em meio aos romeiros, com seus brados de ofertas para venda de comida, objetos de toda natureza e artigos religiosos. O poder público vende cada metro quadrado da grande avenida central do santuário. Após a procissão e a missa, o público movimenta-se entre as centenas de camelôs e restaurantes do comércio local. (RIGO, 2006 p.26)



Figura 6 e 7 - Imagem do Altar Monumento e da chegada dos fiéis até ele.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

A cada ano que passa o número dessas bancas e a variedade de objetos aumentam, assim como o número de romeiros que hoje ultrapassa mais de 250 mil pessoas, vindas de várias regiões do estado e do Brasil. A Romaria da Medianeira pode ser classificada como uma festividade religiosa altamente institucionalizada, cujo culto contém alguns elementos populares espontâneos (fig. 8). Entre a multidão, observam-se romeiros caminhando descalços, ajoelhados, outros portando velas, imagens ou flores, crianças vestidas de anjos, como forma de cumprimento de promessas feitas à Virgem.



Figura 8 - Peregrinos pagando promessas durante a procissão.

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

1.3 A procissão e a comercialização de objetos

O comércio na procissão pode ser subdividido em quatro tipos de produtos: objetos religiosos e não religiosos, alimentação e entretenimento.

Em primeiro lugar, no que diz aos objetos vendidos durante o dia da procissão, existem as bancas que ficam ao redor da Basílica vendendo artigos religiosos relacionados à imagem de Nossa Senhora Medianeira (fig. 9 e 10), a maioria deles já benzidos, como camisetas, terços, livros, pingentes, fitinhas de pulso e outros adereços. Segundo a igreja, a venda desses objetos serve para difundir a devoção mariana em meio aos romeiros, sem fins lucrativos.



Figura 9 - Banca de venda de objetos religiosos Figura 10 - Objetos comercializados nas bancas

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Entretanto, as bancas que se estabelecem na Avenida Medianeira alugam espaços que a Prefeitura Municipal de Santa Maria oferece. Entre esses vendedores encontram-se produtores locais que aproveitam o dia festivo para expor seus produtos artesanais: panos de prato, almofadas, capelinhas, imãs de geladeira, brinquedos, entre outros (fig. 11).



Figura 11 - Artesanatos locais comercializados durante a festa

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Comerciantes de outros estados como São Paulo, cuja maioria vive exclusivamente do comércio realizado em grandes festas populares, competem com os comerciantes locais, trazendo consigo produtos feitos em grande escala, visando a sua venda em massa (fig. 12). São milhares de fitilhos, santos de gesso, quinquilharias religiosas, as mais variadas e em grande quantidade. Além dos objetos de cunho religioso, encontra-se os de adorno – pulseiras, brincos, colares, bonés, óculos; pessoal – calçados, roupas e acessórios para as mais variadas idades, tamanhos e gosto; utilidade doméstica – luminárias, redes, mantas para sofá, ferramentas de cozinha, enfeites, bibelôs; produtos eletrônicos – celular, rádio, dvd/cd-player, vídeos-game, alto-falantes, etc, sendo a grande maioria de procedência ilícita (falsificações, contrabando, adulterações e reproduções ilegais).



Figura 12 - Bancas localizadas na Avenida Medianeira

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Em meio às bancas de objetos, existem as de produtos alimentícios suprimindo a necessidade dos participantes, exercendo a função de prover o alimento, que, de forma outra, seria impossível dar vazão à tamanha quantidade, variedade e demanda (fig. 13 e 14). Doces, salgados, churrasco, bebidas, principalmente refrigerante e cerveja, que são intensamente consumidos, principalmente no período da tarde e que também competem com o comércio da própria paróquia, que visa arrecadar fundos através da distribuição de produtos similares, menos bebidas alcoólicas. Não apenas as barracas, mas ambulantes fazem parte desse tipo de atividade, abordando de forma direta aos romeiros.

Falar na cultura de uma classe social é localizar os núcleos mais importantes de sua existência e as relações que as definem e caracterizam, procurando a sua expressão cultural. A religião é um desses núcleos que também se manifesta nas celebrações de caráter coletivo, assim como a Romaria da Medianeira, caracterizada

pela expressão dos romeiros, das suas relações com o objeto de fé e com o seu credo.



Figura 13 - Alimentos comercializados na festa



Figura 14 - Bebidas ao lado de objetos religiosos

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Uma procissão é um produto cultural, no qual aparecem concentrados diferentes aspectos fundamentais para a caracterização da identidade do grupo humano que a protagoniza. Uma festa popular religiosa é o produto de uma rede discursiva – religiosa, comercial, política, midiática, cultural, onde são refletidas as relações, motivações e mudanças do homem, em um contexto sócio-cultural, político e econômico.

Segundo Viviane Borelli (2003), a Romaria da Medianeira, é um exemplo dessas representações e relações. Ela é perpassada por fatores constitutivos de vários campos sociais: como o religioso, que organiza o evento; o midiático, que registra e divulga o acontecimento; o econômico, pois move o setor comercial e informal da cidade; o político, ao envolver a prefeitura e o estado e o cultural, constando no calendário oficial do município.

Uma romaria poderia então ser definida como um período de forte simbolismo, constituído pela sociedade em sua existência cotidiana. Nela estão representadas as hierarquias sociais, os conflitos, a estruturação da comunidade e

sua relação com as unidades maiores e menores com as quais se comunica, das quais depende, ou sobre as quais tem influência.

Durante a preparação de uma procissão ou qualquer festa religiosa, como a Romaria, a rotina diária de muitos fiéis devotos, é interrompida muitas vezes ao longo do ano pela sua quebra periódica e, para os que organizam, as festas não representam propriamente momentos de lazer, mas de trabalho, intenso e prazeroso, no seu preparo e na sua realização.

Durkheim (1989) estabelece relações íntimas entre religião e festas, entre recreação e estética, mostrando parentesco ou a proximidade entre o estado religioso e a efervescência, o delírio, os excessos ou exageros das festas. Ele vê na religião e nos valores em geral, a base dos fatos sociais e os fundamentos da estrutura social. Os limites entre o sagrado e profano, entre o rito religioso e a festa popular, embora possam ser definidos, estão muito próximos. Ele também salienta (1989, p. 452), a importância dos elementos recreativos e estéticos para a religião, comparando-os a representações dramáticas e mostrando que às vezes é difícil assinalar com precisão as fronteiras entre rito religioso e divertimento público.

Uma das expressões mais importantes presentes numa manifestação coletiva religiosa, principalmente por parte dos católicos, está nos objetos que são adquiridos pelos crentes, entre eles objetos bentos, terços, camisetas com figuras de santos, além de outros artefatos que compõe o aspecto mercadológico de algumas procissões, principalmente quando envolve algum tipo de turismo religioso. Esses objetos são feitos com vários tipos de materiais, dimensões, com funções diferenciadas – decorativo, doméstico, religioso – ganham importância para oromeiro ou peregrino não pelo objeto em si, mas por ser comprado num espaço de tempo de um evento considerado por eles santo: uma procissão. Esses objetos, os amuletos, fetiches e patuás que carregam em si, não só um sentido utilitário e decorativo, mas algo que ultrapassa uma mera existência.

... um objeto considerado como sagrado ou ligado ao sagrado, uma pessoa investida de relações rituais com o sagrado; uma situação ritual ou um modo pessoal ou coletivo de participação ritual possuem eficácia em si mesmos pelo modo como instrumentalizam uma relação efetiva de trocas entre o fiel e o santo ou divindade. O objeto, pessoa ou ritual, situação ou modo de participação são simbolicamente eficazes quando através deles é possível obter-se um benefício imediato e concreto (como ser curado de uma doença) ou mediato e difuso (como ser abençoado pelo Espírito Santo). (BRANDÃO 1978, p.145)

As reproduções de imagens, adaptações de objetos religiosos em objetos de consumo (fig. 15) tomam conta das procissões religiosas e aumentam ainda mais as proporções da indústria da fé. A produção em massa de artigos religiosos justifica-se, não só pelo abastecimento de bancas e procissões religiosas, mas também pelo atendimento aos modismos.



Figura 15 - Imagens representativas de Nossa Senhora aplicadas em colares

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Nas mais diversas manifestações religiosas podem-se encontrar materiais que se opõe à simplicidade formal, com o objetivo de adornar o cotidiano do fiel. Isso pode caracterizar o objeto religioso como um objeto *kitsch* devido suas cores fortes e materiais que simulam outros materiais - como o ouro - com a função decorativa (fig.16).

A aliança do *kitsch* com a religião é realizada no cotidiano - nos altares das casas, pequenas capelinhas e objetos de uso pessoal - e nas suas manifestações materiais fazendo uso dessas a seu favor, o que ocorre muitas vezes, segundo as palavras de Moles (1971, p.48) “reduções simultâneas ou isoladas de um sentimento religioso projetado em um objeto com sentido profano, como por exemplo os lenços

e gravatas enfeitados com a Virgem ou com outros símbolos religiosos deturpados em seu objetivo”. Há a distorção da função do símbolo em função da comercialização do mesmo.

Na medida em que a religião secular faz uso, segundo uma tradição corrente, da emoção estética que ela recupera a seu favor, está espontaneamente propensa, por razões de eficácia a fazer um apelo a maioria, e por esta via, á adaptar as normas da arte aos desejos latentes da maioria na medida em que a religião é capaz de captar essa emoção. Portanto, a arte religiosa encontra-se perpetuamente ameaçada pelo *kitsch* por onde sempre resvala. (MOLES, 1971, p.48)



Figura 16 - Objetos comercializados na Romaria da Medianeira

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

A experiência estética popular envolve também a relação do crente com o seu objeto de desejo, tantos nas suas oferendas, nas imagens de gesso, nas flores de plástico que dispõe em vasos decorativos, na organização do seu espaço de reza e na forma de agradecer o seu santo.

Shusterman (1998) diz que, tudo o que agrada à experiência mais popular e ao entendimento menos erudito é, portanto, relegado a um domínio artístico inferior e qualificado pejorativamente de *kitsch*, divertimento ou “indústria” de cultura popular. Sua apreciação e o *status* de seus admiradores são declarados

culturalmente ilegítimos, de tal forma que, no lugar de unificar a sociedade humana com seu poder comunicativo, a arte vem dividi-la entre amadores da verdadeira arte e a massa cega que se embriaga com seus falsos substitutos.

Condená-la por convir apenas a um gosto grosseiro e a um espírito rude das massas ignorantes e manipuladas equivale a nos colocar não só contra o resto de nossa comunidade mas também contra nós mesmos. Somos levados a desprezar as coisas que nos dão prazer e a sentir vergonha desse prazer. (SHUSTERMAN, 1998, p.100).

Diferente dos objetos artísticos muitas vezes inalcançáveis, os objetos *kitsch* - conhecidos como *cafonas* - se encontram em meio ao gosto popular, sendo agradáveis, prazerosos aos olhos e ao bolso de quem os consome, isto é, o da grande maioria. As relações entre o *kitsch* e a arte são particularmente ambíguas, sendo que o primeiro, se não é arte, é pelo menos o modo estético da vida cotidiana que se estabelece na maioria. Utiliza-se dos elementos da sociedade de consumo de cada época como subsídio para plasmar-se, e por isso tende a ser um referencial explorado na análise das qualidades estéticas contemporâneas.

Podemos ver as dimensões da indústria da fé, que se alastra como qualquer objeto *kitsch* vendável, tomando proporções tão grandes que reproduções são feitas aos milhares para agradecer graças alcançadas. A cada nova novena milagrosa, surgem também novos objetos que podem ser comercializados e que prometem a suposta proteção divina ao alcance das mãos e do bolso de qualquer fiel. É a “salvação eterna” conquistada através das cores e das formas decorativas dos objetos montados para que os olhos sejam convencidos da compra ou da busca por uma pequena lembrança benta aos familiares.

Muitos aspectos marcam a Romaria da Medianeira como portadora de referências visuais marcantes - entre elas o aspecto mercadológico que toma conta da procissão – e muitos são os discursos que permeiam entre elas. Tendo em vista a contundente informação visual oriunda da procissão e de toda a estrutura que envolve a sua realização, pode vir a ser um *objeto-evento* a ser inserido no contexto de aprendizagem local, incluindo no ensino da arte a leitura de imagens de um evento instituído numa cidade, considerado popular devido às manifestações espontâneas do povo.

Como cita Peter McLaren (1997, p.16) “o pluralismo, como filosofia do diálogo, deverá fazer parte integrante e essencial da educação do futuro” de que se trata um universo diversificado e provocativo, onde estão presentes expressões diferentes universos culturais, assim como manifestações das culturas populares e eruditas, da arte e da ciência, do artesanato e das distintas formas de comunicação de massa, formando um labirinto cultural. Para Canclini (1997) este labirinto esta dentro de um processo chamado “hibridação cultural”, que abarca distintas misturas interculturais. O autor aponta a necessidade de uma visão mais abrangente, onde não exista oposição entre o tradicional e o moderno, entre o culto, o popular e o massivo.

Em meio a essa hibridação, o ensino se faz presente como um dos principais mediadores dos processos constitutivos da cultura. É nele que a valorização das diversas identidades culturais, suas particularidades e contribuições específicas podem ser inter-relacionados de forma crítica e construtiva.

CAPÍTULO 2

ESTUDOS CULTURAIS E ENSINO DA ARTE: RELAÇÕES PEDAGÓGICAS ENTRE UMA PROCISSÃO RELIGIOSA E A LEITURA DE IMAGENS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

2.1 Conceito de cultura e outras *peregrinações* teóricas

A cultura é constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade social. Ela se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que as rodeia.

A cultura não é tanto um conjunto de obras, mas um conjunto de práticas, tendo relação com produção e intercâmbio de sentidos, isto é, o dar e receber sentidos entre os membros de uma sociedade ou grupo. Assim, a cultura deixa de ser considerada algo passivo e incorpora um sujeito que pode criar e agir sobre as coisas.

Construído sob diferentes abordagens, no século XIX, o termo cultura designava algo inerente a um povo e às suas habilidades e valores na formação de uma sociedade. Já no século XX, muda-se o conceito, perdendo seu sentido de processo para um índice ou estado a ser atingido pelos povos ainda não civilizados. Assim, viam a cultura como um fator de hierarquização da sociedade que segundo Frank Raymond Leavis e Mathew Arnold (apud COSTA, SILVEIRA e SOMMER,

2003, p.37), era uma forma de distinção entre “o que melhor se tenha pensado no mundo“, ou seja, a alta cultura e a cultura popular, constituía-se como “a outra face de uma suposta verdadeira cultura” (COSTA, 2004, P.16)

Em conjunto com seus seguidores, o crítico literário Leavis lança trabalhos sobre o declínio cultural que ocorreria diante dos movimentos de democratização cultural e o avanço da cultura de massa. Assim como cita Costa (2004):

Para Leavis, e seus seguidores, as mudanças decorrentes da Revolução Industrial haviam fragmentado em duas a vigorosa cultura comum inglesa dos séculos XVII e XVIII. De um lado estava a cultura das minorias – “o que de melhor se havia pensado e dito” – e de outro, em oposição antagônica, estava a cultura de massas, uma cultura comercial consumida pela maioria “inculta” (COSTA, 2004, p. 17-18)

De acordo com essa linha de pensamento, a cultura popular, ou cultura de massas seria a expressão da inculturação da grande maioria da população que não possuía acesso as grandes obras da literatura. Nesse sentido, novos conceitos, novos referenciais foram criados quando este panorama começa a ser contestado com o surgimento de obras que integravam a cultura popular à cultura em si.

No final da década de 50, surgem trabalhos como o de Richard Hoggart – *The uses of literacy* (1957) e Raymond Williams – *Culture and society* (1958), mais tarde com Edward P. Thompson com a obra *The making on the english working class* (1963), que lançavam um olhar para a cultura popular, analisando-a como integrante da cultura geral e outras questões. Inauguram-se assim os Estudos Culturais na Inglaterra, institucionalizado em 1964 na Universidade de Birmingham como *Centre for Contemporary Cultural Studies* - Centro de Estudos Culturais Contemporâneos. Essa nova forma de pensar a cultura ganha destaque por sua constituição teórica e política, podendo ser identificados como a política cultural de movimentos sociais que surgiram, transformando-se posteriormente na base da cultura de esquerda.

De acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003), os Estudos Culturais fazem parte de uma movimentação no campo da teoria cultural, surgida no panorama político do pós-guerra, na Inglaterra, por volta dos anos 60, propondo repensar a forma como a cultura vinha sendo analisada até a metade do século XX, esta que dividia a sociedade em alta cultura e cultura popular.

...com esta oscilação cambiante do significado, popular apontam para distinções entre o que é popularesco, rebuscado, *kitsch* e o que é sofisticado, despojado, minimalista. Como se percebe, as palavras têm história, vibram, vivem, produzem sentidos, ao mesmo tempo em que vão incorporando nuances, flexionadas nas arenas políticas em que o significado é negociado e renegociado, permanentemente, em lutas que se travam no campo do simbólico e do discursivo. Desde seu surgimento, os Estudos Culturais configuram espaços alternativos de atuação para fazer frente às tradições elitistas que persistem exaltando uma distinção hierárquica entre *alta cultura* e *cultura de massa*, entre *cultura burguesa* e *cultura operária*, entre *cultura erudita* e *cultura popular*. (COSTA, SILVEIRA E SOMMER, 2003, p.37)

Nelson, Treichler e Grossberg (1995, p.13) falam que os Estudos Culturais rejeitam a supremacia da alta cultura, pois “todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação às práticas culturais e às estruturas sociais e históricas”, comprometendo-se com os estudos de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade. Isto é, o conceito de cultura toma uma dimensão mais ampla, legitimando todas as manifestações culturais, populares ou não, seus produtos e relações e é através do seu estudo que se torna compreensível a forma como a sociedade moderna se constitui.

O conceito de cultura, partindo desse enfoque, torna-se mais amplo do que em trabalhos de teóricos anteriores, como os de Arnold e Leavis. Tratando-se dos Estudos Culturais, já não é cabível divisões denominadas alto e baixo elitismo. A cultura deve ser entendida como a totalidade das manifestações culturais, incluindo todas as manifestações populares, seus produtos e suas relações. E é na análise dessas diferentes representações, que, esse campo teórico acredita ser possível encontrar pistas de como a sociedade moderna constituiu-se. Ao efetuar a análise dessas práticas e relações, os Estudos Culturais consideram essenciais as relações de poder envolvidas nesses contextos e as forças históricas que nelas atuam.

Na tentativa de investigar a forma como as práticas sociais dos indivíduos influenciam no comportamento e nas relações entre os mesmos, os Estudos Culturais não são caracterizados como unívocos, pois surgem de diferentes abordagens teóricas, analisando as relações entre a produção cultural da contemporaneidade e a sociedade. Sendo de caráter anti-disciplinar, não possuem uma base disciplinar fixa, transitando por diferentes campos do conhecimento para produzirem seus trabalhos, caracterizados como um “tumulto teórico” segundo Costa, Silveira e Sommer (2003, p.39).

Devido ao seu viés marxista utilizado por alguns teóricos, os Estudos Culturais sofrem críticas, mas apostam na importância do marxismo que, de acordo com Escosteguy (2004, p. 144-145), contribuiu “no sentido de compreender a cultura na sua autonomia relativa, isto é, ela não depende das relações econômicas, nem de seu reflexo, mas tem influência e sofre conseqüências das relações político-econômicas”. A sua ligação com o marxismo se fortalece na medida em que a cultura não se desvincula dos aspectos econômicos e políticos da sociedade. Johnson (2004) acredita que o marxismo e os Estudos Culturais estão interligados três premissas principais:

A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade. A segunda é que a cultura envolve poder, contribuindo para produzir as simetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira que se deduz das outras duas, é que a cultura não é um campo autônomo, nem externamente determinado, mas um local de diferenças e lutas sociais. Isto, de forma alguma, esgota os elementos do marxismo, que, nas circunstâncias existentes, continuam ativos, vivos e valiosos, sob a condição apenas, de que também eles sejam criticados e trabalhados em estudos detalhados. (JOHNSON, 2004, p. 13)

Um dos mais importantes membros da Escola de Birmingham, Stuart Hall, aproximou-se da teoria de Gramsci devido à ineficiência do marxismo em responder as questões em relação à cultura, principalmente aos seus pressupostos sobre hegemonia e contra-hegemonia. Para Gramsci, o poder hegemônico nada mais é do que instituições e grupos que exercem o poder de dominação e a contra-hegemonia, que são idéias que contestam ao poder vigente. Nesse caso, a religião, entre outras forças, serviria para plasmar a hegemonia dominante, usando um tipo de dominação ideológica em nome da ordem social vigente num determinado contexto.

Contrariando as críticas em relação à sua indefinição teórica, Sardar e Van Loon (1998 apud COSTA, SILVEIRA E SOMMER, 2003, p. 43) citam cinco fatores que clarificam a constituição:

O primeiro é que seu objetivo é mostrar as relações entre poder e práticas culturais; Expor como o poder atua para modelar estas práticas. O segundo é que desenvolve os estudos da cultura de forma a atentar, captar e compreender toda a sua complexidade no interior dos contextos sociais e políticos. O terceiro é que neles a cultura

sempre tem uma dupla função: ela é, ao mesmo tempo, o objeto de estudo e o local da ação e da crítica política. O quarto é que os estudos culturais tentam expor e reconciliar a divisão do conhecimento entre quem conhece e o que é conhecido. E o quinto, finalmente, refere-se ao compromisso dos estudos culturais com uma avaliação moral da sociedade moderna e com uma linha radial da ação política.

Colocando o poder no centro das significações culturais, pode-se ligar o campo dos Estudos Culturais ao pensamento de Michel Foucault, principalmente no que confere a alguns dos aspectos do seu pensamento, entre eles o discurso. De acordo com Foucault (1987, p.56) os discursos “não são conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis ao uso da língua e ao ato da fala”.

Com os discursos vêm também o poder ou, como diz Costa (1998, p.41), “o jogo de correlação de forças”. O poder alimenta as representações e encontra voz nos discursos – é algo sempre “disseminado e circulante”. É através das representações, dos discursos, que o poder tanto estabelece o que é válido e legítimo, quanto institui ‘realidades’, dizendo o que é certo e o que é errado, o que é normal e o que não é.

Ainda nessa perspectiva, os escritos de Foucault também se aproxima do campo dos Estudos Culturais a partir da perspectiva pós-estruturalista³, na tentativa de redefinir o que o poder significa, imaginando-o “não como algo exercido por indivíduos ou grupos, mas como constituinte das relações que existem entre grupos” (Edgar e Sedgwick, 2003, p.247), sendo os discursos uma expressão das relações de poder, sendo eles próprios, incorporações do poder. O engajamento do pensamento de Michel Foucault e dos Estudos Culturais ao pós-estruturalismo relaciona-se ao fato de que não há um modelo a priori a seguir, uma metanarrativa a nos guiar e sim, somos construídos pelas condições históricas e de possibilidades.

³ De acordo com Edgar e Sedgwick (2003), o Pós-Estruturalismo é o movimento de diversos campos – crítica, literária, estudos culturais, teoria política, sociologia, etnografia, historiografia, psicanálise – onde tem as suas concepções voltadas à não existência de “verdades absolutas” identificadas pelos estruturalistas, onde a verdade está no contexto histórico de cada indivíduo. Abre-se um espaço de para os “sujeitos plurais” e de idéias descentralizadas a respeito dos mesmos.

Além da noção de “realidade” ou a “verdade”, que para Foucault, são coisas constituídas nas correlações de forças e de jogos de poder, nos Estudos Culturais também são empregados com frequência, além dos conceitos de discurso, o de linguagem e narrativa, todos com significados voltados a instituições de representações que permanecem como uma verdade. Costa (2004) entende por representações “noções que se estabelecem discursivamente, instituindo segundo critérios de validade e legitimidade vinculados a relações de poder”, não sendo fixas, nem expressando um “suposto”, “correto”, “verdadeiro”, como ela mesmo cita.

As formas de representação ganham força através do discurso, o que Stuart Hall (1994, p.295) se refere aos mesmos como produtores de conhecimento significativo sobre aquilo que eles falam, pensam ou representam. E “este conhecimento influencia as práticas sociais, e portanto, tem conseqüências e efeitos reais”. Discursos não são reduzidos aos interesses de classe, mas sempre operam em relação ao poder – “são parte das vias pelas quais o poder circula e é contestado”.

2.2 A centralidade da cultura na prática educativa

A centralidade da cultura no ensino implica dar atenção as diferentes manifestações culturais, que, de acordo com Costa (2000, p.33), vem chamando a atenção “para a forma como a cultura investe, hoje, em cada recanto da vida social, não podendo mais ser concebida com o sentido restrito de acumulação de saberes ou de processo estético, intelectual e espiritual”.

Silva (2006) cita que,

Embora a cultura possa ser muitas outras coisas (modo de vida, prática material etc.), ela é, também fundamentalmente a prática de significação. A cultura é feita, nessa perspectiva, de formas de compreender o mundo social, de torna-lo inteligível. Ela está centralmente envolvida na produção de formas de inteligibilidade. A cultura diz respeito, sobretudo, à produção de sentido. (SILVA, 2006, p. 17)

A abordagem dos Estudos Culturais, nos espaços formativos, como faculdades e cotidianos escolares possibilita a formação de uma criticidade voltada às questões e instituições que compõem a sociedade. Ultrapassando uma prática pedagógica restrita a reprodução de conhecimento, rompe perspectivas disciplinares e aposta em um trabalho mais amplo, onde, segundo COSTA, SILVEIRA e SOMMER (2003, p.54), “questões como cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica”.

Nesse caso, os Estudos Culturais ampliam a nossa perspectiva em relação ao contexto em que a educação acontece, onde não é somente na escola e o professor que são responsáveis pela educação, e sim, outros mecanismos que estão presentes no nosso cotidiano e que contribuem para a nossa formação e construção das representações.

Possibilitando uma nova perspectiva cultural para a educação, esse campo de ação teórico-política se fundamenta numa prática educativa democrática e social, valorizando as diferenças e as novas possibilidades de construção de conhecimento a partir delas. Resignifica o papel da educação - e da atividade docente como mediadora entre o aluno e a sociedade - ao questionar as relações entre cultura e poder e os discursos presentes nos artefatos culturais – assim como uma procissão - o que faz da educação um ato político, onde as diferenças culturais são enfatizadas na formação das identidades dos professores e dos educandos.

Centrar a prática educativa nos fenômenos culturais não implica reduzir tudo à cultura; significa sim, assumir que “a cultura é uma das condições constitutivas de existências de toda prática social, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que haja nada além do *discurso*, mas que toda prática social *tem seu caráter discursivo*”. (Hall, 1997, p.33). De acordo com Rose (2001) discursos são de manifestações que estruturam a maneira como uma coisa é pensada e maneira em que atuamos baseados no que pensamos, sendo um conhecimento particular sobre o mundo em acordo a como o mundo é compreendido e como as coisas são feitas nele.

A ênfase no entendimento de práticas culturais deve a um conceito de cultura associado à idéia de prática que aponta para o sentido de ação, de agência humana, isto é, a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência

passiva, mas um grande número de intervenções que podem tanto mudar a história ou transmitir o passado. A cultura é uma região de disputas e de conflitos acerca do sentido; cultura diz respeito aos enfrentamentos entre modos de vida diferentes devido à existência de relações de poder.

.... a cultura está imbricada indissolavelmente com relações de poder, derivam dessas relações de poder a significação que é relevante culturalmente para cada grupo. Isso significa, então, uma desnaturalização da cultura, isso é, significa que, para os Estudos Culturais, não há sentido dizer que a espécie humana é uma espécie cultural sem dizer que a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos de poder. (VEIGA-NETO, 2004, p.40)

Vemos hoje uma intensa proliferação de culturas, que nada mais são do que territórios, instituições ou atividades produzindo e fazendo funcionar um universo próprio de práticas e de significados (Costa, 2000, p.34). Frente a chamada cultura da imagem, o ensino da arte pode se tornar mais abrangente e coerente com a realidade da sociedade, principalmente quando se dá a devida importância à leitura de imagem, sendo ela a ponte entre o olhar e a consciência do que se vê.

É preciso evidenciar estas estratégias de persuasão que produzem os discursos dos quais fazem parte às imagens, para desenvolver posicionamentos críticos e alternativos diante deles. Veiga-Neto (2000, p.56 - 57) cita que “os discursos podem ser entendidos como histórias que, encadeados e enredados entre si, se complementam, se completam, se justificam e se impõe a nós como regimes de verdade”, o que faz relevante o ato de pensar sobre o visual em termos de significação cultural, práticas sociais e relações de poder nas quais estão implicadas, como também sobre as relações de poder que produzem e se articulam através das imagens e que podem ser favorecidas pelas maneiras de ver, imaginar e produzir representações.

Constituídos por séries discursivas que instituem um conjunto de significados mais ou menos estáveis, os regimes de verdade estabelecem, ainda de acordo com o mesmo autor, “o pensável”, onde fora dele nada faz sentido. E são esses significados e através deles que damos sentidos às nossas vidas, tendo o domínio simbólico num determinado espaço de tempo.

Na perspectiva que aqui interessa, a questão, entretanto, é pensarmos a cultura para além do *domínio material* – isso é, do domínio dos objetos e das práticas envolvidas com esses objetos. A questão é pensarmos a cultura, também ao mesmo tempo, no *domínio simbólico*: como significados os objetos e as práticas e, ao fazermos isso, abstraímos e transferimos esses significados para outros contextos; e ao fazermos essa transferência, como os resignificamos. (VEIGA-NETO, 2000, p.57)

A busca pela compreensão dos múltiplos significados de uma festa popular, como a Romaria da Medianeira, não somente a partir do significado histórico e social que a condicionaram, mas a partir dos discursos engendrados nas suas referências visuais e das práticas que a legitimaram consiste num movimento simultaneamente horizontal e vertical estabelecidos entre os sujeitos e a cultura, lançando um olhar crítico para suas “janelas visuais” constituintes desta paisagem rica de significados e possibilidades pedagógicas.

2.3 Um olhar sobre a imagem: implicações do ensino da arte frente à cultura

A necessidade de haver uma percepção ativa no que diz respeito aos valores estéticos da sociedade ou de um acontecimento, é fundamental para o desenvolvimento de uma educação estética, onde sejam discutidos, analisados e avaliados aspectos do cotidiano, assim como das manifestações materiais da cultura, como por exemplo a existência das procissões e a visibilidade da fé, que faz com que os objetos tornem-se símbolos de uma cultura dominante sobre o povo é repartida entre ele de diversas formas.

A imagem agrega significados, formas, comportamentos no cotidiano da sociedade e se concretiza em gestos, formas, acontecimentos culturais, através da qual a sociedade exerce a sua criatividade, sendo um testemunho antropológico, seja ela da arte ou da cultura. Estando constantemente presente no nosso cotidiano, a imagem constitui a nossa cultura visual e a nossa identidade.

De acordo com Meira (1990, p.131) a imagem, pelo modo como permite interações, produz formas de comunicação que podem, ou não, corresponder às

experiências simbólicas, trocas intersemióticas entre sujeitos, construção de sentidos e significados coletivos. Ela é sempre modelada por estruturas profundas ligadas ao exercício de uma linguagem, assim como à vinculação a uma organização simbólica (a uma cultura, a uma sociedade), sendo um meio de comunicação e de representação do mundo, que tem lugar em todas as sociedades humanas.

Para Aumont (1993, p.77)

As imagens são feitas para serem vistas, por isso convém dar destaque ao órgão da visão. (...) esse órgão não é um instrumento neutro, que se contenta em transmitir dados tão fielmente quanto possível mas, ao contrário, um dos postos avançados do encontro do cérebro com o mundo: partir do olho induz, automaticamente, a considerar o sujeito que utiliza esse olho para olhar uma imagem, a quem chamaremos, ampliando um pouco a definição habitual do termo, de espectador.

O processo de leitura de uma imagem é um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, onde o espectador apropria-se de um determinado objeto de conhecimento, constrói representações e as interpreta. O ato de ler uma imagem envolve a sua compreensão, interpretação, descrição, decomposição, recomposição para apreendê-la como objeto a conhecer. Barbosa (1990), ao falar sobre a leitura, fala que aprender a ler é aprender a explorar um texto (uma imagem), lenta ou rapidamente, dependendo da intenção do leitor. É buscar compreendê-la num ato flexível, múltiplo, diverso, que é o da leitura, onde a imagem permite uma infinidade de leituras devido às relações que seus elementos sugerem.

Na leitura da lição não se busca o que o texto sabe, mas o que o texto pensa. Ou seja, o que o texto leva a pensar. Por isso, depois da leitura, o importante não é que nós saibamos do texto o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto – nós sejamos capazes de pensar. (LARROSA, 1998, p.177)

A leitura requer do leitor participação, pois é necessário que ele perceba, sensível e cognitivamente, o significado da imagem, “vasculhar” o texto visual, decompor os seus elementos constitutivos e expressivos, depois, reagrupá-los num todo, para poder inter-relacioná-los na construção do seu conhecimento. Ao ler, entrelaçamos informações do objeto, suas características formais, cromáticas e as

informações do leitor, seu conhecimento a cerca do objeto, suas interferências, sua imaginação.

A leitura de imagem depende do que está em frente e atrás dos nossos olhos, pois o nosso olhar não é ingênuo. Ele está comprometido com nosso passado, nossas experiências, com nossa época e lugar, com nossos referenciais e, por isso, não se pode ter uma única visão, uma só leitura, mas sim devemos lançar múltiplos olhares sobre um mesmo objeto (Pillar,1999).

Interpretar o mundo visual significa perceber que não há apenas coisas presas no jogo combinado das linhas e cores, dos modelos e matérias, existindo, também, o meio em que eles se inserem. Isto seria a “atmosfera” que envolve o objeto real nos contextos. Ao descobrir-se capaz de sentir a atmosfera presente nos contextos, o ser humano não consegue ficar indiferente à beleza do mundo, como também reagirá ao “feio” das desumanidades (Huyghe, 1965, p.36).

As ofertas visuais da cultura cotidiana criam um cenário com atores acontecimentos e, dentro desse quebra-cabeças de peças visíveis, outras invisíveis, temos que encontrar meios para pensar a experiência humana, como artistas e educadores. Por isso, se faz importante a leitura dessas peças, o contato e a decodificação desses cenários e das suas intenções, para que se possa construir conhecimentos diante do nosso objeto de análise, isto é, da imagem ou do fato cultural que se quer abordar.

O olhar de sobrevôo sobre o cotidiano mostra em parte o que acontece como experiência visual, menos ainda como saber de visibilidade. Informações visuais chegam aos nossos corpos, lugares, casas, objetos de trabalho. É preciso desenvolver olhares que perfurem as redes imaginárias que se estendem sobre esse cotidiano para aprender a paisagem dos acontecimentos virtuais e reais, fazer os discernimentos éticos, estéticos e políticos e que essa apreensão demanda, para uma educação do olhar. (MEIRA, 2003,p.55)

A expansão de sistemas simbólicos iconográficos, a presença das imagens no cotidiano trouxe consigo grandes controvérsias, não só para a cultura mas especialmente para a educação. A educação do olhar tornou-se um imperativo, representando um dispositivo para a cidadania, compatibilizando imagens do

cotidiano a estudos estéticos sobre arte e cultura. Mas, de acordo com Meira (2003) para que essas imagens traduzam valores humanos, precisa contextualizar-se na vida desses sujeitos, tornar-se mediadora entre seu imaginário e o imaginário social, como algo inserido na sua cultura, na sua, vida.

Um benefício social que as artes plásticas podem prestar é dar a ver como as imagens estão afetando nossas formas de pensar, nossos gestos, nossas maneiras de sentir, nos mobilizando para a ação, a inércia ou reação. A educação visual é um esforço para compreender as estratégias cognitivas, estéticas, mitológicas, pedagógicas, ideológicas que estão no cotidiano, reservatório sensível de atuações reais. Ela terá que ser desenvolvida em cumplicidade com a educação estética das artes plásticas.(...) Eu vejo tal educação como uma travessia pelos múltiplos níveis simbólicos fora da arte e dentro dela incorporados, uma vez que a arte quando tal produção simbólica permite relacionar arte e vida. (...) A experiência singular de sensibilidade diz respeito a vivências. Elas estão presentes nas práticas desenvolvidas em arte e na forma pela qual situações pedagógicas podem ser propostas com arte. A crítica, a história, os conceitos acontecem de modo materialmente sensível a partir das situações e propostas, mediante configurações que os fatos assumem, através de imagens que fazem pensar. (MEIRA, 2003, p. 66-73)

Maria Helena Martins (1994) diz que inúmeras concepções vigentes e atuações sobre leitura podem ser sintetizadas em, de um lado a leitura como decodificação mecânica e, de outro, a leitura como um processo de compreensão.

Ao reformular as práticas discursivas em arte, normalmente meramente retransmissoras de informações e ainda tão em voga nas escolas brasileiras, o ensino da arte modifica-se aos poucos em prol de uma postura mediadora ante a produção de conhecimentos por parte dos educandos.

Hoje em dia, tendo em vista as atuais orientações curriculares geradas a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é fundamental que diferentes temas/assuntos se relacionem com o universo amplo ou particular de diferentes sujeitos sociais situados nos mais diferentes contextos sociais, espaciais e temporais. Essa condição constitui-se portanto, um princípio fundamental que pode contribuir decisivamente para que os professores e educandos se percebam como sujeitos sociais e construtores de conhecimentos.

Frente a tais considerações, os temas e as reflexões em Arte devem ser contextualizados ao cotidiano dos alunos, para que novos significados sejam

construídos a partir da mediação entre a sua cultura visual e as reflexões resultantes das análises de diferentes obras e imagens, ou contextos relacionados às relações sociais particulares e gerais, nas quais os educandos estão imersos. A leitura de imagem ganhou importância dentro do processo de conhecimento em arte e a partir dela surgiram várias concepções e modos de trabalhar a imagem na sala de aula.

As tendências que surgiram no ensino da Arte, a partir dos questionamentos sobre a atividade pedagógica em arte, fizeram com que referências conceituais passassem a fundamentar o currículo escolar, definindo seus contornos. Dessa forma, desenvolveram-se pesquisas que trouxeram importantes contribuições para as propostas pedagógicas, essas que levaram em conta tanto os conteúdos a serem abordados em sala de aula quanto os processos de aprendizagem do educando.

No Brasil, modificações no ensino da Arte integraram diferentes orientações tanto na formação, na atuação dos professores e políticas educacionais quanto nos enfoques filosóficos, pedagógicos e estéticos. De acordo com Pillar (1990), a partir dos anos 80, devido às novas bases conceituais e revisado quanto a sua relação com as pesquisas contemporâneas em arte, os educadores preocuparam-se em adequar as suas propostas educativas, havendo uma maior ênfase na leitura de imagem, que deixa de ser meramente mecânica, passando a ser um processo de compreensão e de contextualização histórica.

Na contemporaneidade, uma maneira de abordar a educação das Artes Visuais “que vai além de uma concepção espontânea de aprender e do essencialismo estético” (Hernández apud FRANZ, 2003, p.11), onde se media a aprendizagem a partir das relações estabelecidas entre imagens e seus contextos de produção é a proposta de “Compreensão crítica da Cultura Visual” no âmbito escolar, assim denominado por Fernando Hernández, responsável pelo mesmo.

Compreender é uma virtude cognoscitiva e experiencial de tradução entre um original, isto é, uma informação, um problema, e o conhecimento pessoal e grupal relacionado com ela. Essa relação implica estabelecer trajetórias entre o passado e o presente, entre os significados que diferentes culturas dão à manifestações simbólicas e às versões dos fatos que são objetos de estudo. Implica também níveis de compreensão, pois ainda que em termos gerais tudo seja válido, nem tudo tem o mesmo valor”. (Hernandez, 2000, p.184)

Dentro dessa perspectiva educativa, são levados em conta nas propostas pedagógicas os discursos mediados pela imagem, analisando suas estratégias de persuasão e as relações de poder contidas nelas; a explicitação das diferenças culturais e sociais da imagem; e a construção de relatos visuais, exploração e análise dos artefatos visuais na construção do olhar. Assim, ao trabalhar com a cultura visual, a prática pedagógica em arte permite ao aluno situar-se diante do mundo com um olhar diferenciado e com uma atitude de compreensão crítica frente às suas imagens.

Utilizando-se de uma “metodologia visual crítica”, fundamentada em Rose (2001), são utilizadas como estratégias:

- Pensar sobre o visual em termos de significação cultural, práticas sociais e relações de poder nas quais estão implicadas (as imagens e as práticas de visualidade: maneiras de olhar e de produzir olhares);
- Pensar sobre as relações de poder que produzem e se articulam através das imagens e que podem ser favorecidas pelas maneiras de ver, imaginar e produzir representações.
- Afrontar as representações da cultura visual e das artes visuais como discursos que refletem práticas culturais. (Hernández apud FRANZ, 2003, P.13)

A educadora Terezinha Sueli Franz (2003) se utilizou desta teoria e de seus princípios para a construção uma proposta baseada em âmbitos de compreensão da arte, de caráter interdisciplinar, tendo como objeto de estudo a obra *Primeira Missa no Brasil* (1860) de Victor Meirelles de Lima (1832-1903). Suas principais preocupações era investigar as concepções dos estudantes sobre essa pintura de caráter histórico, para junto com eles construir estratégias para a sua compreensão crítica e realizar melhores aprendizagens através da arte, estabelecendo conexões entre diversos conhecimentos. A partir da realidade pessoal, social e cultural dos alunos, são construídas estratégias e recursos para interpretar o mundo no qual vivem e que possam escrever sua própria história partindo de alguns princípios dentro da ação pedagógica. Leva-se em conta suas pré-concepções relativas ao tema sobre o qual pretende-se mediar, fazendo com que aprendam com mais profundidade e, em contrapartida, que aprendam a usar os novos conhecimentos para entender e melhorar o mundo individual e social.

Nesse sentido, ao abordar a obra de arte como um fenômeno cultural, segue-se uma perspectiva que considera as obras mediadoras de significados sobre o tempo e o espaço dos quais elas fizeram parte, priorizando a sua interpretação do que apenas a sua percepção. Franz (2003) acredita que o estudo dos objetos artísticos deve ser transdisciplinar, buscando desvelar outras concepções nas quais a leitura formal da imagem não é suficiente.

Olhar as pinturas como representações sociais, e não puramente estéticas, é o que nos permite entendê-las em vários âmbitos de compreensão que transpassam disciplinas como a História (social e cultural), a Antropologia, a Estética, a Pedagogia e a biografia dos indivíduos. (Franz, 2003, p.140)

Assim, a autora denomina que as representações visuais podem ser compreendidas a partir de vários âmbitos, interconectados entre si, e que envolvem os significados histórico/antropológico, estético/artístico, pedagógico, biográfico e o crítico/ social:

- **Âmbito histórico/antropológico:** leva em conta a compreensão do significado de uma imagem refere-se ao seu discurso visual e à vida da sociedade ali representada, sendo reflexo de determinado contexto histórico, político, social e cultural.
- **Âmbito estético/artístico:** refere-se à compreensão e relação entre a imagem e a relação entre o seu produtor, origem e o público-receptor, compreendendo a obra como um sistema de representação visual, um conjunto de códigos simbólicos e referências culturais.
- **Âmbito pedagógico:** aborda o desenvolvimento cognitivo a partir da representação da imagem e a sua relação com o ensino da arte.
- **Âmbito crítico/ social:** ajuda na interpretação e compreensão crítica da conjuntura política, econômica, social e cultural que a imagem está inserida.
- **Âmbito biográfico:** considera as representações culturais, as manifestações artísticas e/ou imagens e/as obras de arte e a forma como elas fomentam uma relação com os processos identitários, construindo valores, crenças e visões sobre a realidade.

O ensino da arte, em todos os níveis, voltado para a compreensão, possibilita o encontro com múltiplos significados em uma mesma imagem, cuja leitura se estende em diferentes níveis de complexidade, do mais superficial ao mais crítico. Neste sentido, através da abordagem de Franz (2003) e dos âmbitos compreensão, pensa-se estar buscando na formação de professores de Artes Visuais novos modos de ver, ler e interpretar o significado de um fato cultural - como a Romaria da Medianeira - dentro de uma complexidade mais aprofundada, para que, através da leitura de imagem, seja ultrapassado o “mero olhar” para aquilo que se repete anualmente, buscando um olhar crítico frente a um artefato cultural.

Muito mais do que assimilar dados e significados, a educação para uma compreensão crítica da imagem relaciona estes dados entre si, implicando num comprometimento com o aprendiz, para compreender até que ponto os objetos culturais podem ajudar a construir visões de mundo sobre nós e sobre o mundo social.

2.4 Compreensão crítica da cultura visual e Estudos Culturais: a formação de professores numa perspectiva contemporânea.

Na contemporaneidade, a formação de professores de Artes Visuais deve estar preocupada com um constante estado de pensar e refletir criticamente a sociedade e as manifestações da cultura visual que dela faz parte. A redefinição da formação docente, voltada à uma perspectiva cultural, possibilita ao futuro professor um espaço de subjetividades que implica em transformações dos *modos de ver* frente a cultura e seus ‘regimes de verdade’ – verdades que se colocadas em funcionamento, há um conjunto de práticas discursivas. Assim o ensino da arte assume uma perspectiva contemporânea ao pensar numa educação estética-crítica-social, analisando os discursos que as imagens produzem.

Na atualidade há uma busca incessante por novas metodologias de ensino e aprendizagens de artes, estas que começam a articular mudanças na educação como um todo. Uma das formas de conhecimento reflexivo em arte se dá pelo o que se denomina Estudos da Cultura Visual, onde parte-se do contexto do que é próximo

do educando para contextualizar o conteúdo a ser mediado, utilizando um texto visual para o conhecimento crítico de um meio sociocultural. Assim, como também nos Estudos Culturais, rompe-se barreiras disciplinares na tentativa de gerar conhecimentos em consonância com a contemporaneidade e que, segundo Freedman (1994), apresentam imagens carregadas de referências culturais que estão vinculadas a outras imagens e que constituem uma trama de significados. Por isso, é importante abordar os Estudos Culturais no ensino da arte, pois tratam, principalmente, de problemas relacionados às manifestações da cultura e da referência pós-moderna, ao multiculturalismo e aos fenômenos ligados à globalização.

Os Estudos Culturais possibilita uma nova perspectiva cultural para a educação no momento em que se fundamenta numa prática educativa democrática e social, ao valorizar as diferenças culturais de cada sujeito integrante do processo educativo, ajudando no ato de aprender a olhar para a diversidade.

Richter (2002, p. 91), utilizando-se da estética do cotidiano, descreve a necessidade de identificar as contribuições de uma reflexão interdisciplinar no ensino da arte, enfatizando a estética como elemento necessário do processo do ensino da arte.

O nosso entender, no ensino da arte deve se caracterizar por uma educação predominantemente estética, em que os padrões culturais e estéticos da comunidade e da família sejam respeitados e inseridos na educação (...)

A cultura popular representa para Roger Simon e Henry Giroux (1994), não só um contraditório terreno de luta, mas também um importante espaço pedagógico onde são levantadas relevantes questões sobre os elementos que organizam a base da subjetividade e da experiência do aluno. “Situada no terreno do cotidiano, a cultura popular quando valorizada e legitimada no currículo escolar é, em consequência disso, apropriada pelos alunos e ajuda a validar suas vozes e experiências.” (p.96).

Giroux (1995) crê na riqueza dos espaços formativos como possibilidade de integração aos Estudos Culturais e, juntamente com a leitura de imagem, pode oferecer à prática educativa em arte e à formação docente a constituição de uma

prática de abordagem crítica ao ensino da arte na sociedade contemporânea. O mesmo autor cita que

Os Estudos Culturais desafiam o papel tradicional dos/as professores/as com meros transmissores/as de informação. Eles insistem que os professores/as são produtores/as culturais profundamente implicados/as nas questões públicas e fornecem uma nova linguagem para educar os/as professores/as e os/as administradores/as em torno da questão do serviço público. (GIROUX, 1995, p.101)

O ponto estratégico dos Estudos Culturais está baseado nas relações entre cultura, conhecimento e poder e o estudo dessas relações é que estaria possibilitando para a educação, e para a formação de professores, uma nova perspectiva cultural e a construção de um novo olhar sobre ela. A prática pedagógica torna-se um ato político, e não de transmissão de conhecimentos e o professor deixa de ser quem apenas professa o seu saber. Assim, eles trazem para o campo da educação uma visão de conhecimento que rompe com as perspectivas disciplinares e aposta em um trabalho mais amplo, onde, de acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003, p.54), “questões como cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica”.

O professor, constituinte e atuante na sociedade, é um dos principais mediadores do processo de construção da consciência crítica do aluno em relação ao seu meio cultural. Portanto, o professor, por fazer parte de instituições formativas em diferentes níveis, ele deve ter seu olhar ávido aos discursos e narrativas, sejam eles verbais ou visuais, que influenciam no cotidiano do aluno, na cultura da qual faz parte.

A compreensão crítica aborda a cultura visual como um campo de estudo transdisciplinar, multireferencial que pode tomar seus referentes da arte, da arquitetura, da história, da psicologia cultural, da psicanálise lacaniana, do construcionismo social, dos estudos culturais, da antropologia, dos estudos de gênero e mídia, sem fechar-se nessas ou somente sobre essas referências. Essa proposta ampla enfatiza que o campo de estudos não se organiza a partir de nomes de artefatos, fatos e ou sujeitos, mas sim de seus significados culturais, vinculando-se à noção de mediação de representações, valores e identidades.

Para Hernandez (2007), um estudo sistemático da cultura visual pode proporcionar uma compreensão crítica do seu papel e de suas funções sociais, como também de suas relações de poder, indo além da apreciação ou do prazer que as imagens nos proporcionam. Sendo assim, a cultura visual é uma área de investigação e iniciativa curricular um campo de estudos que envolve a construção do visual nas artes, na mídia e no cotidiano, onde a imagem é vista como um meio de construção de significados produzidos em diversos contextos culturais.

A qualidade da prática educacional, neste caso no ensino das Artes Visuais, é fundamental para construção do conhecimento em sala de aula e, por isso, a formação inicial do professor depende dos conhecimentos adquiridos e do exercício do seu olhar durante sua trajetória enquanto universitário. O exercício do olhar torna-se imperativo para o futuro docente tanto em formação inicial quanto continuada, pois envolve também a responsabilidade pela construção do olhar do educando frente às diversas manifestações culturais da contemporaneidade, pensando no 'ser professor' e no seu campo de atuação profissional, seja ele formal ou em espaços emergente.

Trabalhar com as imagens do cotidiano ou de um fato/evento cultural, como uma procissão religiosa como a de Nossa Senhora Medianeira, como já referido anteriormente supõe ampliar o conceito de arte de um sentido mais restrito e excludente, para um sentido mais amplo de experiência estética, sendo possível combater os conceitos oriundos da visão das artes visuais como "belas artes", "arte erudita" ou "arte maior", em contraposição a idéia de uma inferioridade de uma esteticidade popular ou em "arte menor", assim como encontradas na religiosidade. A ampliação da consciência visual possibilita a construção de um repertório de imagens significativas para os sujeitos, capacitando o indivíduo a imaginar, criar, compreender, ressignificar, criticar.

Segundo Mirzoeff (2003), a visualização é a característica do mundo contemporâneo, mas isso não significa que se conheça necessariamente aquilo que se observa. A distância entre a riqueza da experiência visual na cultura contemporânea e a habilidade para analisar esta observação cria a oportunidade e a necessidade de converter a cultura visual em um campo de estudo. Mirzoeff afirma que a cultura visual é uma "tática para estudar a genealogia, a definição e as funções da vida cotidiana pós-moderna a partir da perspectiva do consumidor, mais

que do produtor" (p.20). Enfatiza que não se trata de uma história das imagens, nem depende das imagens em si mesmas, mas sim dessa tendência de plasmar a vida em imagens ou visualizar a existência, pois o visual é um "lugar sempre desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial" (p.20). No sentido, a cultura visual é uma estratégia para compreender a vida contemporânea, e não uma disciplina acadêmica.

Do mesmo modo que os Estudos Culturais tratam de compreender de que maneira os sujeitos buscam dar sentido ao consumo na cultura de massas, a cultura visual dá prioridade à experiência cotidiana do visual, interessa-se pelos acontecimentos visuais nos quais o consumidor busca informação, significado e/ou prazer conectados com a visualidade.

Para Campos (2002, p.115) "educar o nosso modo de ver e observar será extremamente importante para a transformação e a tomada de consciência de nossa participação na realidade do cotidiano", o que requer a constituição de uma maneira de propor a compreensão das imagens e dos objetos históricos através das suas representações. Se faz necessário o cultivo de um olhar sensível do professor, desde a sua formação inicial, que desvele a possibilidade de ser um agente mediador que instaura a consciência visual sobre a experiência cotidiana do aluno bem como desenvolver capacidades específicas, voltadas para a atuação na sociedade em que o estudante está, vive e à qual pertence, bem como valorizar a cultura local que ele presencia.

É possível incentivar o educador contemporâneo à compreensão dos discursos visuais que permeiam e modificam sua realidade, o instigando as diferentes maneiras de perceber as imagens. A possibilidade de modificação e redirecionamento do olhar do professor em formação inicial, vem ao encontro à sua futura prática educativa, na medida em que ele possa oportunizar aos seus futuros educandos um ensino de arte comprometida com a compreensão crítica da arte e das imagens que os rodeiam. Por esse motivo o ensino na arte deve ser constantemente pensado e discutido dentro de uma pedagogia intrínseca no mundo sócio-cultural e simbólico do aprendiz.

A análise de diferentes dimensões da cultura em que estamos imersos, tomamos consciência de que o professor deve buscar uma sensibilidade do olhar para os fatos e objetos constituintes das diversas culturas. Nessa direção, não

diferencia-se *alta ou baixa cultura*, abandonando uma visão elitista e preconceituosa, e enxergando, por exemplo, numa procissão a possibilidade de interpretação e análise de uma prática cultural. Sendo assim, o professor de artes visuais, na sua formação, deve entrar em contato com os códigos culturais e o reconhecimento de vários contextos, o que envolve a consideração da diversidade e do pluralismo de manifestações como um recurso e uma força para a prática educacional.

Ao abordar as referências visuais da Romaria numa prática educativa com os alunos da Licenciatura em Artes Visuais, é proposto um exercício do olhar para o professor em formação inicial: as imagens registradas nesta manifestação religiosa são utilizadas a fim de proporcionar uma maior aproximação do futuro docente de um evento histórico que envolve a cidade e que faz parte de uma memória coletiva religiosa. Esse fato envolve os discursos de uma religião e o seu poder sobre os que acreditam nela, tendo estratégias para que seu culto permaneça através da institucionalização de uma festa dita popular, como a Romaria da Medianeira.

Uma prática educativa durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais deve ser enriquecida com os conteúdos e as competências para se poder compreender e respeitar o pluralismo cultural. O educador deve compreender que a fonte de sua aprendizagem é sempre a sociedade e que no processo de educação não existe desigualdade essencial entre seus sujeitos, mas um encontro “híbrido” pelo qual um e outro se educam reciprocamente.

PARTE 2

CAMINHOS DE UMA PEREGRINAÇÃO INVESTIGATIVA

CAPÍTULO 3

DE QUE *PEREGRINAÇÃO* SE TRATA? OBJETIVOS, INTENÇÕES E QUESTIONAMENTOS

3.1 Do que se fala...

A temática abordada nesta pesquisa centrou-se na leitura de imagens da Romaria da Medianeira sob o enfoque dos Estudos Culturais numa possibilidade de prática educativa na formação inicial de professores de Artes Visuais. Desta forma, tem-se como enunciado principal:

**ROMARIA DA MEDIANEIRA E ESTUDOS CULTURAIS:
A CONSTRUÇÃO DOS *MODOS DE VER*
DOS FUTUROS DOCENTES DE ARTES VISUAIS**

3.2 Daquilo que se quer...

O principal **objetivo** desse *peregrinar* entre imagens e a formação inicial de professores foi a construção de uma prática educativa na formação inicial de professores de Artes Visuais, tendo como foco a leitura de imagem da Romaria da Medianeira sob o enfoque dos Estudos Culturais. Tem como objetivos específicos:

- Identificar, a partir da leitura de imagem, as narrativas culturais presentes nas referências visuais da Romaria da Medianeira;
- Analisar a forma como a cultura vem construindo o olhar do docente de Artes Visuais a partir dos discursos produzidos pelas imagens de uma procissão;
- Construir uma possibilidade de prática educativa para o ensino de Artes Visuais, tendo a leitura de imagens da Romaria da Medianeira como um subsídio para a mediação do conhecimento intercultural em arte.

3.3 Do que foi analisado...

A constituição do aporte teórico assumiu um papel fundamental, uma vez que forneceu bases sólidas para analisar os resultados dessa *peregrinação investigativa*. As **categorias de pesquisa** que nortearam a construção desta pesquisa e a análise dos dados foram:

3.3.1A Romaria Estadual de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças

A Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, que acontece no segundo domingo do mês de novembro desde 1930, é uma manifestação religiosa coletiva que reúne milhares de fiéis na cidade de Santa Maria-RS/ Brasil, local onde foi edificado seu santuário, sendo o ponto de chegada dos romeiros após uma procissão pela cidade. Nesta festividade podemos observar diversas manifestações dos devotos, como o pagamento de promessas, participação em missas, compra e venda de objetos, religiosos ou não, produtos alimentícios, e bebidas. Esta pesquisa dará uma maior ênfase ao aspecto comercial da festa, tão marcante aos olhos dos romeiros e tão cheia de significados e significantes que moldam alguns aspectos dos crentes e da própria procissão.

3.3.2 Compreensão crítica da imagem

Novas formas de abordar a leitura de imagem deram origem a diversas concepções e formas de olhar a imagem, assim como a proposta de Teresinha Sueli Franz (2003), baseada na perspectiva da educação para compreensão crítica da arte e da cultura visual, de Fernando Hernández. Segundo a autora, a imagem pode ser compreendida a partir de vários âmbitos que envolvem os significados histórico/antropológico, estético/artístico, pedagógico, biográfico e o crítico/ social, estes que, devido os objetivos desta pesquisa e do seu enfoque teórico, foram utilizados na análise das imagens e na possibilidade de prática educativa entrelaçada aos Estudos Culturais.

3.3.3 A prática educativa na formação do docente de Artes Visuais

A formação inicial de professores acontece através do contato com instâncias formadoras - como a universidade e as escolas - e ocorre durante a articulação e mediação de conhecimentos essenciais entre educadores e futuros mediadores processo de ensino, do conhecimento específico e de abordagens metodológicas referentes à prática educativa, da investigação dos espaços educativos e seus sujeitos, envolvendo saberes necessários à docência e a sua articulação com o contexto social onde o educador está inserido.

A delimitação das categorias de pesquisa permitiu o delineamento do enfoque investigativo do projeto através do contato com teóricos que abordam as temáticas apontadas, permitindo o afunilamento da pesquisa em questões relevantes sobre a temática, colaborando para definir muitos percursos, sendo operacionalizadas dentro da pesquisa.

3.4 Dos questionamentos traçados...

Foram traçadas algumas questões, onde as reflexões em relação à mesma questão são os pontos culminantes da pesquisa, onde peregrino por observações, indagações e entrelaçamentos da fundamentação teórica, na tentativa de achar novas respostas - e não únicas, ou até mesmo novos questionamentos, para questões que julgo pertinentes para o ensino da arte, como a centralidade da cultura no processo educativo. Essa pesquisa buscou responder a seguinte **questão principal**:

- Como se dá a construção de uma prática educativa na formação inicial de professores a partir leitura de imagens da Romaria da Medianeira sob o enfoque dos Estudos Culturais?

Partindo da questão principal citada, surgiu a necessidade de subdividi-la em outras duas **questões específicas** que constam aspectos importantes para a pesquisa tentar responder, mesmo que de forma provisória:

- De que forma ocorre a mediação entre a leitura das imagens fotográficas da Romaria da Medianeira e a análise das narrativas presentes nelas na construção da compreensão crítica da imagem pelo professor em formação inicial?
- Quais são as implicações de uma prática educativa para o ensino das Artes Visuais sob o enfoque dos Estudos Culturais, subsidiando a leitura de imagem de futuros docentes para compreensão da cultura religiosa local?

3.5 Definindo abordagens, *peregrinos* e instrumentos para a caminhada

Ao lançar um novo olhar para a cultura religiosa local, situada em Santa Maria, e que aos poucos se tornou intermunicipal e para os seus aspectos visuais, como a Romaria da Medianeira, cheia de simbologias e significados que permeiam entre a fé e à cultura de massa, visualizaram-se inúmeros caminhos a serem percorridos, devido à amplitude do tema e dos variados aspectos que a festa envolve - cultural, política, econômica, estética, religiosa, midiática. Inúmeras também foram as dúvidas sobre qual caminho seguir e, por isso, a escolha do campo e dos sujeitos de pesquisa sofreram várias modificações, à medida que o projeto tomou forma e achou novos rumos investigativos.

Devido à oportunidade de entrar em contato, no decorrer do Bacharelado (1998-2003) e da Licenciatura em Desenho e Plástica na UFSM⁴, com aspectos da cultura popular e da cultura de massa; com a proposta da cultura visual e os âmbitos de análise da imagem de arte e, mais recentemente no curso de Mestrado, com os Estudos Culturais os Estudos de Cultura Visual, pude refletir sobre a importância desses aspectos para o direcionamento do olhar para as mais diversas manifestações culturais, dentro da escola, mas, principalmente, do professor em formação inicial, que será um dos principais mediadores educativos para o ensino da arte.

Após discussões, reflexões e direcionamentos deste estudo sobre a leitura de imagem e a prática educativa na formação do professor, houve a decisão de convidar alguns alunos do Curso de Licenciatura Desenho e Plástica / Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, para serem os *peregrinos*⁵ da pesquisa e constituintes de um grupo, atuando como colaboradores desta proposta de prática educativa. Esta escolha parte de um interesse de análise do olhar desses alunos, futuros docentes, sobre uma procissão, é um convite à “peregrinação” de leituras das “janelas visuais” de um evento como a Romaria e à participação do evento, não

⁴ Universidade Federal de Santa Maria, RS.

⁵ A palavra **peregrino**, no sentido literal, designa a pessoa participante de uma peregrinação. Defino os colaboradores como *peregrinos* para contextualizar a participação dos mesmos nessa *peregrinação investigativa*, bem como os contextualizo na temática da pesquisa voltada à uma análise de uma procissão. Para diferenciar o peregrino da Romaria da Medianeira dos colaboradores da pesquisa, será utilizada a palavra *peregrino* em itálico.

como romeiros, mas como problematizadores dos significados culturais da festa para a cidade de Santa Maria/RS.

O convite foi aberto à alunos dos dois últimos semestres do curso já referido anteriormente, e teve como critérios de participação o comprometimento e disponibilidade dos mesmos de estar em todos os momentos da pesquisa, delimitados nos procedimentos metodológicos, bem como o interesse em analisar um evento da cultura local. Não houve a delimitação dos sujeitos por religião ou participação no evento, pois a pesquisa visa justamente buscar as diferentes formas de olhar para uma procissão, seja ela de ângulos parecidos ou divergentes.

Dos alunos convidados, quatro aceitaram o convite para participarem de encontros semanais na mesma instituição – UFSM. O grupo de alunos são constituintes da última turma do currículo antigo do curso de Licenciatura em Desenho e Plástica, agora denominado Artes Visuais, que ingressaram, através de edital de vagas, na referida graduação após ter feito no mínimo o 5º semestre do Bacharelado em Desenho e Plástica.

A pesquisa adaptou-se ao tempo e ao espaço dos sujeitos, pois todos estavam de certa forma na mesma situação acadêmica e com os mesmos afazeres de final do curso de Licenciatura em Desenho e Plástica, incluindo construção do trabalho monográfico, estágio curricular e relatórios, envolvendo pesquisa e preparação de aulas. Tivemos que mudar o espaço de pesquisa para a Casa de Cultura de Santa Maria⁶ (fig. 17), que é um espaço que tem a disposição algumas salas para encontros, pois havia incompatibilidade de horários, sendo a única solução acharmos um espaço comum a todos, num horário propício.

Nesse sentido, delineou-se um **estudo de caso** de abordagem qualitativa, centrada numa análise descritiva e interpretativa desse grupo de alunos, levando em conta seus universos de significados, motivos, crenças, valores e a sua história de vida frente a esta festa popular religiosa.

⁶ A Casa de Cultura de Santa Maria localiza-se na Praça Saldanha Marinho e serve de espaço para exposições, ensaios de grupos teatrais, oficinas de teatro e expressão corporal e laboratório de atores de curta metragem, além de oferecer cursos e oficinas gratuitos para a comunidade. Ela sedia o Arquivo Histórico Municipal, Instituto Municipal de Artes Eduardo Trevisan, Banco de Voluntários, Santa Cena, Santa Maria Vídeo e Cinema, Via Pública- internet gratuita, exposições e banca do troca-livros.

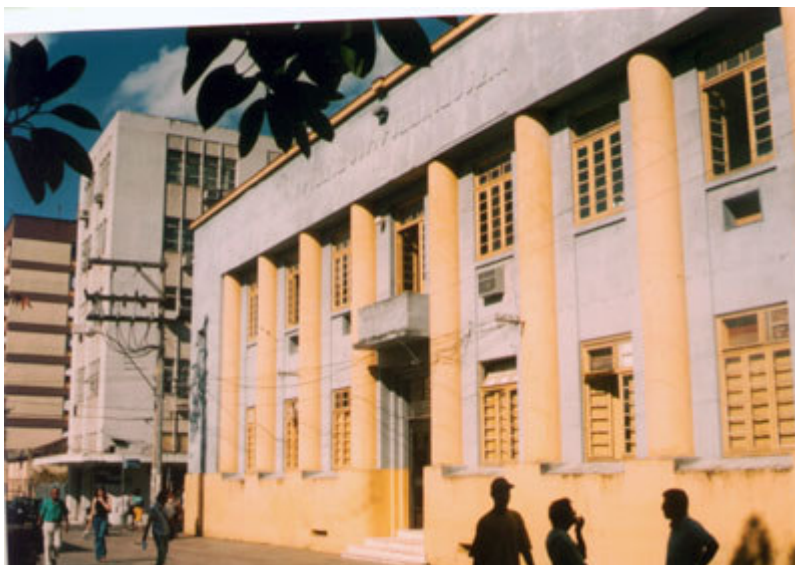


Figura 17 - Casa de Cultura de Santa Maria

O fato de escolher como campo o curso de Licenciatura em Artes Visuais de uma universidade e os acadêmicos que dele fazem parte como colaboradores da pesquisa não significou presenciar e desvendar *todos* os mistérios e problemas desta realidade, e sim olhar outros *modos de ver*, perceber outros gestos, outros tipos de percepção em relação à um mesmo objeto, à um evento. Houve uma maior preocupação com a compreensão e descrição do processo de leitura e construção crítico-reflexiva do grupo a partir dos registros fotográficos da procissão em questão do que com os resultados comportamentais dos colaboradores.

Na busca deste conhecimento mais particular e interpretativo do grupo escolhido, foram utilizados instrumentos coerentes que ajudaram nesta caminhada investigativa no momento da “**produção dos dados**”, que encaminharam teoricamente a pesquisa para o desafio da indagação e para a busca por respostas. De acordo com Sarmiento (2003, p.167): “O investigador não “colhe dados”. O investigador produz muitos dos seus materiais na interação social com os atores do terreno.” Isto é, o autor afirma que o processo de pesquisa acontece em um ambiente em que a seleção do material adquirido em campo sempre se dá de forma comunicativa e por isso, o pesquisador *cria* seus dados através de conversa, entrevistas, observações e nas diversas formas de interação com o grupo a ser pesquisado, e os dados são percepções resultantes das múltiplas relações que existem entre pesquisador-pesquisado.

Na **produção dos dados** desta pesquisa, houve a combinação de técnicas e instrumentos apropriados aos objetivos da pesquisa e que auxiliaram nesta caminhada investigativa, como a observação participante, entrevista, análise documental, diário de campo e portfólio, conceituados a seguir.

A determinação da abordagem qualitativa deste estudo supõe a importância da **observação participante** com uma das principais formas de produção dos dados através do contato com o grupo a ser investigado, tratando de uma técnica para obter informações onde são utilizados os sentidos na observação de aspectos da realidade e dos sujeitos escolhidos. De acordo com Mazzotti (1998), “a observação de fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada pelas pesquisas qualitativas”, e entre os vários tipos de observação abordados para investigação, a observação participante torna-se essencial para aprofundar os detalhes de uma realidade e a sua subjetividade, onde o pesquisador imerge no contexto escolhido e relaciona-se com os seus atores, realizando um dos principais momentos da realização de sua pesquisa.

Houve a preocupação com registro do processo de leitura de imagens do grupo de alunos e das suas relações intersubjetivas, estando na sutileza de detalhes a serem observados e valores subjetivos seus principais dados a serem registrados. Por esse motivo, a observação participante tornou-se peça-chave para o processo de investigação. A observação participante aconteceu de forma natural e descontraída, já que havia uma relação de cumplicidade com os sujeitos por fazer parte do mesmo contexto acadêmico a qual os sujeitos se filiavam, a UFSM e nos permitia certa convivência anterior à pesquisa. Os encontros aconteceram de forma para gerar os dados referentes à temática e a sua articulação numa prática educativa fora da instituição acadêmica, mas de cunho colaborativo com a formação dos futuros docentes.

Durante o processo de observação e interação com os alunos, foi realizada uma **entrevista semi-estruturada** (apêndice) para obter alguns dados mais pessoais e outros para compreender os diversos pontos de vista acerca da Romaria da Medianeira, suas concepções sobre a cultura religiosa local e outros aspectos importantes para a pesquisa. A entrevista serviu para obter informações subjetivas e objetivas contidas na fala dos colaboradores, e foi feita individual e coletivamente. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.134), “a entrevista é utilizada para colher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador

desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

Durante o processo de entrevista, a flexibilidade e a capacidade de ouvir foi um dos principais requisitos para a sua realização e contou com o auxílio de fotografias e objetos referentes à procissão para incentivar à conversa, tentando compreender a postura do professor em formação diante do foco da pesquisa: a religião e o consumo. O planejamento prévio dos questionamentos bem como um respeito pelo entrevistado, pela sua cultura e universo de valores é de extrema importância para realização da entrevista, priorizando um posicionamento ético da pesquisa diante dos seus colaboradores.

As respostas às perguntas e conversas foram gravadas e transcritas logo após a realização das mesmas, além de arquivadas por meio eletrônico (digitado e guardado em CD-RW), para posterior análise e inserção das falas no texto dissertativo.

Ao trabalhar com as falas dos *peregrinos*, trabalhou-se com as suas narrativas onde, segundo Stephens (1992), esta constitui-se a partir da imbricação de três componentes: história – abrange as personagens envolvidas em determinados acontecimentos, num espaço e tempo determinados e possibilita uma primeira interpretação do que é contado; discurso – forma específica como qualquer história é apresentada; significação – uma interpretação de segundo nível que o ouvinte/leitor/espectador obtém a partir do inter-relacionamento da história e do respectivo discurso. Connelly e Clandinin (1990) estabelecem uma diferença entre narrativa e história. O fenômeno constitui a história, enquanto o método que a investiga e a descreve se concretiza numa narrativa. Deste modo, para aqueles autores, narrativa é o estudo das diferentes maneiras como os seres humanos experienciam o mundo. Pode dizer-se que as pessoas têm histórias e contam histórias das suas vidas, enquanto o investigador que utiliza o método da narrativa as descreve e faz construção e reconstrução das histórias pessoais e sociais, de acordo com um modelo interpretativo dos acontecimentos.

Além do registro das falas realizadas pela entrevista, foram feitos registros pessoais sobre todas as etapas da pesquisa no ***Diário de campo***, que agruparam um conjunto de anotações realizadas durante todos os momentos do processo de desenvolvimento do trabalho em questão. Esse instrumento visa o registro de todos

os momentos investigatórios, resgatando e construindo a história do grupo e a memória do desenvolvimento da pesquisa.

Para Neto (apud Minayo, 1994), o diário é um instrumento ao qual recorreremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando.

Ele, na verdade, é um “amigo silencioso” que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele, diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas. (NETO, 1994, p. 63)

O diário de campo foi um instrumento companheiro que constituiu a memória da pesquisa, onde pude fazer registros dos encontros, observações, preocupações, dúvidas e idéias. Nele tive a fonte das minhas primeiras impressões do grupo e da pesquisa, a abertura do campo, os primeiros contatos com o grupo de alunos na UFSM, o desenvolvimento das ações planejadas, os caminhos diferentes tomados durante a investigação, as minúcias da convivência em grupo, falas, situações vivenciadas, reflexões conceituais, dúvidas e outros detalhes importantes, configurando a profundidade de um olhar sobre o objeto de estudo.

Outro instrumento utilizado que contribuiu para a análise dos dados foi o **portfólio**, que apresentou o processo de leitura de imagens e da construção do olhar de cada um dos “sujeitos-peregrinos” sobre a Romaria da Medianeira.

De acordo com Hernández (2000, p.166), o portfólio é algo mais do que uma recompilação de trabalhos, materiais e apontamentos colocados numa pasta. Ele é um diário reflexivo da sua prática e serve como guia para tomadas de decisões, planejamentos de ações, ajudando também na avaliação do processo e dos resultados. Neste documento, os sujeitos da pesquisa, neste caso os professores em formação inicial, comentaram o que foi tratado durante os encontros de forma descritiva e, principalmente, reflexiva, recolhendo nele suas dúvidas, sensações e percepções durante a prática educativa. Nessa pesquisa o portfólio dos sujeitos foi nomeado **Diários dos Peregrinos**, e envolveu, não só o lugar de anotações sobre as problematizações dos sujeitos durante o percurso, mas também ao conjunto de *textos/confissões*, apresentadas posteriormente no quinto capítulo e fotografias digitais que foram armazenadas durante a prática educativa, constituindo-se em arquivos que puderam ser acessados durante toda a análise dos dados.

Outros dados pertinentes à pesquisa, encontrados em material escrito ou fotográfico, registros, documentos e arquivos relacionados à temática constituíram a análise documental. De acordo com Lüdke e André (1986), é um instrumento valioso para uma pesquisa que depende de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos do tema proposto.

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser registradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LÜDKE, 1986, p. 39)

Phillips (1974) diz que são considerados documentos os materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano, reforçando a idéia desta pesquisa de utilizar livros, jornais, revistas, documentos pessoais, diários para coletar dados dos alunos investigados, da história do local onde a pesquisa aconteceu – a Basílica da Medianeira – e a romaria que já faz parte da história da cidade. Além disso, foi relevante a análise dos registros fotográficos que envolveram a temática, pois as fotografias permitem uma percepção dos acontecimentos, levando em consideração o objetivo com que as fotos foram feitas, em que contexto elas se encontram inseridas e qual a visão de quem realizou o registro. A análise documental apresenta-se através do registro fotográfico dos sujeitos realizados durante a procissão, suas anotações em seus diários, além das gravações referentes às falas dos sujeitos.

Paralelo aos instrumentos, caminhos tomados na pesquisa, busquei um embasamento teórico-pólitico-metodológico que me amparasse frente a uma análise de um produto cultural, como a Romaria da Medianeira, no ensino da arte e acreditei nas possibilidades que os Estudos Culturais oferecem. Acredito que essa “teoria viajante” veio ao encontro dos objetivos da pesquisa, utilizando-me desse campo, não como um engessamento teórico, mas como uma possibilidade de análise, com “porções” de pensamento, como nomeia Veiga-Neto (2000, p.40), sem comprometer muito as demais “porções”.

3.6 O *peregrinar* na pesquisa: relatando encontros, encontrando olhares.

Encontrar, v. tr. Ir de encontro a; descobrir depois de buscar⁷.

Enfoques, dúvidas e dados... e agora? Tento descrever como foi, o que vi e ouvi. Como uma história de escutas, perguntas e falas, muitas vezes interrompidas pelo silêncio das dúvidas ou por falas sobrepostas a serem gravadas. Ao assunto polêmico, muitas falas e discussões.

Os encontros foram realizados às sextas-feiras à tarde, das 16h às 17h 30m, onde conversávamos sobre a temática envolvida, além de compartilhar as experiências sobre o cotidiano acadêmico dos mesmos e das suas experiências como estagiários, docentes em formação inicial. A informalidade e essa troca nos encontros fizeram com que os sujeitos se sentissem mais a vontade ao participarem das discussões. Talvez a própria intimidade com que eu como pesquisadora e os *peregrinos* tiveram por alguns laços de amizade ou até mesmo cumplicidade, além de previamente conhecerem a minha pesquisa, tanto plástica, quanto teórica, acerca da temática, pode ter influenciado diretamente sobre as suas escolhas para participar como colaboradores.

Quanto à identidade dos mesmos na pesquisa, optei por deixá-los com nomes fictícios: Luzia, Clara, Luis e Francisco. Os nomes derivaram de nomes de santos que pude identificar em cada um algumas características semelhantes aos peregrinos, da personalidade, também retirada das suas falas e posições dentro do grupo.

- **Santa Luzia:** em latim, se liga à palavra “luz” e está ligada à proteção dos olhos, isto é, à observação e aceitação;
- **São Luis IX:** rei e estadista, devido sua participação política como legislador justo e sensato, determina suas posições;
- **Santa Clara:** sensível em relação aos outros, tem o nome de origem do latim brilhante, revela uma pessoa com forte senso crítico e muita racionalidade;
- **São Francisco:** bastante ligado à cumprimento de regras e, em relação à religião, desprezou coisas materiais em função da fé. O significado do nome também indica uma pessoa de caráter firme e audaz, mas que encontra

⁷ FERNANDES, Francisco. Dicionário brasileiro Globo. São Paulo: 1995

problemas no relacionamento social porque quer que sua opinião sempre prevaleça.

A ligação das suas identidades a nomes de santos foi uma opção de fazer com que as suas identidades, dentro da pesquisa, tivessem uma ligação com os nomes e com a temática voltada à religião.

Como num diário de uma procissão, passos serão descritos, bem como mudanças de caminhos, pausas, imagens feitas, imagens descritas. São colocadas algumas falas relativas aos encontros, mas selecionou-se outras mais específicas para serem agregadas às análises nas categorias de pesquisa.

3.6.1. Apresentação da procissão-investigativa aos peregrinos: primeiro encontro (28/09/07)

Nesse encontro, foi realizada a apresentação da pesquisa aos peregrinos, falando sobre seus objetivos, intenções, o cronograma de atividades. Apresento-me como mais uma peregrina, como quem dará os passos junto a eles dentro do trabalho. Falo do meu histórico como pesquisadora em relação à temática, contando meus passos em direção à análise do mercadológico da Romaria de Nossa Senhora Medianeira.

Começo o encontro apresentando a pesquisa e a sua inserção no meu contexto acadêmico, falando de que forma que as imagens da Romaria da Medianeira fizeram parte das minhas pesquisas plásticas e teóricas, envolvendo aspectos da estética popular, do kitsch e dos Estudos Culturais. Marcou-se horários, definiram-se dias possíveis de encontro, deslocou-se o espaço de pesquisa em função dos sujeitos.

Foi entregue uma entrevista estruturada (Apendice A) para saber de alguns dados pessoais dos colaboradores, bem como a sua relação com cidade e com os aspectos religiosos. Após, distribuiu-se os diários para cada um ali presente, contendo neles fitas votivas compradas na Romaria da Medianeira do ano de 2006 com inscrições: “Lembrança de Nossa Senhora Aparecida”. Propositamente, as inserções dessas fitas nos diários foram pensadas a despertar nos mesmos um dos aspectos de enfoque da pesquisa, que envolvem a procissão: o mercadológico. Sem

perceberem inicialmente, os peregrinos receberam a fita como um objeto característico da procissão em questão.

Num segundo momento, pedi para que lessem os escritos do fitilho. E qual foi a surpresa? A fita não fazia apenas parte de um mero aspecto decorativo com a temática da pesquisa, mas trazia nela um outro sentido: por que o fitilho tinha aquela inscrição, se a titulação referente à Nossa Senhora, aqui na cidade, era diferente? Como a fita não era relacionada a titulação da cidade, viram que as fitas não tinham ligação direta com os propósitos dessa procissão e que, provavelmente, os seus vendedores, não eram do local.

Relato:

***Clara** - Tá, mas os vendedores então não são daqui?! Nunca tinha pensado nisso antes, nem sabia que vinham de tão longe...*

***Luzia** – É, eu também nem imaginava, até porque não conheço direito e nunca fui lá.*

***Francisco** – Sabia que vinham coisas de fora da cidade, mas não lá de Aparecida. Eu como não compro essas coisas quando eu vou, também não sabia...*

Foi lançado assim um primeiro aspecto da procissão, mas direcionada à esse aspecto comercial. Como receberiam e quais imagens teriam da procissão, partindo das intenções contidas no ato de amarrar aqueles fitilhos aos seus diários? Essas respostas estiveram contidas em muitas outras ao longo de toda prática educativa.

3.6.2 A Romaria da Medianeira sob o âmbito histórico-antropológico: segundo encontro (05/10/07)

Esse encontro envolveu o aspecto histórico - antropológico da procissão, tendo como objetivo a inserção dos sujeitos na temática proposta para a prática educativa, bem como a compreensão de alguns aspectos histórico – antropológicos da procissão.

Foi dividido em duas partes: inicialmente, houve a tentativa de saber quais são as imagens “formadas” pelo sujeito sobre a palavra procissão, com o objetivo de

interpretar, inicialmente, o significado da palavra e o impacto da mesma sobre a memória visual dos sujeitos. Foi possível relacionar as suas respostas com o nível de participação à festas religiosas, salientando-se em perguntas em outros encontros. Assim, lançou-se a pergunta aos sujeitos:

Quais são as representações visuais acerca da palavra procissão?

Partindo dessa questão norteadora, surgiram outros questionamentos paralelos, também importantes à pesquisa, relacionadas à participação dos sujeitos em alguma procissão ou até mesmo na Romaria da Medianeira e sobre a possível diferença ou semelhança entre as palavras *romaria* e *procissão*.

O segundo momento teve como estratégias didáticas a demonstração de alguns registros fotográficos da Romaria do ano de 2006, selecionadas de acordo com os objetivos do encontro, bem como a discussão de um texto sobre a história da Romaria da Medianeira (Apêndice B), baseado nas minhas pesquisas teóricas sobre a procissão. Pude contar com o apoio de um dos participantes, o *Francisco*, para fazer o relato sobre a sua vivência na procissão. Muitas dúvidas surgiram sobre o que essa “prévia” sobre a festividade causaria nos sujeitos, principalmente se as estratégias adotadas influenciariam na percepção da principal festa religiosa da cidade.

Enquanto contava sobre a origem da romaria, muitos ficavam surpresos com informações as quais não tiveram contato anteriormente. Aspectos históricos jamais imaginados que envolviam parte da história da cidade, como a origem da procissão com um grupo de senhoras que intercederam pela salvação de Santa Maria dos efeitos de uma revolução militar. Outras indagações sobre origem do nome Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, como um título instituído, não originado por alguma aparição da santa na cidade, também foi levantada.

Junto às explicações e relato de experiências, o grupo ia trocando algumas informações e discutia sobre fanatismo, perguntas sobre ex-votos, e outras tradições católicas mais populares. *Luzia* pergunta, a exemplo, sobre as pequenas capelinhas

com imagens de santas que ela vê que passam nas casas, sendo este um forte costume na cidade de Santa Maria e em outras regiões do Rio Grande do Sul. Então explicou-se sobre este costume como costume de certas famílias católicas que pertencem a determinadas paróquias receber a visita de um santo representante da Igreja local, permanecendo na determinada casa por um, dois dias ou até mesmo uma semana, para depois ser passado para outro vizinho.

Relato:

***Luzia** - Pois é, mas, o que são aquelas capelinhas que passam de casa em casa com imagem de uma santa, que já vi por aqui?*

***Clara** - Pois é, é conforme o local, o lugar. Fica um dia em cada casa, daí as pessoas rezam, acendem uma vela... aqui em casa não passa nenhuma. O meu pai fazia questão de que na noite do dia que ela ia lá pra casa tinha que todo mundo rezar um terço. E eu era criança e achava aquilo um saco... (Risos) Eu ficava caindo de sono, não queria... eu não concordava em ficar rezando e repetindo, mas o pai fazia questão, ao contrário dava briga em casa...*

Entre as falas e narrativas, vinham algumas falas da infância onde estava presente um tom de nostalgia e de certa impaciência infantil com a reza, a qual também compartilhei a minha com a mesma situação e com as mesmas lembranças infantis, estando nessas trocas de experiência a identificação entre pesquisador-sujeito, contribuindo junto à observação participante minhas próprias vivências, horizontalizando meu papel de mediadora com os sujeitos da pesquisa. Reforço assim meu papel de peregrina junto à eles.

Discute-se sobre igreja e novenas. Compartilhamos com o grupo, eu o Francisco, as preparações para festa, as novenas que antecedem à procissão, a estrutura da festa e suas modificações de percursos ao longo do tempo. Falamos sobre as ornamentações nas sacadas dos prédios e janelas das casas com flores naturais e artificiais, panos azul e branco – que fazem parte do costumes da cidade, pois são cores simbólicas relacionadas à Virgem Maria. Chuva de flores e papéis picados sobre os romeiros. Conta-se sobre tempos de caminhada e pergunto sobre expectativas.

Olhando as fotografias e os objetos vendidos durante a procissão, ainda mostrando a estrutura da festa, surgiram outras dúvidas

Relato:

Luzia - Mas esses objetos já são abençoados?

Francisco - Agora a explicação é minha...Pela parte da manhã tem a parte da caminhada. E daí tem essas bugigangas na rua que daí é totalmente variado, tem de tênis e óculos à comida. Tem a parte que são as vendas da própria romaria que daí é só artefatos religiosos. Mas aí é um ponto, até aí eles são só objetos. Mas na parte da tarde tem uma missa que daí é a missa que vai o bispo e vai todo mundo. Mas essa missa da tarde é a missa que a gente chama de Missa da benção dos doentes e benção dos objetos, e daí eles vão benzer os doentes e tem uma hora que falam assim: "Levantem seus objetos"... e eles benzem os objetos que todos compraram.

Luzia - Ah, então eles compram os objetos de manha para benzer de tarde...

Transpareço tamanha intimidade com a festa, como se tivesse descrevendo um filme que vi muitas vezes, durante uma infância envolvida em procissões. Talvez tenha invadido a suposta leitura dos romeiros da pesquisa sobre a festa. E agora? Isso é mediação? Mas se não os dissesse, como saberiam? Até que ponto uma visão superficial seria interessante para as suas formações?

Enquanto isso mostro fotos da saída da procissão na Avenida Rio Branco, da chegada no Altar Mor, das bancas, conto histórias e modificações da própria procissão: a modificação do percurso, devido ao aumento do número dos fiéis; distribuição de caixas de som pelas avenidas por onde a multidão passa, para que todos possam escutar os cantos, e orações durante a peregrinação.

Falamos sobre o costume dos "animadores da festa" e dos comentaristas, que se localizam num caminhão de som, de gritar palavras de saudação à Nossa Senhora Medianeira para que o povo repita, inúmeras vezes, acenando lenços, panfletos, bandeirolas, erguendo velas na mão. Numa certa hora, *Francisco* reproduz uma das saudações tão repetidas pelos organizadores, padres, que guiam o povo durante a caminhada: *Viva a Nossa Senhora Medianeira!* Ele canta pedaços das músicas que fazem parte da procissão. Parece que estamos lá. E, novamente, lembro-me repetidamente de toda a procissão, como um filme.

Lemos o texto e nele estava uma pequena *re-apresentação* de uma realidade. Mostrava as fotos como um olhar que era meu, como janelas selecionadas por mim. Qual seria a força daquelas palavras e daquelas imagens? Essas reflexões permearam respostas recebidas mais tarde, não somente na fala, mas também em registros fotográficos por parte dos *peregrinos*.



3.6.3 As imagens de uma procissão numa sala de aula: entrelaçamentos de âmbitos no terceiro encontro (11/10/07)

O terceiro encontro foi organizado no intuito de entrar em contato com as reflexões e compreensões dos colaboradores a cerca das possibilidades pedagógicas da leitura de imagem de uma procissão religiosa local numa prática educativa em arte. Algumas imagens foram mostradas durante o encontro, passadas de mão em mão, analisadas, onde haviam vários aspectos da Romaria da Medianeira dos anos de 2005 e 2006: da procissão em si, comidas, objetos comercializados, doces, pessoas pagando promessas. (fig. 18)



Figura 18 - algumas imagens apresentadas durante o terceiro encontro

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Foi gerada uma questão geral, e dela partiram outras discussões acerca do tema:

É possível abordar a questão da Romaria em sala de aula?

Entrelaçado à abordagem do âmbito citado, levou-se em conta alguns aspectos do âmbito histórico-antropológico, que estavam frequentemente citadas pelos sujeitos. Durante as discussões, foram feitas interferências com outras perguntas que não estavam dentro dos procedimentos metodológicos, mas que foram pertinentes à pesquisa. Aspectos sobre os conceitos de cultura, diferenças culturais e supostos níveis culturais permearam o encontro, causando até mesmo discussões sobre determinados pontos de vista por parte dos peregrinos. Sendo assim, levantou-se durante o encontro questões paralelas, entre elas:

- ***Ao falarem em questões culturais, o que vocês definem como cultura?***

Essas questões foram extremamente pertinentes à pesquisa e à análise dos dados, visto que a inserção da pesquisa é sob a perspectiva dos Estudos Culturais e tem a cultura como centralidade no processo educativo. Não exaurido na discussão dos sujeitos, as outras questões do âmbito pedagógico, a serem abordadas nesse encontro, foram adiadas para o quarto encontro, descrito a seguir, visto que, as discussões sobre aspectos culturais estenderam-se por todo o tempo destinado ao encontro. Por se caracterizar como uma prática educativa, levei em conta as necessidades e as novas questões levantadas pelos sujeitos, caracterizando uma prática e uma pesquisa não estanque e muito menos com caráter de previsibilidade em relação aos participantes.

3.6.4 Continuação do âmbito pedagógico: quarto encontro (26/10/07)

Diante das necessidades da pesquisa em relação à percepção dos sujeitos com os aspectos relativos à compreensão do âmbito pedagógico, relacionado às referências visuais de uma procissão local, como a Romaria da Medianeira, foi dada uma continuidade à problematização desta temática no ensino da arte. Tive como questão norteadora do encontro:

Qual é o papel do ensino da arte frente a cultura?

Dessa forma, escolheu-se previamente uma fotografia da Romaria da Medianeira de 2006 (fig. 19), que representava parte de uma banca de venda de objetos decorativos, dispostos lado a lado, sem alusão à religiosidade. Os objetos eram feitos com materiais tais como vidro, flor de plástico e outros elementos de cores vibrantes, contendo frases dedicatórias gravadas em placas de plástico, voltadas para mães ou até mesmo românticas. O valor vendido era de quinze reais e vinham embalados em caixas de papelão com plástico-bolha para que o cliente levasse com segurança.

A imagem foi mostrada, bem como toda a sua situação de venda durante a procissão: preço, vendedores, admiradores, compradores. Comento que, os compradores, os quais observei, sejam eles mais ou menos favorecidos financeiramente, paravam para admirar e compravam para levar para as suas casas ou supostamente de lembrança para seus parentes. Os peregrinos teceram comentários sobre a fotografia – como imagem bidimensional - e o colorido dos elementos e do próprio ato da compra em si.



Figura 19 - Objeto decorativo comercializado na Romaria de Nossa Senhora Medianeira.

Ano: 2006

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Partindo da imagem escolhida e, principalmente, dos seus comentários no segundo encontro, sobre da questão do comércio da Romaria e dos supostos níveis culturais, foi relatada uma situação fictícia aos peregrinos, onde eles seriam os professores numa escola em que alguns pais dos seus alunos vão na Romaria e tem em suas casas objetos semelhantes a esses, com os mesmos materiais e finalidades, adquiridos durante a procissão. Levantei questões para os sujeitos sobre uma possível prática educativa partindo dessa imagem, que faz parte do aspecto comercial da procissão:

- ***Em relação a imagem, diriam aos alunos que a Romaria é apenas um comércio e que quem compra esses objetos é porque não tem um nível cultural elevado?***
- ***Qual seria o papel do ensino da arte frente a um evento da cidade Santa Maria?***
- ***Qual é o papel do professor e do ensino da arte frente a cultura? Existe uma diferença de nível cultural entre o professor e o aluno?***

Tais perguntas feitas para os peregrinos despertaram silêncios e dúvidas, assim como discussões e contradições. Dúvidas a respeito do papel do professor quando envolve as questões estéticas e religiosas, em relação ao aluno e a sua realidade. Discussões sobre religião, sobre o ensino laico e confessional e o papel docente em meio à essas manifestações.

3.6.5 Fotografias, doces e intenções: visita à Basílica de Nossa Senhora Medianeira (09/11/07)

Com a proximidade da data realização da Romaria da Medianeira, os peregrinos foram convidados a fazer uma visita à Basílica de Nossa Senhora Medianeira, dois dias antecedentes à festa. Dessa forma, conheceram os espaços onde culmina a procissão, que é um dos principais complexos religiosos do país, atraindo visitantes o ano todo. Foi pedido para que levassem máquina fotográfica para fazer alguns registros durante a visita.



Figura 20 - *Peregrina* fotografando o interior da Basílica da Medianeira

Inicialmente, os *peregrinos* conheceram o interior da Basílica, já preparada para as festividades, com flores e velas ao redor da imagem de Nossa Senhora Medianeira, que é a pintura que se encontra à direita de quem entra na Basílica, exposta para veneração (fig. 21).



Figura 21 - Fiel venerando o quadro de Nossa Senhora Medianeira, fotografada por *Clara*.

Viram e fotografaram vitrais localizados na parte frontal do santuário (fig.22 e 23), que representam motivos bíblicos marianos e os principais marcos históricos de devoção à Medianeira em Santa Maria.

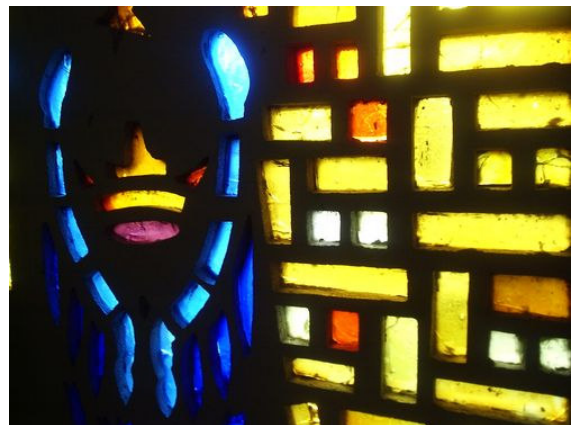
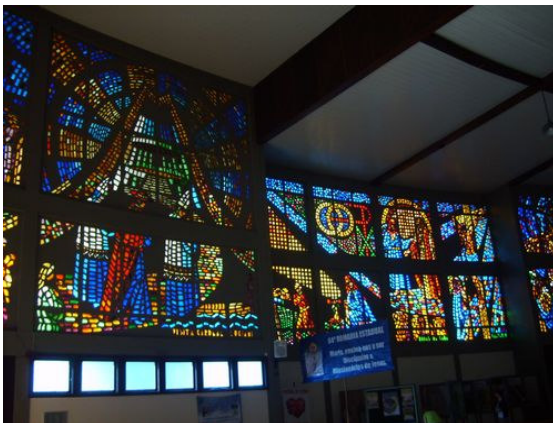


Figura 22 e 23 - Vista parcial (à esquerda) e detalhe (à direita) dos vitrais da Basílica, fotografados por *Luis e Francisco*.

Sáímos da Basílica e passamos para a parte externa. Fomos visitar a Cripta, localizada no subsolo da Igreja, onde encontramos os Jazigos Perpétuos de falecidos, além das imagens de Nossa Senhora sob diversos títulos (fig.24). Logo depois passamos para conhecer Parque da Medianeira que costuma atrair diversas pessoas que buscam uma grande área de lazer no centro da cidade. Caminhões, trabalhadores, bancas de venda de objetos sendo montadas era o que nos rodeava... Tudo estava sendo preparado para acolher mais de 250 mil pessoas, vindas dos mais diversos lugares do Rio Grande do Sul e de outros estados.



Figura 24 - Detalhe do interior da Cripta

Eu e *Francisco* levamos os colaboradores na tradicional tenda de venda de doces e pães da Romaria: quindins, suspiros, cocadas, cucas, massas folhadas preparados e vendidos durante a semana que antecede a procissão (fig.25).

Nós, peregrinos, nos entregamos a um dos prazeres dos romeiros. Tornamo-nos por instantes consumidores dos seus produtos, à anos vendidos durante a mesma época.



Figura 25 - Doces comercializados (e consumidos durante a visita...)

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Compramos doces e procuramos uma sombra. Conversamos sobre as intenções do registro fotográfico da Romaria e marcamos horários de encontro para ir à procissão dois dias que sucediam essa visita.



Figura 26 - Local de encontro, doces e intenções fotográficas

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

3.6.6 Peregrinos-romeiros: o ato fotográfico na Romaria (11/11/07)

Desde o início dos encontros, fiz a proposta aos colaboradores da pesquisa de participarem na procissão como romeiros, para que se tornassem, de alguma forma, parte do contexto das fotografias que foram apresentadas durante a prática educativa. As fotografias eram apenas rerepresentações do meu olhar como pesquisadora do aspecto visual da festa dos últimos quatro anos anteriores, do *kitsch* que toma conta das ruas e dos olhos de quem compra. As mostrava e utilizava nas estratégias didáticas, consciente de que poderia influenciar a percepção dos mesmos através de “janelas” de uma realidade percebidas por mim. E foi também por esse motivo que a participação dos colaboradores como *romeiros-investigativos* na procissão, seria de extrema importância, visto que seria um ato perceptivo de cada peregrino frente à essa manifestação religiosa, vivenciando a festividade e registrando suas impressões.

Os registros feitos foram posteriormente selecionados e editados pelos *peregrinos*, para dessa forma, entregar as mais significativas, para serem analisadas num conjunto significativo de ‘janelas’ registradas.

3.6.7 Impressões: falas sobre o ato fotográfico e leitura de imagem: sétimo encontro (23/11/07)

O sétimo encontro foi organizado com o intuito de abrir aos sujeitos um espaço de troca de experiências relacionadas ao ato fotográfico durante a Romaria da Medianeira, pois a prática educativa tem que estar aberta principalmente à fala e as experiências do educando. Nesse dia o *Luís* não pode comparecer devido problemas pessoais e compromissos, mas deixou registrado suas intenções ao responder os questionamentos feitos por escrito.

O encontro foi dividido em dois momentos. No primeiro momento foi dado o espaço para as colocações e impressões sobre a festa, onde, além dos comentários espontâneos acerca da participação na Romaria, utilizei como estratégia perguntas referentes às suas intenções, que inicialmente foram respondidas verbalmente e

compartilhadas no grupo, e depois distribuídas aos sujeitos para que entregassem posteriormente respondidas de forma escrita.

- 1. Como foi o ato fotográfico frente à uma procissão religiosa, como a Romaria da Medianeira?**
- 2. De que forma a sua participação na festa influenciou sua percepção sobre ela?**
- 3. Qual foi o direcionamento do seu olhar ao fotografar?**
- 4. A partir da participação da procissão como captador de suas “janelas”, é possível dizer que este evento pode ser algo importante a ser inserido no contexto escolar local?**
- 5. Quais são os aspectos da procissão que poderiam ser trabalhados no ensino da arte, tendo a análise da cultura como base para o ensino?**

As problematizações colocadas aos peregrinos foram respondidas durante o encontro e complementadas posteriormente pelos questionários entregues no fim da prática educativa, juntamente com pequeno texto digitado ou escrito nos diários, relatando suas impressões acerca dessa experiência.

Num segundo momento, convidei os peregrinos para que escolhessem o registro fotográfico significativo da Romaria da Medianeira de minha autoria, oportunizando a escolha do “texto visual” a ser lido pelos próprios sujeitos da pesquisa (fig.27). Entre discussões e inúmeras fotos espalhadas no chão da sala, escolheram coletivamente sobre a mesma para que pudessem fazer uma leitura de imagem significativa.

Na análise da imagem escolhida, tentei mediar caminhos por onde os sujeitos deveriam percorrer para que chegassem à compreensão crítica de imagem, problematizando, através de questionamentos, aspectos visuais e seus possíveis significados para cada peregrino. Para isso, utilizou-se como referência os âmbitos de compreensão da imagem de Franz (2003) e seus enfoques para que todos refletissem sobre diversos aspectos relativos à imagem a ser lida.

Perguntas relacionadas à imagem:

- 1- Qual é a posição e a intenção de quem fotografou e quais são os elementos contidos na imagem que deixam isso explícito? Como a visibilidade desta imagem influencia na percepção sobre festa?**
- 2- De que maneira esta imagem se relaciona com a História da Arte? Ela pode ter alguma ligação com algum período artístico? Qual? E com a Arte Contemporânea? Com qual artista?**
- 3- O que essa imagem fala sobre o local onde acontece e sobre a época em que está inserida? O que ela diz sobre o contexto cultural da qual ela faz parte?**
- 4- Há alguma relação de poder na imagem? Qual? Quais as relações intrínsecas entre os objetos da cena e os personagens envolvidos com a instituição que promove o evento?**
- 5- Quais são as problemáticas relativas à cultura podem ser levantadas pela imagem em sala de aula?**
- 6- É viável trabalhar com o aluno essa imagem em sala de aula? Há algum conteúdo de arte possível de ser trabalhado? Em qual nível de ensino e série?**
- 7- O que devemos levar em conta (e o que não devemos) ao apresentar essas imagens para os alunos?**
- 8- O que o aluno aprenderia com as imagens de uma procissão? E qual é o papel do professor de arte frente às imagens de uma procissão como a Romaria?**

As perguntas serviram para guiar o trajeto de análise da imagem, mas não foram enrijecidas durante as respostas, onde alguns âmbitos entrelaçavam-se nas suas colocações, mesclando-se, principalmente o aspecto mercadológico entre os demais. Além de gravadas, as respostas também foram registradas de forma escrita e entregues posteriormente no último encontro.

3.6.8 E agora, o que fica? Relatos e confissões no último encontro

Diante das experiências vividas, organizo o último encontro para conversarmos sobre a prática educativa em si e a formação de professores. Sobre a construção do olhar diante de um enfoque na cultura e na análise de uma festividade religiosa local. Pergunto sobre a construção do olhar deles a respeito dos aspectos culturais, das modificações sentidas, das dúvidas.

Relatos:

***Luzia** - Eu não sabia muito sobre a questão da Romaria, nunca tive oportunidade, no caso, de me aproximar bem assim...*

***Francisco** - Em relação à cultura, é..., eu percebo que... Muitas coisas a gente acha que sabe, mas não sabe... Muitas opiniões e certas coisas que, acho que as palavras não conseguem definir. Tu sabe o que é, tu sente o que é, tu entende o que que é, mas tu não consegue definir. A gente chama a festa da Romaria como uma festa cultural porque está dentro de uma categoria de festa regional e aí isso entra dentro de cultura. (...) Quando se fala de cultura, a gente entende essas festas também, de eventos e tal. Na verdade qualquer coisa que seja ligado à sociedade.*

***Clara** - A romaria movimenta muita gente, toda a cidade se envolve na romaria. Mesmo quem nem vai, indiretamente está envolvido de alguma maneira. Mexe com a cidade toda e daí não tem como não fazer parte do pensamento das pessoas...*

Opiniões e percepções são colocadas e elas dizem muito do olhar construído até agora. Analiso as minhas intenções e estratégias como mediadora de uma prática educativa, enquanto narram. Pergunto sobre as aulas do curso de Licenciatura a qual fazem parte, e suas opiniões convergem para desabafos, percepções e desejos. Falam de suas práticas educativas, estágios e dúvidas relacionadas aos seus papéis frente ao ensino da arte e ao aluno.

O falarmos novamente sobre o exercício fotográfico na Romaria da Medianeira, *Francisco* propôs ao grupo a possibilidade de construção de um vídeo onde estivessem presentes os registros de cada *peregrino*, mas cada um com o seu olhar. Discutimos sobre a idéia de *Francisco* e, acatado pelo grupo, nomeei os vídeos individuais, de um minuto de duração como **vídeo-álbuns**, que constituíram uma forma diferenciada, de exposição dos *olhares peregrinos*, utilizando imagens e sons.

CAPÍTULO 4

JANELAS DA ROMARIA: PÉS DESCALÇOS, LADAINHAS E “BUGIGANGAS”

4.1 O que é uma procissão? Representações acerca de uma festa religiosa

Procissão, s.f. Acompanhamento ou cortejo religioso, formado por clérigos, irmandades, povo, etc.; conjunto de muitas pessoas que vão marchando umas atrás das outras.⁸

A análise de uma prática educativa com os docentes em formação inicial requer olhar para eles como *peregrinos* com diferentes percursos de vida. Experiências religiosas, lembranças infantis, vivências acadêmicas, posicionamentos políticos, marcam suas falas, constituídas como narrativas diretamente ligadas à discursos, construídos nesse espaço de mediação entre ideologias e práticas que constituem a cultura e que moldam a nossa vida.

O sentido literal da palavra “procissão” ou “peregrinação” está diretamente ligada ao que vemos concretizado, seja participando dela ou apenas observando: é um conjunto de pessoas que se unem em caminhada com propósito religioso, com uma direção sua pré-determinada. Romaria sempre se refere à multidões de fiéis reunidas em procissões em direção a um lugar sagrado. Sempre remonta a quem peregrina até um lugar para manifestar a sua fé, pagar promessas, depositar ex-votos, pedir graças. Romaria e procissão são sinônimos. Não se separam. O primeiro tem a ver com o acontecimento em si, isto é, objetivo da peregrinação. O segundo indica a ação dos que saem à romaria.

De acordo com Rigo (2006), a procissão, como prática da maioria das religiões, é costume muito anterior à redação da Bíblia. É uma viagem dos crentes para um local consagrado por uma manifestação divina para aí apresentar sua prece em um contexto favorável. Ele ainda cita como incentivadores de participação a

⁸ FERNANDES, Francisco. Dicionário brasileiro Globo. São Paulo: 1995

tradição familiar, passada de geração em geração; a fé pessoal; a mobilização dos meios de comunicação; as promessas feitas durante o ano; aumento da devoção popular que une multidões em torno do sagrado.

Ivone Richter (1990, p. 48) cita sobre a Romaria:

Com respeito ao tempo, pode-se determinar momentos de máxima sacralidade, coletivos e pessoais. Assim, a procissão, a Missa no Altar-Monumento, a Bênção dos Doentes transcorrem em um tempo cuja sacralidade é compartilhada por todos os fiéis; por outro lado, a oportunidade de se aproximar das imagens e entrar em contato com elas constitui a maior expectativa pessoal de um grande número de romeiros.

Para quem participa ou já fez parte de algum evento desse tipo, pode ter a sua percepção incitada por outros sentidos, seja ela a visão, o olfato, os ouvidos e até mesmo o gosto, dependendo do envolvimento de quem analisa com as festividades religiosas. A realidade cotidiana é percebida por cada um de nós de um modo muito particular, damos sentido às situações por meio do nosso universo de crenças, elaborado a partir das vivências, valores e papéis culturais inerentes ao grupo social a que pertencemos. As representações nos permitem decodificar e interpretar as situações que vivemos.

A percepção é um ato de entendimento, o que envolve um ato de compreensão adquirido por meio dos sentidos, assim como uma experiência estética que, na concepção de Renato Barilli (1992), envolve as vivências e as transformações sensíveis e cognitivas que um sujeito elabora a partir dessas vivências.

A experiência estética coloca a cognição em permanente desconstrução e reconstrução, pela vulnerabilidade aos acontecimentos, estados de espírito, relações com a cultura, saberes múltiplos vindos do corpo e de abstrações, além do que a mente elabora a partir das paisagens do corpo, do ambiente, da memória e da ficção. (...) (BARILLI, 1992, p.32)

Bruner (1991) afirma que organizamos a nossa experiência diária e a nossa experiência de acontecimentos humanos principalmente sob a forma de narrativa. Criamos histórias, desculpas, mitos, razões para fazer ou não fazer. À medida que caminhamos para a vida adulta, pelo menos na cultura ocidental, tornamo-nos cada vez mais adeptos de ver o mesmo conjunto de acontecimentos de acordo com

múltiplas perspectivas, interpretando os resultados como se fossem mundos alternativos. Damos diferentes status de realidade a experiências que criamos a partir de diferentes encontros com o mundo. Damos, por exemplo, um valor canônico a atitudes que dizem respeito a certas formas de conhecimento.

Como *pesquisadora-frequentadora* da procissão da Medianeira a anos, através do meu ato fotográfico, fui pega por seus encantos e desencantos, através da visão, com suas cores, aglomerados de objetos; a audição, com hinos, ladainhas e propagandas populares; o olfato, pelos cheiros misturados de velas, flores e comidas; o paladar, pelas variedades de doces comercializados; o tato, pelo inevitável contato ao caminhar entre a multidão. No meu ponto de vista, tenho uma procissão como uma festa complexa, um agrupamento de sensações marcantes e, principalmente visuais, vendo na quantidade dos elementos repetitivo um fato marcante: as ladainhas, as pessoas, os cantos, os santos sobre as bancas de venda repetem, como a cada ano do evento, palavras sejam elas de saudação ou de pedido de perdão, de agradecimentos e súplicas.

Alguns dos colaboradores se envolveram com as questões religiosas, outras se afastaram por motivos diversos, outros nunca tiveram contato. Diferentes narrativas acerca da temática e da procissão em questão mesclaram-se com posicionamentos construídos ao longo de vivências e das não-vivências, de discursos construídos por diferentes espaços e instituições.

Entre os colaboradores da pesquisa, encontravam-se duas pessoas que nunca participaram de nenhuma procissão religiosa, *Luis* e *Luzia*, e dois que participaram desse tipo de evento, *Clara* e *Francisco*, todos atualmente residentes na cidade de Santa Maria. Tal heterogenia relacionada à experiência religiosa permitiu aos participantes e à pesquisa a troca de experiências e diversos pontos de vista sobre a temática abordada.

Como exemplo, cito *Luis*, natural da cidade de Quaraí/ RS, que não segue nenhuma religião e nunca participou de um evento religioso. Por ser de família “*não muito religiosa*” (fala de **Luis**), provavelmente as suas questões familiares envolvem o *peregrino* em aspectos de fé e a sua distância em relação à cidade de Santa Maria também fez com que a sua experiência relacionada à Romaria nunca fosse de proximidade, nem de caráter participativo, nem de observação, apesar de saber de sua existência pela televisão.

Luis - *A primeira imagem que me vem à cabeça [em relação à palavra procissão] é um monte de gente caminhando, talvez por ligar a palavra às procissões que a gente vê na televisão.*

A sua percepção acerca de um evento religioso como uma procissão aproxima-se das imagens vistas pela mídia ou pela simples observação, como “*um monte de gente caminhando*”. O colaborador vê como um amontoado de pessoas, sem falar nos possíveis objetivos de uma procissão, ligando-se apenas ao seu aspecto visual.

Já *Luzia*, nascida na cidade Alegrete é uma *peregrina* que se designa com fé, apesar de não ser uma católica praticante. Por não participar de algum evento religioso, manifestou imensa curiosidade de participar da Romaria e conhecê-la. Sobre o primeiro aspecto da pesquisa, relacionado à palavra procissão, também liga-se ao aspecto mais visual, incluindo as modificações que a cidade sofre no dia da Romaria :

Luzia - *Multidão. Uma multidão caminhando, velas... mas nunca participei de uma procissão, só ficava sabendo por jornal ou televisão. Ou até mesmo o dia que fica bem movimentado, né.*

Também conhecendo a procissão em questão – Romaria da Medianeira - apenas pela imprensa e relatos, *Clara* teve a sua infância envolvida com a religiosidade enquanto criança, na sua cidade de origem – Ametista dos Sul/ RS – mantendo ainda alguns princípios da religião católica, a qual foi educada. Foi catequista, participou de algumas procissões e, embora morar em Santa Maria à tempo, nunca participou da Romaria da Medianeira. A imagem que liga à palavra procissão à sua memória tem a ver com as questões votivas de certos fiéis em relação ao seu credo e ao que foi vivenciado na sua infância, no ato de ver os romeiros retirar os sapatos e acompanhar a procissão por motivos de agradecimento:

Clara - *A primeira idéia, a primeira coisa que me vêm à cabeça primeira coisa que eu penso são nas pessoas e no pagamento de promessas. Porque eu vi e participei de algumas poucas quando eu era criança e desde sempre era um monte de gente junto andando... Na verdade tinha uma romaria de lá que era no interior da cidade e o pessoal ia a pé – e era longe! -, e muitos iam descalços...*

Francisco é um peregrino/ *peregrino*: é um colaborador da pesquisa que frequenta a Romaria da Medianeira desde criança e faz questão de manter sua tradição a cada ano que passa. Nascido e residente em Santa Maria, há 25 anos, sua família participa de todos os momentos que envolvem a procissão, no 2º domingo do mês de novembro: saída em frente à Catedral Diocesana, missa pela manhã e missa da saúde à tarde, além de comprarem o almoço oferecido pela paróquia todos os anos para levarem para casa.

Francisco - *Cheiro de vela, a imagem da vela. A vela e as pessoas caminhando com as velas na rua. Essa é uma das primeiras imagens que lembra desta Romaria. Ah , procissão também lembra sempre um caminhar com objetivo, onde tu vai lá atrás de uma coisa, não sei... não é só caminhar, tem um algo mais: pode ser religioso, pode ser um protesto, tem que ter um objetivo na caminhada. Procissão pode ter outro caráter religioso e Romaria acho que é mais católico.*

Entre os sujeitos, *Francisco* e *Clara* evidenciaram nas suas falas um maior contato com o aspecto religioso: os dois ligaram a representação da palavra procissão às suas vivências e a aspectos fora do sentido mais denotativo. Também foi possível notar que, quando os peregrinos contavam suas experiências, um certo tom de vergonha ou constrangimento beiravam suas respostas: *Francisco* dizia que trocava o escapulário todo o ano, durante a procissão. Mas, por que utilizava o escapulário? Por tradicionalismo? Outras perguntas de minha parte, umas expostas outras não, envolviam suas respostas ao dizer que não era um peregrino católico, mas pela tradição da cidade e da sua família de participar da festa. E enquanto respondia, ele mesmo era pego pela contradição de sua fala, refletindo sobre o seu papel de um peregrino fiel: sim, ele ia porque acreditava na santa, não por um fato meramente corriqueiro.

Desse modo, ao entrar em contato com os peregrinos, noto que a percepção em relação à mesma palavra também equivale às suas experiências e diferenciam por serem mais aprofundadas ou superficiais, se ficam no âmbito apenas da observação ou de vivência. As experiências religiosas dos sujeitos estão diretamente relacionados aos seus olhares. A participação ou não em festas populares, a influência da família e suas lembranças vem à tona nas falas, onde seus “mundos concebidos, envolvidos, as essências, os conceitos e valores é que constituem os indivíduos, orientando suas práticas, suas técnicas, suas formas de produção , sua cultura”. (BARRILLI, 1992, p.39)

4.2 E a Romaria da Medianeira? Percepções e pré-concepções sobre a festa

Que gente é essa? De onde vêm e por quê vem? O que traz consigo e o que deseja levar? Que humanidade é essa “que tem razões que a própria razão desconhece”? Que leitura se faz dessas pessoas que conjugam piedade popular e devoção mariana? Turismo religioso ou misticismo? Que compreensão retirar dessa multidão de anônimos atraídos pela Mãe do Senhor? Como avaliar se a sua bravura e cansaço terão sentido ou serão recompensados? (RIGO, 2006, p.16)

Com o tempo, a experiência relacionada à Romaria ou outros aspectos religiosos torna-se determinantes sobre as percepções dos participantes do grupo em questão. Os peregrinos da pesquisa, frente à temática proposta e às suas problematizações, colocaram seus pontos de vista relacionados à Romaria da Medianeira e suas experiências. Assim como Francisco nas suas palavras “ *Eu vou na Romaria há 26 anos... Já é sagrado, todo ano eu a toda a minha família vai!*”. A sua história de vida ilustra permanentemente os encontros e o seu ponto de vista se diferencia em relação aos demais participantes, pois ele está envolvido desde a sua infância nesse evento, que já se constitui como ato tradicional *ir à Romaria* juntamente com sua família.

Durante os encontros, as ‘janelas’ que re-apresentavam a maior festa religiosa popular do estado do Rio Grande do Sul, a Romaria Estadual de Nossa Senhora Medianeira, enfatizavam o aspecto mercadológico da procissão, como bancas de venda de objetos, comidas, vendedores ambulantes. Acredito que as mesmas foram bem determinantes nas colocações dos sujeitos, no direcionamento de suas falas ou do enfoque dado às discussões.

Não só a abordagem histórica da festa, através de um texto, foi responsável pelo conhecimento do contexto onde a festa se realiza, mas também a imagem de registro levou-os a perceber os aspectos visuais e discutir sobre o sentido da venda desses objetos durante a procissão. As discussões acerca da temática voltaram-se os objetivos da procissão e das pessoas que participam dela.

Luis – *Eu acho que a questão do comércio está envolvida e sempre teve. A própria história da igreja Católica na idade Média tem a ver muito mais com o dinheiro e da usura do que só com a religião. Tem pessoas que participam de boa fé, mas, no total, da estrutura, o que interessa, para quem está e fora, é o comércio.*

Luiza - Sim, pelo jeito, a própria Romaria virou um comércio.

Francisco - Acho que tem dois lados opostos: tem a igreja e tem a prefeitura... E tem os romeiros... Na verdade são três partes.

Luis - Não sei se seriam três, mas tem aqueles que tem o interesse na questão do ganho financeiro, em aproveitar a Romaria para o ganho financeiro, assim como tem as pessoas que vem de boa fé pra cá para Romaria.

As discussões causadas pelas questões levantadas é possível inferir o quanto a questão do comércio foi bem instigante para maior parte do grupo, principalmente pelos que nunca fizeram parte dela, como *Luis* e *Luiza*. Enfatizou-se as questões relacionadas à história da Igreja Católica e de sua história, calcados no passado. Sinto que é um primeiro olhar já direcionando pelas fotos, colocando também a questão de crença, que fazem parte dos que “*vem de boa fé pra cá para Romaria*” (fala de **Luis**). *Francisco*, ao abordar sobre a festa, tenta dividir os papéis entre instituições e participantes da festa e delimita os objetos a serem vendidos como *bugigangas*.

Francisco - Eu acho que tem a igreja, que é papel dela organizar a Romaria; a prefeitura que cede os espaços para as pessoas vender **as bugigangas** e os romeiros que vem para ir na Romaria, uns como eu que vou pela caminhada e pela fé que eu tenho e tal na caminhada, **mas tem muitos que vão comprar bugigangas**.

Mas porque tais objetos seriam bugigangas⁹? Na fala de Francisco está explícita sua relação com o comércio do local: classifica os objetos de baixa qualidade, incluindo na fala os vendedores e compradores dos mesmos como apartes dos ‘verdadeiros romeiros’. E nesse sentido, a prefeitura seria responsável por ceder espaços na avenida onde localizam-se as bancas e de incentivar a venda de tais objetivados de tal predicativo vulgarmente falado por um objeto qualquer?

Segundo Rigo (2006), a cada ano, durante a avaliação da romaria, depara-se com a questão do comércio na romaria. E até hoje não se chegou a alternativas. Há ambulantes que viajam de norte a sul com objetos religiosos, perambulando de romaria em romaria. Sobrevivem desse trabalho. Ele infere na falta de possibilidades

⁹ No dicionário encontra-se: **bugiganga, s. f.** Coisa de pouco valor; bugiaria; bagatela, quinquilharia. Referência: FERNANDES, Francisco. **Dicionário brasileiro Globo**. São Paulo: 1995

de controlar o espaço público, como a Avenida Medianeira, administrado pelo poder municipal.

Clara, diante das imagens, traz suas lembranças para falar sobre a relação entre as procissões e a venda de objetos:

*Clara - Eu lembro muito vagamente de ouvir falar da Romaria, quando era criança, porque vinha para a região passar férias na casa dos meus avós. E eu cheguei a vim conhecer a Basílica quando eu era criança... **mas eu acho que essa coisa do comércio para mim, em todos os cultos que as pessoas fazem tem que ter e (...) não tem.. não digo que seja impossível, mas para mim parece que não se desvincula uma palavra da outra.** E em todas as coisas que se faz, sempre vai ter alguém com uma preocupação capitalista comercial. Eu acabo lembrando de quando eu fui na adolescência. Nós íamos de manhã para aquela localidade, aí tinha missa... e de tarde tinha matinê, tinha bailinho... **e tinha umas banquinhas vendendo coisinhas e porcariazinhas, e a maioria dessas coisas não eram religiosas.** E virava uma festa, mas não tinha nada a ver com religião. Tinha gente que ia só de tarde. E era romaria! Tu sabe que é um evento religioso mas tu não desvincula... para mim nunca foi desvinculado da outra parte, porque é como se fizesse parte da festa...*

A colaboradora, ao relembrar das procissões que já participara, enfatiza a inevitável presença da venda dos objetos nos cultos religiosos, como se fizesse parte de todo o seu desenvolvimento o aspecto mais lúdico que fugia do aspecto da crença, fazendo parte principalmente das expectativas do próprioromeiro a compra de ‘coisinhas’ sem caráter religioso. Ela cria uma certa homogeneidade ao adjetivar tanto a procissão da sua cidade, como a própria Romaria da Medianeira, ou até mesmo qualquer romaria em questão, dizendo ser tendenciosa a compra e o aspecto não religioso nesses eventos. Dessa forma, entendo as suas palavras como uma aceitação desse aspecto, como uma fala democrática que envolve o direito de quem participa e compra objetos em peregrinações, colocando-se no lugar de um dosromeiros.

*Clara - Agora que eu conheci a Medianeira, eu acredito que vai ficar mais ou menos nesse... porque ... cada um vai por seu motivo... e assim como vão para rezar, também vão para olhar o que tem para vender lá. Porque eu acho que faz parte do ser humano essa curiosidade daquilo que se pode ter, sabe: “aí de repente eu vou poder comprar levar”, pode ser uma lembrança religiosa que tu talvez não vai poder comprar depois. **A gente tem essa tendência.***

Opiniões divergentes a respeito do assunto contribuiram não só para os encontros em si, mas para uma construção prévia de quem nunca participou de um evento como uma procissão. Percepções e pré-concepções formaram-se, umas entrelaçadas à lembranças, fatos do passado, convicções religiosas ou não. E nesse emaranhado de falas, que muitas vezes dificultou a própria análise das falas, houve a disputa implícita por significações verdadeiras a respeito disso: uns já utilizavam fatos históricos que envolvem a instituição promotora do evento como causa inicial do comércio, outros acusam a prefeitura e os próprios vendedores como incitadores do fator 'profano' da religiosidade, outros colocam-se como constituintes desse processo, mesmo tendo clareza dos seus efeitos sobre a sociedade como acerca do mesmo assunto.

Richter (1990) cita que o domingo da Romaria, o tempo e o espaço estruturam-se em âmbitos sagrados e profanos, o que determina condutas diferentes nos participantes. No entanto, não são âmbitos totalmente separados, assim como as motivações também não podem classificar-se de maneira absoluta.

São nas suas narrativas que encontramos também as suas posições dentro do grupo: uns calam, outros concordam, outros dominam as falas, outros não aceitam respostas diversas às suas. Nessa peregrinação de indagações, ficam marcadas subjetividades enquanto *peregrinos*: uns mais sutis e sensíveis, outros composições mais partidárias e historicamente situadas.

4.3 Sobre 'nível cultural', valores e crença: o comércio de 'tarequinhos' na Romaria

Ao falarem sobre as questões que envolvem o comércio na Romaria da Medianeira, surgem novas discussões acerca dos participantes e do ato de compra dos objetos vendidos e aparece como ponto principal de análise – por parte dos *peregrinos* - os aspectos que envolvem tanto as significações sobre o termo cultura como sobre supostos níveis culturais existentes entre os romeiros.

Na visão Roger Simon e Henry Giroux (1994), o discurso dominante ainda define a cultura popular como o que sobra após a subtração da alta cultura, da totalidade das práticas culturais. Ela é vista como o banal e o insignificante da vida

cotidiana, e geralmente é uma forma de gosto popular considerada indigna de legitimação acadêmica ou alto prestígio social.

Iniciando as discussões sobre o mercado religioso, Francisco e Clara citam:

Francisco - *Eu vejo assim... Eu, em 26 anos que vou, nunca comprei nada, a não ser uma bola que ganhei quando eu era pequeno do meu pai e que furou na primeira esquina. Aquela senhora que vai todo dia na igreja ajudar o padre não sei o quê, na sua cidadezinha, daí ela vem de ônibus, visitar a Romaria .. para ela aquilo ali ó: primeiro que ela não mora aqui na nossa correria. Ela mora numa realidade onde a igreja católica faz parte da vida dela e ela vem pra cá e acha aquilo o máximo que ela vai poder ter contato. Então na verdade é uma questão cultural!*

Clara - *É, bem como tu disse, é uma questão extremamente cultural...*

Num sentido comparativo às pessoas que vem de fora da cidade com as que residem em Santa Maria, *Francisco* cita que a compra é uma “questão cultural”, pois o cotidiano do romeiro está fortemente marcado pela catolicidade e a Romaria seria o auge da sua participação e das suas expectativas religiosas. Talvez o crente vê na materialização da sua fé num objeto, religioso ou não, como uma lembrança desse dia importante e tão raro para quem vem de uma cidade menor.

As questões por mim levantadas em meio às discussões, indagações pertinentes à pesquisa, foi uma tentativa de aprofundar o olhar dos colaboradores sobre suas próprias formulações conceituais, chegando muitas vezes à própria dúvida e silêncio sobre suas falas. Os dois sujeitos falam sobre questões culturais, mas como isso é definido por isso? O que seriam tais questões culturais? Em meio à indagação, *Francisco* responde:

Francisco - *Questão cultural, ora! Questão de nível cultural! De informação! Eu me considero um cara informado. Eu vou na Romaria, apesar dos pesares, eu sei quem administra, mas eu vou pelo meu motivo na Romaria, não pelo motivo dos outros. Quantos estão ali pela fé, mas quantos não estão nem aí?! Se tu pegar a Igreja Católica tu vai ver muitos erros. Mas eu não defendo nem apóio a Igreja Católica. Eu só não vou em missa, eu vou só na Romaria, é uma coisa por ano que eu vou. Tem cara que vai caminhando e bebendo! Aí, agora a gente não vai no troço por que o cara lá vai vender tal coisa?! Quando eu falo em nível cultural, não to falando em inteligência, e nem que um é melhor que o outro. Não é isso. A minha informação é: eu sei o que aconteceu com a Igreja Católica, eu estudei história da arte, mas além disso eu tenho os meus motivos, eu tenho os meus porquês, eu acredito em alguma coisa e eu acho que hoje em dia tem muita essa relação entre religião e ciência e muitos céticos olham para a religião como uma coisa de gente que*

não tem capacidade de raciocinar, de perguntar. Depois tu coloca tudo a prova: tá, tudo bem, mas o que é que sobra?

A fala de Francisco vai ao encontro de sua própria definição dentro da religião: é umromeiro fiel à procissão, católico não–praticante, que coloca acima de tudo e de todos os erros da igreja católica, “apesar dos pesares” apontados por Luis, a sua tradição e os seus motivos para ir à procissão. Cita o seu entendimento e a sua postura anti-capitalista durante a procissão como pertencente a um nível cultural mais elevado, equivalendo às suas informações adquiridas no meio acadêmico e defende a sua posição religiosa como capaz de chegar à conclusões mais racionais. Além disso, dando continuidade à sua fala, o sujeito coloca a diferença de nível cultural como um dos grandes responsáveis pela continuidade e crescimento das vendas durante a procissão:

Francisco - *Por que a Romaria é do jeito que ta hoje? Por que ela é do mesmo jeito sempre? Porque ela atinge o maior número de pessoas do mesmo nível cultural. O formato da Romaria, por que nunca se modificou? Por que ainda não tiraram o camelôs? Por que ainda tem aquela “coisa” de vender? Porque esse é o jeito das pessoas que vão na Romaria. A maior parte das pessoas gosta daquele jeito. Ela é atingida daquele jeito. **Se o nível cultural fosse mais elevado, da maioria, eu tinha certeza que NINGUÉM ia comprar uma besteira e as coisas iam se modificando.** É a mesma coisa quem vai num teatro! É diferente o ambiente, entendeu? Eu não acho que o cara que vai na Romaria vai depois no Teatro ou em outros lugares. (...) Eu to falando em nível cultural, ninguém pra mim é burro. Se as 250 mil pessoas que vão na Romaria pensasse igual a mim, não ia mais ter venda. Apesar ainda de todas as coisas negativas, eu acho que ainda se sobressai a fé.*

Como observa Costa (2000, p.41), nas representações de poder, há uma disputa “por narrar ‘o outro’ tomando a si próprio como referência, como normal, e o outro como diferente, como exótico”. Daí temos dois caminhos de análise a seguir, o poder do comércio e das divisões das experiências estéticas – no sentido de quem observa o objeto e é seduzido por ele - entre mais ou menos legítimas. O poder de um suposto nível cultural mais elevado sobre os de “nível mais baixo” compram os produtos à venda numa procissão.

Luzia e Clara discordaram das palavras de *Francisco*, colocando não a questão do estudo como algo que defina o interesse por coisas diferentes, ditas atualmente como uma menos ‘erudita’ que a outra, mas sim o interesse e os valores de cada sujeito, incluindo sua sensibilidade voltada à esses espaços.

Luzia – *Mas eu não acho que seja pelo nível cultural... [Silêncio]Acho que vai do interesse de cada pessoa, dos seus valores. Tem gente que provavelmente vai na Romaria, que tem estudo e não gosta de ir ao teatro, por exemplo.*

Clara - *Eu acho que é uma questão que tem muito a ver com a sensibilidade das pessoas.*

Divergindo de Francisco, e agregando idéias à fala das peregrinas citadas acima, *Luis* concebe as questões de nível cultural como errôneas e democraticamente atribui a todos como portadores de informações culturais, indiferentes no sentido de valoração – uma ‘mais’ outra ‘menos’, mas diversas dentro de uma mesma sociedade. Inclusive, o próprio aspecto comercial é relativizado em relação à história de vida e tradições familiares que um vendedor poderia ter ao comercializar seus objetos.

Luis - *Eu tenho uma concepção de cultura diferente do Francisco e não acho que tenham pessoas com nível cultural maior porque tiveram oportunidade de estudar. Ou tiveram oportunidade de ter uma vida acadêmica um nível cultural maior do que quem não teve. Uma concepção de séculos atrás que achavam que a cultura tem a ver com o nível de ensino. Eu acho que o erro justamente tá aí, é você partir de diferentes mundos em relação ao nosso. Eu acho que para ter uma visão e entender a Romaria, é preciso ter pessoas de vários lugares, várias culturas, não dá pra partir do que eu acho certo, quais são os valores para mim válidos. Mas tem que ver todo o conjunto de pessoas que vêm, são várias culturas, não uma cultura só. Não dá pra criticar: “Ah, a pessoa vai lá e vende!” Pode ser cultural também! Poder ser que alguém a vinte anos vinha com os pais dela, vinham vender e ela culturalmente vem na Romaria para vender! Não é que ela pense no lucro, não é que ela é má e não acredite na santa, mas ela está culturalmente e historicamente envolvida.*

O conceito literal de cultura¹⁰ está envolto numa áurea de sabedoria superior, sendo esta definida como “ato, efeito ou modo de cultivar” e num sentido mais figurativo vê-se como “aplicação às coisas do espírito; estudo; conjunto de conhecimentos; instrução; saber, esmero, adiantamento, elegância”. De certo modo, o seu significado está ligado à imagem vulgar que se faz às pessoas cultas: pessoas com nível além de quem não estuda, mais evoluída ‘espiritualmente’ e intelectualmente. Em outros casos, liga-se aos conceitos relacionados aos

¹⁰ FERNANDES, Francisco. **Dicionário brasileiro Globo**. São Paulo: 1995

aprendizados junto à família. Mas por falarem em questões culturais, o que é cultura para os *peregrinos*?

Luzia – *Cultura... (...) Eu acho que isso envolve uma questão familiar. mesmo.*

Clara - *É todo um conjunto de coisas que eu vou estar aprendendo com a minha família e minha postura frente as pessoas que vou encontrando, que pode ser influenciado pela minha família, assim como pode não ser mais influenciado pela família ou pode com o tempo não ser mais. A maneira como eu vou reagir diante das coisas que me acontecerem que vão criar esse meu olhar sobre cada coisa.*

Luis - *Eu acho que cultura é tudo o que a gente cria, tudo o que o ser humano, todos os valores, tudo o que a gente tem como bem, tudo o que a gente tem como mal, como a gente se comporta, o que é errado, o que que é o certo... E... a cultura é todo tempo criada pelo ser humano, e por isso é criado pela sociedade. É também o contato com a família, porque a família faz parte da sociedade, ela não vive isolada.*

Francisco - *Eu para mim eu dividido: inteligência e conhecimento é uma coisa, e cultura é outra coisa, depende da situação.*

As discussões vão diretamente ao encontro da literalidade da palavra cultura e da sua divulgação por diversos meios, seja ela midiática, escolar, familiar, institucional, religiosa, por valores encadeados nas nossas formas de pensar, agir e narrar. Perguntas sobre o conceito dessa palavra permearam a prática educativa e delas surgiram as principais dúvidas dos *peregrinos* acerca do termo que tanto repetiam, sem pensar na sua significância na atualidade. Antes das respostas, um silêncio inquietante pairava sobre os mesmos. O que dizer sobre uma palavra tão inserida e tão parte das discussões, que já tem tantos dizeres e autores envolvidos na sua definição? Como respondiam sobre níveis culturais se não tinham claro, nas suas concepções, o que significava a palavra cultura naquele momento?

Nos diferentes exemplos reconhecemos que a “cultura” não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior.

As formas de representação ganham força através do discurso, o que Stuart Hall (1994, p.295) se refere aos mesmos como produtores de conhecimento

significativo sobre aquilo que eles falam, pensam ou representam. E “este conhecimento influencia as práticas sociais, e, portanto, tem conseqüências e efeitos reais”. Com os discursos vêm também o poder ou, como diz Costa (1998, p.41), “o jogo de correlação de forças”. O poder alimenta as representações e encontra voz nos discursos – que é algo sempre “disseminado e circulante”. Através das representações, dos discursos, que o poder tanto estabelece o que é válido e legítimo, quanto institui ‘realidades’, dizendo o que é certo e o que é errado, o que é normal e o que não é.

O discurso ultrapassa a simples referência a "coisas", existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera "expressão" de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. No discorrer dos *peregrinos* encontram-se teias conceituais variadas, as quais compõem de forma determinante os seus pontos de vista, suas opiniões. Para Foucault, tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, ou seja, enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam.

CAPITULO 5

OS MODOS DE VER DO MEDIADOR: VISIBILIDADES E VISUALIDADES NA CONTRUÇÃO DO PERCURSO DOCENTE

5.1 Percursos de leitura: peregrinando entre âmbitos e imagens

O caminho da construção da formação docente necessita de propostas que abarquem a compreensão da cultura visual, significando nessas reconhecer que se vive inundado por imagens e imaginários visuais – onde, um evento religioso poderia ser um deles – pressupondo a aproximação dos sujeitos ao objeto de análise, como a Romaria da Medianeira, seja ela através de fotografias, seja ela pela participação no evento em si.

O registro fotográfico da imagem selecionada pelos sujeitos para uma análise - a partir de âmbitos de compreensão já citados no relato dos encontros - foi realizado em uma das edições da Romaria da Medianeira, no ano de 2004, coincidentemente no primeiro ano em que começo a fotografar a procissão. As bancas localizadas na Avenida Medianeira, que atualmente foram reduzidas devido ao pouco espaço que tinha para a passagem da procissão, eram mais numerosas e a presença das imagens de gesso eram intensas.

Um fato que despertara a minha curiosidade, ao percorrer as bancas de venda, era a presença das estatuetas de gesso de Nossa Senhora Aparecida em maior quantidade e em maiores dimensões do que as representativas de Nossa Senhora Medianeira. Através de conversas com os vendedores, descobro aos poucos as suas origens: provindos da cidade de Aparecida do Norte, local de forte devoção mariana e visitas turísticas. Nessa cidade há ao maior santuário do mundo voltado a Nossa Senhora Aparecida, designada como Padroeira do Brasil, sendo este o terceiro maior templo católico do mundo. Por esse motivo, há nesse local uma forte produção de objetos religiosos, entre eles imagens de gesso, terços,

fritilhos, *souvenires* que abastecem o consumo dos turistas que por lá passam. Assim, foi possível notar que o comércio, localizado na Avenida principal por onde a procissão passa, é constituído por um grupo de vendedores ambulantes que locomovem-se de acordo com as festas religiosas que acontecem no Brasil.

Nesse dia, registrei um momento de consumo de uma romeira, aproveitando a luz, a posição das mãos e as imagens de gesso “estampando” o fundo da cena. “Aparecidas” em maior quantidade e escala. “Medianeiras” enfileiradas num pequeno espaço (fig.27).



Figura 27 - Romaria da Medianeira – 2004

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Entre tantas outras imagens, em outras edições que fotografei, posso dizer que esta imagem, também é para mim uma das mais significativas pelo seu conteúdo simbólico, voltado ao aspecto mercadológico, assim como por seus valores cromáticos e composição. Como deixar de registrar as relações entre uma procissão e o comércio, relação essa, que acaba, não raro, por se tornar

sustentáculo da propagação e repetição dessa situação, onde um fortalece e justifica o outro? Quais são as suas estratégias para que atinja o fiel, esse disposto a levar para sua casa a suposta proteção divina? Isso dá luz a uma questão que sempre me foi posta, a de, se o comércio ambulante, que se espalha por outras procissões, é um mercado paralelo à procissão ou se contribui para a sua difusão.

Hall (1997) infere que as práticas econômicas ocorrem e produzem efeitos dentro da referência discursiva daquilo que compreendemos como sendo justo e injusto - elas dependem e são “relevantes para o significado” e, portanto, “práticas culturais”. Como diria Foucault, a cada momento particular, o funcionamento da economia depende da formação discursiva da sociedade.

A imagem acima, na qual se vincula um tema religioso, ligada a uma estética que remete ao objeto *Kitsch*, é complexa por suas significações e interpretações possíveis e depende de uma rede de informações e contextos sociais, que operam entre si de um modo não linear. Esta fotografia pode configurar a visualidade que perpassa as questões da religiosidade contemporânea e a noção de subjetividade perpassa pelos processos de representação e artefatos da cultura visual.

Segundo Silva (2007), a noção de representação, tal como utilizada na análise cultural, está centrada nos aspectos de construção e de produção das práticas de significação, onde a imagem reflete a realidade e a representação “é” a realidade. Nesse sentido a imagem mantém uma relação de passividade com a realidade, limitando-se a reproduzi-la.

A noção de imagem expressa, de certa forma, uma visão estática do processo de significação. A imagem é apenas registro. Nesse sentido, a fotografia, tal como comumente entendida, é a imagem por excelência. A representação por outro lado, é ativa e produtiva em mais de um sentido. Como estratégia discursiva, ela produz os objetos de que fala. Além disso, ela não pode ser produzida, sem a ativa mobilização de um repertório de recursos semióticos, retóricos, estilísticos. Finalmente, a representação, como já vimos, além de objetos, produz sujeitos. (SILVA, 2007, p. 54)

Nesse caso, essa imagem como registro de um determinado ato, localizado num momento e contexto determinado, é o congelamento de um instante, onde sujeitos, objetos e ações são captados por um olhar, com intenções. Seus recursos visuais levam a uma leitura de um enfoque determinado, de significados engendrados, de noções estabelecidas por discursos, que são as representações.

Há uma produção de sentidos quando o olhar percorre as estratégias compositivas da imagem – de ângulo, de tomada de decisão de foco, de escolhas.

A inserção dos docentes na análise das imagens de uma procissão envolve mexer com posições e olhares já perpassados por discursos e representações construídas ao longo do tempo e que permanecem latentes nas suas falas e nos seus olhares. Significa ver como os sujeitos participantes da pesquisa refletiram sobre aspectos que presenciam na religião, nos objetos que a permeiam, nas festas que a propagam, e quais são as relações feitas com a cultura visual que envolve a cidade.

A compreensão crítica de um objeto visual, como uma procissão, perpassa por questionamentos para interpretação da mesma. Uma análise do ponto de vista cultural envolve sair da superfície da imagem, entrando na sua trama de significados, no contexto que se insere. Aqui, o papel do olhar é de extrema importância visto que é ele, nessa pesquisa, o instrumento e objeto de análise. A visão tem um papel ativo na formação da representação, pois existe, entre a visão e as coisas, a linguagem.

A representação do olhar está estreitamente associada ao olhar, à visão. De uma forma e de outra, a questão do olhar, tal como a representação, tem estado no centro da análise cultural. (SILVA, 2006, p. 59)

A leitura do registro fotográfico em questão, objetivando o aprofundamento das questões voltadas à esteticidade do aspecto do mercado da Romaria, concretizou-se pelos olhares dos *peregrinos*, guiando-se, como já dito no descrever dos encontros, por âmbitos que levam em conta a compreensão dos aspectos histórico-antropológico, crítico-social, estético/artístico, e o pedagógico, perpassados, na sua totalidade, pelo âmbito mercadológico, que, devido ao enfoque da pesquisa, estava constantemente presente durante as análises dos âmbitos restantes e nas falas dos peregrinos em todos os momentos da pesquisa, também já citados no primeiro capítulo. O aspecto pedagógico será tratado no capítulo oito, onde problematiza-se a presença da imagem da Romaria da Medianeira no ensino da arte.

Contexto histórico/antropológico e aspecto crítico social

Nessa pesquisa o âmbito histórico-antropológico é utilizada no sentido de abordar as características da imagem como uma “fala” sobre o local e a época onde está inserida, e, nesse sentido, teve a intenção de ver as problemáticas relacionadas à cultura, valores, crenças, idéias políticas e religiosas que circulam a imagem, vendo as relações entre os objetos contidos na imagem com a própria instituição (Igreja) a qual o evento faz parte. Conforme a perspectiva de Franz (2003) ocorreu ao pensar a leitura de imagem como forma de compreender culturalmente determinadas forças sociais de maneira histórica e de seus artefatos, objetos.

Em relação ao aspecto crítico social, os peregrinos foram envolvidos em questões voltadas sobre contexto social – a Romaria da Medianeira e a cidade de Santa Maria, na tentativa de analisarem possíveis aspectos visuais e as relações de poder que perpassam a imagem em questão. Entretanto, tais relações e intenções da leitura foram feitas de formas superficiais, não aprofundando ou saindo do plano da imagem e da sua possível significação direta: religião e consumo.

O contexto histórico ali representado, a procissão como prática cultural resultante de um acontecimento, não foi citado durante a leitura, mesmo após uma mediação através de textos e imagens, durante os encontros, sobre os principais motivos do início da procissão. Os *peregrinos*, na leitura de imagem, ficaram à margem de uma possível interpretação mais aprofundada, pois além de ter trabalhado, durante os encontros, o contexto histórico, a leitura de imagem permaneceu no nível das aparências. Isso faz com que eu me pergunte: será que a minha mediação não foi suficiente para tal aprofundamento? Será uma falta de interesse por parte do professor em Artes Visuais pelo contexto cultural da sua cidade?

Durante a leitura do registro fotográfico, os *peregrinos* se detiveram mais nas problemáticas voltadas à cultura e do contexto atual, reduzindo, a partir de seus elementos visuais (objetos, local e personagens) à possibilidades de interpretação menos complexas, vendo apenas o momento em que se presenciava aquela cena, citando a questão do consumo relacionado à religião, sem maiores aprofundamentos ou alargamentos conceituais. É possível inferir que os alunos da Licenciatura, mesmo estando no último ano do curso, não conseguem ainda compreender ou

interpretar uma imagem em seu sentido contextual, e sim apenas no que é periférico. O que podemos ver é um problema de formação no sentido da leitura de imagem crítica.

Segundo Raimundo Martins (2005 apud, OLIVEIRA e HERNANDEZ, 2005, p. 142), as imagens carregam referências culturais, relacionam e transmitem acepções e sentidos, e informam processos cognitivos que constituem tramas conceituais entre imaginário e significado. Mas para isso, essas mudanças exigem uma atitude inquiridora, cabendo às instituições universitárias, como matrizes de formação pedagógica em arte, elaborar propostas de ensino e aprendizagem que ajudem os futuros professores de arte a desenvolver tal atitude.

***Clara-** A imagem não deixa explícita a época em que se insere. **Somente por ser colorida mostra-se como uma imagem possivelmente recente.** A lona azul e as prateleiras “improvisadas” mostram que a situação ocorre não em um espaço fechado e permanente, mas em uma “tenda” montada com a finalidade de vender esses objetos por tempo determinado. Acho que dá pra ver na maneira como as coisas estão colocadas: o papel em baixo, a tábua descoberta, a lona atrás, dá pra ver que não é uma coisa tão sofisticada. É uma festa popular. **Ela é montada para àquela hora, aquele dia.** (...)... O contexto cultural parece mesclar uma cultura religiosa a uma cultura de consumo. As pessoas, não tem como definir o poder aquisitivo delas, até porque é uma niqueleira o que a mulher usa.*

A peregrina **Clara** descreve sobre os contextos de consumo dentro dos “eventos populares”, generalizando, a partir desta imagem, as outras manifestações de âmbito comercial em outras festas religiosas. Na tentativa de corresponder à época histórica da foto, ela apenas infere sobre a não explicitação de uma época, ou período histórico. Sua atualidade é determinada pela materialidade da fotografia, por ser colorida. Mas Clara descarta a possibilidade de manipulação de imagem, onde a mesma poderia ter sido manipulada para que tivesse um aspecto antigo. Somente esses aspectos de cor – o seu processo de produção - remetem sobre o seu conteúdo histórico? Quais seriam os outros elementos passíveis de análise que pudessem trazer esse aspecto tão importante como o seu contexto de produção, e até mesmo da sua continuidade ano a ano? Por que aquelas imagens, já dispostas para venda, em grande número, existem e são tão comercializadas aqui em Santa Maria?

Outra questão levantada por *Clara* é que a imagem mostra a previsibilidade de permanência daqueles objetos, visto que os materiais ali representados levam à uma conclusão de não permanência naquele espaço, característico do comércio ambulante e camelôs.

Clara - Isso me parece uma hierarquia no conteúdo religioso da imagem. Ainda, as mãos nos cantos da imagem, a da direita em uma posição superior, aquela que aparentemente possui o dinheiro, que possui maior poder financeiro, e a da esquerda, em uma possível posição de espera ou subserviência.

As relações de poder na imagem, como infere a peregrina *Clara*, são percebidas, mais claramente por ela, na relação da disposição das imagens representativas marianas. Nesse caso, as imagens de Nossa Senhora Aparecida estão maior número e expostas numa prateleira mais alta, ainda sim, em mais de uma prateleira, enquanto que, as imagens de Nossa Senhora Medianeira se apresentam em dimensão padrão, inferior as da anterior e em menor número, ocupando apenas um pequeno espaço, não central, dividido com as de Aparecida.

Ao ler o registro fotográfico da Romaria da Medianeira, *Luzia* percebe que “a imagem da “Santa”, referendada na Romaria aproxima-se bem mais do contexto cultural da cidade, e, da “época atual”, ao remeter ao seu caráter histórico. Mas dessa forma, ela, assim como *Clara*, apenas situa a imagem num lugar e num espaço, não aprofundando outras questões que a imagem permitiria.

A disposição dos elementos nas bancas, repetições intermináveis aliadas à temática de Nossa Senhora Medianeira estão relacionados à reprodutibilidade e o consumismo: “há um apelo visual, de uma fé que também se consome através de diversas formas em que a “santa” é vendida na Romaria” (fala de *Luzia*). Vê-se que a *peregrina* tem como visão primeira os aspectos mercadológicos da fé como constituinte desta paisagem cultural santamariense. Compartilhando com a narrativa de *Luiza* sobre a venda dos objetos, *Luis* cita:

Luis - A niqueleira em uma das mãos é muito ilustrativa, parece que, no momento histórico, muita coisa está a venda, inclusive a fé. Não basta crer, é necessário possuir a santa, ou o santo.

O peregrino vê nas relações entre os objetos e compradores presentes na fotografia uma relação de caráter mais universal. Trata-se de uma sociedade

capitalista consumista onde “os objetos sobrepõem-se ao ser humano”, descrita por ele. Nessa sociedade, a quantidade de desejos consumistas é proporcional ao nível de satisfação e poder do indivíduo, essa relação é reconhecida e almejada por outrem. No caso da Romaria, a disposição dos objetos na banca, representadas na foto, convencem o espectador do valor e necessidade da aquisição de uma estatueta. A fotografia mostra que existe um lugar de destaque, uma prateleira a cima, às estatuetas maiores e mais caras, dando ênfase de Nossa Senhora Aparecida, tendo em vista, para que esse privilégio ocorra, a, anteriormente citada, origem do comerciante em questão, Aparecida do Norte, lugar onde essa representação é melhor aceita. Caracterizando-se aí, então, uma interferência, uma inversão de valores ou inserção de valores externos á festa comemorada em Santa Maria, por parte dos comerciantes.

Francisco acredita que a fotografia não tem um conteúdo histórico específico, pois segundo ele a cena registrada poderia representar as outras edições da festa, de anos atrás, devido ao repetido aspecto de venda, citando, assim como *Clara*, como referência histórica a característica da fotografia colorida.

Francisco – Ela é justamente o motivo do que acontece, que é uma festa voltada pra santa. O motivo está aqui nessa foto. É uma festa popular, com certeza. Até porque a igreja é uma coisa popular... Acho que fala da época justamente com esse negócio do consumismo, é um contexto de hoje (...) Fora que é uma foto colorida, já diz que é mais recente. Por exemplo, a santa plastificada, elas estão ali por uma função de venda. Elas estão ali a venda, e não simplesmente pra expor. Então dá pra ligar esse negócio do consumo. (...) Dá pra imaginar que é um lugar referente a uma coisa religiosa. Acredito que na festa este pensamento sobre comércio não seja tão visível assim, as pessoas compram pela recordação e pela fé. (...) O objetivo da venda é o de arrecadar dinheiro para a manutenção da igreja, como todas as religiões existentes fazem, como uma empresa faz.

O *peregrino* coloca o seu ponto de vista acerca do consumo, mas ameniza uma possível relação de interesses meramente comerciais entre romeiro e vendedor. No mesmo sentido, cita que a relação de poder supostamente presente na imagem que está no poder da compra, mas entra no consumo com uma certa normalidade, sem a criticidade aguçada sobre as questões da venda, do gosto estético de quem compra, colocadas na sua fala durante outros encontros. Agora a existência das “bugigangas”, tão citadas em outros momentos, fazem parte de um

contexto de consumo, mas um consumo necessário para quem precisa manter a instituição. E se essa banca não fosse pertencente à igreja e sim a um vendedor ambulante? E a presença massiva das imagens de Nossa Senhora Aparecida, não poderia remeter à origem do vendedor? Nota-se aqui uma representação do peregrino sobre o sistema que envolve o consumo e a religião e as suas relações de interesse com o público-alvo, que o comércio tanto atinge. As formas simbólicas, muitas vezes, tornam-se instrumentos de reprodução das relações de dominação e servem “para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas” (THOMPSON, 1995, p. 18).

Podemos notar que as reflexões sobre os aspectos crítico-sociais e histórico/antropológicos, presentes nas suas narrativas sobre as imagens refletem a carência de um aprofundamento desse ponto de vista sobre uma imagem, não alargando as possibilidades de uma leitura de compreensão mais crítica. Há uma falta de um olhar mais profundo na análise das mesmas. Talvez, por não se caracterizar como uma pintura histórica representativa de um fato marcante para a sociedade, o docente não despertou para uma percepção de abordagem histórica, muito menos realizou ligações do seu contexto de produção com a história da instituição à qual a festa faz parte. O registro fotográfico de uma procissão pode não ser visto, pelos peregrinos, como uma imagem de conteúdo histórico relevante. Talvez seja só mais uma festa que se repete e que mais uma vez passa despercebida enquanto constituinte da história da cidade, seja ela no passado, seja ela atual.

Aspecto estético/artístico:

O âmbito estético-artístico, propondo um olhar para a imagem como produto legitimados por valores estéticos instituídos, envolveu um olhar enfocando interpretações acerca da possível intenção de quem fotografou a festa, além de fazer uma comparação paralela da sua visibilidade com História da Arte e artistas contemporâneos, relacionando com o contexto da imagem. O âmbito estético/artístico desenvolveu-se a partir da relação quase que exclusiva com os artistas contemporâneos.

Os elementos presentes na fotografia, alusivos aos objetos de venda, bem como as mãos, uma supostamente pagando, outra recebendo o valor de uma suposta compra levaram aos peregrinos à uma partilha direta de uma mesma opinião sobre a intenção de quem fez o registro fotográfico da cena. Unem-se na mesma imagem as questões relacionadas à fé e consumo; necessidade e futilidade; sagrado e profano.

Clara - Aparentemente, a intenção de quem fotografou foi mostrar a questão religiosa do contexto, mas sem deixar de mostrar o caráter comercial deste, por meio da visibilidade da mão que abre a carteira.

Luzia – A primeira imagem apresentada acima, traz a condição da repetição de elementos, a reprodutibilidade e o consumismo. A imagem reporta a questão do consumo, mas de um modo mais sutil e aliada com o propósito da Romaria, o religioso - que seria referendar a Nossa Senhora da Medianeira.

Francisco, que há anos faz parte do contexto da festa, também compartilha da mesma opinião das duas peregrinas apresentadas acima, descrevendo de forma mais detalhada a situação dos objetos voltados para venda. Mas questionou essa intenção fazendo-se valer do seu ponto de vista como romeiro, classificando a intenção do portador da máquina fotográfica como promulgadora “de um registro distorcido da real intenção de consumo dos participantes da festa”. Ou seja, o consumo se daria dentro de um caráter de credo e/ou puramente afim de recordação, não atribuindo, segundo sua visão, o caráter possessivo inerente a outras situações meramente consumistas. Talvez por haver a idéia do sagrado permeio às intenções de consumo, essas se tornem mais brandas ou menos condenáveis e extravagantes.

Francisco - A intenção de quem fotografou foi a de registrar o comércio, as várias estatuetas de santas embaladas para a venda e a mão segurando um niqueleira, demonstrando a intenção da compra. Acredito que na festa este pensamento sobre comércio não seja tão visível assim, as pessoas compram pela recordação e pela fé.

Francisco, na sua leitura das referências visuais da Romaria contidas registro fotográfico, deixa explícito sua posição de *peregrino-romeiro*, pois, além de falar sobre a intenção de compra e venda, enfatiza a sua pertinente opinião sobre a festa, que percorreu outros momentos de discussão.

Luis já discorre mais sobre o aspecto compositivo da fotografia, fazendo o uso do ângulo de quem fotografa para ressaltar as intenções desse olhar de registro. Vê o no ângulo de onde foi registrada uma forma de dar maior destaque aos elementos de fundo – os objetos a serem vendidos – e vê o desfoque das figuras e a presença apenas das mãos como uma despreocupação do aspecto humano, por parte de quem fotografa.

Luis - A foto foi registrada de baixo para cima, dando uma ênfase aos aspectos estéticos que o conjunto de imagens de santas proporcionava. Pela organização espacial da imagem é possível fazer algumas suposições sobre a festa, como a preocupação formal de quem tirou, e **a maior importância dada ao objeto, em detrimento do ser humano que ali estava**, pois embora apareçam as mãos, o foco não está nelas. (...)

Em relação à ligação do registro fotográfico à aspectos artísticos, de acordo com *Clara*, é possível realizar uma ligação da imagem selecionada com a arte sacra, na História da Arte, bem como relacionar o trabalho dos artistas Leon Ferrari (fig. 28) e Nelson Leirner (fig. 29) devido à repetição dos objetos e de sua colocação alinhada, como na mostra *Fronteiras* realizada na VI Bienal do Mercosul, em Porto Alegre.

Nascido em 1920, em Buenos Aires, Leon Ferrari deu início a sua produção artística aos 35 anos, com esculturas abstratas, utilizando cerâmica, gesso, vidro, madeira e arames de aço inoxidável. Quando abandona a abstração, o artista integra-se a movimentos culturais de atuação política, entre eles o grupo Tucuman Arde, no final dos anos 1960. São deste período os primeiros trabalhos com alusões diretas à Igreja Católica, à Guerra do Vietnã e ao fascismo e teve uma das suas exposições censurada e fechada judicialmente por ato de “blasfêmia”, sendo reaberta dez dias depois devido reivindicações de críticos e outros artistas. Ferrari é um dos poucos remanescentes ainda em atividade da vanguarda argentina da segunda metade do século vinte e um dos principais nomes da arte latino-americana.



Figura 28 – Exemplos de obras Leon Ferrari com objetos religiosos

Fonte:

<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.huma3.com/repository/reviews/Ferrari.jpg>

O outro artista citado, Nelson Leirner é um artista que percorreu diversas linguagens artísticas e suportes, entre eles objeto, happening, instalação, outdoor, desenho, gravura, design e cinema experimental. Em todos os meios, o artista mostra sua posição crítica e irônica ao sistema da arte ou ainda a solidariedade a um repertório que, embora conceitual, abre brechas ao entendimento do público não-iniciado, ao utilizar materiais familiares ao seu universo - gessos de santos e entidades do candomblé, soldadinhos, pequenos brinquedos, animais e insetos de plástico e borracha, adesivos, que integram suas instalações.

Leirner é um artista polêmico e busca provocar indagações no público. Na instalação *A Lot(e)* (fig.29), apresentada na *VI Bienal do Mercosul*, o artista trabalha com o poder simbólico de centenas de objetos, como brinquedos e imagens de veneração para promover uma desclassificação de significados, a começar pelo nome ambíguo do trabalho, que remete à grande quantidade de elementos dos quais é composto e à sua compartimentação em blocos. Os suportes usados para a colocação das figuras, que remetem à idéia de multidão, são pintados de branco ou azul, sugerindo a terra e o mar como cenários das situações criadas. O artista apresenta diversas alegorias que promovem em nosso imaginário reflexões sobre os papéis exercidos por ícones mundialmente conhecidos, como o Mickey em corpos

de anjos e santos, assim como super-heróis como o Super-Man. Também encontramos na obra dezenas de bonecos armados “combatendo” protagonistas da história religiosa cristã - Jesus Cristo, Virgem Maria, São Jorge e outros., podendo ser lido como uma disputa entre o “poder dos homens” e o “poder dos céus. Dessa forma, atribui-se funções ideológicas aos personagens, desconstruindo as emoções que usualmente associamos a eles.

De acordo com a *peregrina Luzia*, em relação à arte, poderíamos abordar a arte contemporânea, cultura de consumo e geração de imagens, mídia, cultura popular, religião, abordando diferentes contextos e idéias, fazendo um paralelo com períodos da história da arte onde o caráter religioso aparece em ascensão.

A repetição, para *Luiza* pode ser relacionada às características da Pop Arte, decorrentes das mudanças culturais e sociais das décadas de 50 e 60, que promoveram um significativo fluxo de informações e a utilização de diferentes técnicas usadas na fabricação de produtos e objetos de uso cotidiano.



Figura 29 - Imagem da Obra de Nelson Leirner, *A Lot(e)*, 2007; Papel, madeira, borracha, tecido, plástico, metal, gesso e lã sobre bases de fórmica; 235 x 400 x 900 cm

Além das obras de Nelson Leirner, citadas também por *Clara*, agrega os artistas Lia Menna Barreto e José Patrício que se apropriam de elementos e objetos do cotidiano, variando soluções compositivas através de repetições e “situações cromáticas” diferenciadas, como ela mesma define.

Lia Menna Barreto é uma artista que trabalha com objetos de plástico, borracha e simulacros em geral, ou seja, bonecos de animais, de gente, de flor, de folhas, influenciando-se também pelo exagero das cores que universo costuma oferecer.

Num dos seus processos criativos, apresentados na 4ª Bienal do Mercosul, na instalação-performance “Fábrica” (fig. 30 e 31), apresentou o resultado de pesquisa plástica utilizando ferro de passar e animais de plástico, onde o público podia ver a obra sendo construída durante o evento.



Figura 30 - Instalação-performance “Fábrica”, Lina Menna Barreto, IV Bienal do Mercosul



Figura 31 - (detalhes) Instalação-performance “Fábrica”, Lina Menna Barreto, IV Bienal do Mercosul

Fonte:<http://www.artewebbrasil.com.br/historico/bienal/quartabienal/liamennabarreto.htm>

A obra de José Patrício (fig. 32) remete geralmente a obras feitas com dominós, objeto que o artista utiliza em sua obra desde 1999 e acabou virando característica de seu trabalho, além de uma série de utilizações de materiais cotidianos como botões, guizos, dados, fios, pequenas bonecas, panelas de brinquedo, entre muitos objetos comprados em lojas populares do centro de Recife.



Figura 32 - Trabalho da série *Ars Combinatória*, confeccionados com dados e letreiros de plástico. José Patrício, 2006

Fonte: http://www.iberecamargo.org.br/content/revista_nova/vida_artista_integra.asp?id=19

Assim como *Clara e Luzia*, Francisco cita a obra de Nelson Leiner também com um exemplar de um artista contemporâneo com algumas referências visuais de certa forma semelhantes aos da fotografia, pelo aspecto de repetibilidade da forma e objetos cotidianos inseridos nas instalações do artista.

Em relação à fotografia e sua relação com algum período artístico, Luis cita o Barroco Mineiro ou sobre as esculturas nas missões dos Jesuítas aqui no RS. Segundo ele, esse processo também influencia a Arte Contemporânea com produções de inúmeros artistas, como o Luciano Santos, da cidade de Santa Maria. Apresentando um olhar diferenciado sobre a materialidade da religião, Luciano demonstra em suas obras algumas reflexões a respeito do universo feminino, enquanto uma face do sagrado e da Virgem Maria. Utilizando-se de materiais decorativos como fitas, tecidos estampados, passamanarias, rendas sobre recortes, o artista busca reunir na sua pesquisa artística as referências da ornamentação barroca, excessiva, dourada e vigorosa, aliada ao colorido intenso das manifestações da fé popular, como cortejos e romarias, “flertando” com o *kitsch* e com o popular (fig. 33 e 34). Esse mesmo artista fez um ato performático durante a edição da Romaria da Medianeira do ano de 2005 (fig. 35) onde acompanhou a procissão com um dos seus estandartes, percorrendo entre os peregrinos com sua obra.

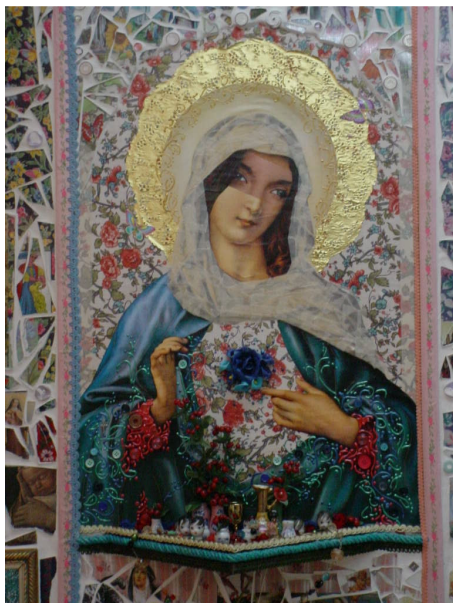


Figura 33 - Luciano Santos
técnica mista, 2004



Figura 34 - Luciano Santos
técnica mista, 2004



Figura 35 - Luciano Santos, 2005 – “Cortejos” – Romaria Estadual de N.S. Sra. Medianeira
Fonte: arquivo pessoal de pesquisadora

Durante a leitura da imagem específica (fig. 27), não aparecem problematizações a cerca dos objetos religiosos e das suas relações com o contexto de recepção, isto é, de quem olha e compra, relacionando os efeitos visuais de uma imagem de gesso sobre o crente, seus materiais e a presença do *kitsch* no meio religioso. Porém, essas questões foram permanentemente discutidas nos outros encontros, estando mais presentes em outras análises de suas falas sobre a procissão em questão e presenciando também o conjunto de imagens apresentadas durante os encontros. Essa questão é de extrema importância na análise do contexto e seus figurantes, do poder da imagem e de seus materiais sobre quem acredita na proteção de uma estatueta de gesso, a leva para casa ou a doa de presente para alguém.

Também há, no ato de quem compra, a intenção de algo voltado à religiosidade, talvez de materialização de uma crença, de proximidade da santa referendada durante a procissão, de alguma busca influenciada, há anos, por seu catolicismo e pela própria instituição que a organiza. São as lembranças de uma festa, culminada após um ato de procissão, onde levam a lembrança de um dia considerado santo na cidade. Como o crente não irá levar, para a sua casa e familiares, a suposta proteção na qual tanto acredita? E não teria uma relação com o aspecto visual, do objeto vendido, dos dourados e purpurinas brilhantes, na compra do mesmo? Será que o crente também não tem presente no consumo, uma leitura de imagem, influenciada pelo seu gosto e fruição estética? Quais seriam as relações de poder entre a materialidade da fé, a própria instituição religiosa e oromeiro?

Nos percursos de leitura, pode-se ver as diferenças dos *modos de ver* entre os *peregrinos*, novamente atreladas à história de cada indivíduo: suas preocupações e criticidades, ou a falta delas, estão diretamente relacionadas às suas vivências, experiências. Nossos *modos de ver* estão impregnados de experiências anteriores, associações, lembranças, interpretações, comprometidos com o nosso passado e com os nossos referenciais. Assim como cita Pillar (2006, p.16), “o que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar, filtrar e interpretar acerca do visto, aquilo que nos é significativo”.

É provável que a primeira experiência sobre a Romaria através de fotos do âmbito mercadológico direcionou uma prévia leitura da procissão como um todo. E o que isso influencia no futuro ato fotográfico da procissão em questão? Como levariam as discussões na construção do percurso de registros e de que forma elas

agiriam sobre os seus olhares? Talvez uma análise centralizada na cultura e nas relações de poder existentes na Romaria, vendo os discursos que permeiam as práticas que concretizam, poderia ser um caminho a construir novos olhares frente a uma festa popular.

Pela compreensão crítica da imagem, outros olhares são possíveis. E na prática educativa com professores em formação inicial, foi de extrema importância o processo de interpretação da festa em questão, mesmo que as possibilidades de análise pudessem ser mais aprofundadas, relacionadas, relativizadas. Mesmo assim, fomos além de uma mera percepção visual, retornando aos significados da imagem, atentando para formas de compreensão e de construção de significados sobre um determinado evento e do seu contexto. Assim leva-se em conta as palavras de Paulo Freire (1984) onde diz que o essencial para compreensão do texto – nesse caso um texto visual - a ser alcançada por sua leitura crítica, implica a percepção das relações entre texto e contexto.

O olhar para as possíveis relações de poder existentes na imagem se torna o um ponto fundamental da pesquisa, visto que ela inclui-se no campo dos Estudos Culturais e de Cultura Visual. As imagens não são neutras e contribuem para que os diferentes sujeitos fixem certas representações sobre si mesmos e sobre a realidade conformando, muitas vezes, seus modos de ver e pensar as visões estereotipadas e por isso que Aumont (1993) confere tamanha importância à visão, este que se situa entre a imagem e o sentido que vemos nela. Ainda nessa linha de pensamento, Silva (2007, p. 60) cita que

A visão (...) situa-se, de certa forma, entre a representação e o representável. Inquiridor, o olhar esquadilha o campo das coisas visíveis: o que ele retorna é a representação. Postular, dessa forma, a visão como elemento de mediação não significa, entretanto, retornar a algum tipo de realismo, renunciando, assim, à reivindicação do caráter construído e indeterminado da representação. Dizer que a representação é o resultado da operação pela qual o olhar escrutina o campo das coisas visíveis não é o mesmo que dizer que a representação é constituída *exatamente* pela presença de coisas visíveis.

Analisar essas imagens propõe um olhar não só as imagens da arte, mas para todo tipo de imagem, a partir de uma perspectiva cultural. Levar em conta idéias prévias e conhecimentos, onde se busca a produção de sentido, considerando

o leitor em relação ao contexto sócio-histórico da imagem em questão, seja ela da arte ou, nesse caso específico, de uma procissão e seus aspectos visuais.

A leitura de imagem foi um dos instrumentos mais importantes na prática pedagógica e o registro fotográfico constituiu-se, como uma “janela” de intenções, um recurso para levá-los a ver os vários aspectos que envolvem a compreensão de uma imagem. De acordo com Martins (2005, p. 143)

A imagem é uma elaboração complexa, preta de significados e interpretações, que depende de uma rede de informações, convenções e interpretações sociais que não operam de modo linear. Os significados não são fixos e não existe uma lógica especial que permita interpretação determinante de seus sentidos. O sentido, enredado em camadas de sensações, acepções, torna-se, por isso mesmo, multirreferencial.

Além do registro fotográfico, que partira do meu olhar, outra situação pedagógica instaurou-se como parte dessa mediação: o convite à participação e ao registro fotográfico da Romaria da Medianeira.

5.2 De peregrino à romeiro: a inserção do professor em formação inicial no contexto da procissão

Acredito que na Romaria tudo vai chamar a atenção. A gente não vai com um olhar seletivo, tudo vai chamar a atenção. É que eu particularmente gosto muito dessa parte visual, da cor, do agrupamento de coisas, assim, da seriação, das coisas colocadas todas juntas uma do lado da outra.
(Fala de Clara, 3º encontro)

Expectativas foram criadas durante conversas e imagens. Cenas vistas por fotografias poderiam ser de certa forma presenciadas. A festa, para a maioria dos peregrinos, se configurava diante dos encontros e dos relatos de quem já participou da Romaria da Medianeira. Antevíamos o que estava por vir. O registro fotográfico mais representativo da Romaria foi escolhido pelos *futuros romeiros peregrinantes* do mesmo contexto do qual falavam e tentavam traçar relações entre fé e consumo. Anterior à escolha, houve o direcionamento para as questões comerciais, as quais

me levam a construir esse trabalho. Diante dos efeitos, assumo o meu papel de mediadora desse enfoque, talvez invadindo concepções, talvez colaborando na construção de outras. Negar parte da influencia de enfoque sobre as suas possíveis leituras, seria errar mediocrementemente.

Cada peregrino teve seu percurso, previamente traçado ou não. Uns permitiram-se fazer parte das cantorias, dos acenos de mão, das rezas. Outro, como já constituintes da festa há anos, continua o seu caminho normalmente, traçado há 26 anos, mas com um novo elemento na mão, antes não utilizado: a máquina fotográfica. Os vejo como catadores de imagens, até mesmo eufóricos com mais de 250 mil pessoas caminhando ao mesmo passo.

A manhã inicia calma e fresca e termina no calor dos passos de quem já procura bonés, óculos, dvd's, santos, brinquedos e comidas para levar para casa. Encontro alguns *peregrinos* no fim da manhã e converso sobre impressões. falam sobre o que esperavam e o que viram. Caminhamos juntos no final da manhã, comemos, compramos objetos, escutamos explicações de vendedores sobre seus produtos.

As impressões sobre a festa foram registradas num texto, onde os peregrinos relataram as suas vivências durante a procissão. E são estes *textos/confissões* que me permitiram chegar um pouco mais perto da intenção e o direcionamento do olhar de cada professor, imbuído de sua *prática fotográfica*, catando imagens, enquadrando, criando novos textos visuais, a serem analisados por mim. E é no contato com fala, ou escrita, que pode-se ver, a intensidade da experiência vivida, dos sentidos atingidos, das percepções. São nas palavras que, segundo Larrosa (2002, p.20), podemos re-significar, re-apresentar o sentido das experiências vividas.

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. e pensar não é somente "raciocinar" ou "calcular" ou "argumentar", como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que acontece.

Nesse sentido, segundo o mesmo autor, não se pode antecipar o resultado de uma experiência, posto que ela não é o caminho a ser percorrido para um objetivo determinado, mas atinge outros objetivos pela sua abertura ao desconhecido. Estar

aberto ao desconhecido supõe-se tentar ver, construir novas formas, novos ângulos de observação para algo.

O convite para compartilhar de uma procissão e dos seus aspectos visuais, não teve objetivos fechados nem resultados pré-meditados. o que se teve foi a intenção de leva-los a uma partilha de imagens que me levaram, à quatro anos atrás ver numa manifestação local a importância e as relações entre consumo, religião e sociedade, atrelado às questões de educação estética e percepção cultural.

Também como *peregrina da pesquisa*, não me colocando a parte do grupo constituinte dessa *procissão-investigativa*, não dividindo o espaço entre pesquisador e sujeito, lanço o meu olhar para *olhares outros*: compartilho do dia da procissão, através de palavras e confissões escritas. Registro a sensação de ver no *outro*, no *peregrino*, o início de um caminho já vivenciado por mim, mas com o meu olhar, com a minha história de vida. Sigo o meu caminho, como anos atrás, captando janelas, olhando para os fiéis, objetos, pés descalços. Gravo vozes, cantorias e saudações. Novos personagens então aparecem nesse ano, como meu foco de pesquisa e intenções de registro: novos *romeiros* com máquinas fotográficas e outras vivências, religiosas ou não.

5.2.1 Confissões de olhares peregrinos

O olhar de Clara

Fui a outras romarias quando criança/adolescente. Não lembro bem mas, por nunca ter dado crédito à religião escolhida por outros para mim, sempre prestei atenção aos eventos não-religiosos agregados às festas. Dessa vez, mais madura e consciente, não vou pra rezar, mas me percebo com mais sensibilidade ao caráter religioso e às manifestações de crença e fé. Juntamo-nos à procissão na Rua Venâncio Aires, dali já vejo a primeira criança vestida e anjo. Ao entrar no viaduto, e seguindo, fotografo o tempo todo. Tudo chama muita atenção. É muita gente andando junto e rumando para um mesmo lugar. Presto atenção a cada passo, a cada pé descalço, a cada mão levantada. Ao longo do caminho envolvo-me mais do que esperava no processo de canto / reza. Ao ver manifestações de “Mãe Medianeira, rogai por nós”, nas janelas, botões de rosa em diversos lugares, admito sentir um certo lacrimejar e uma sensação de estar fazendo algo bom. Por mais que já tenha negando, minha criação envolta em elementos da religião católica deixou sinais e mantém-se em mim um pouco dessa “formação”.

A caminhada demora, mas não é cansativa. O clima é ameno e as pessoas mantêm um espaço confortável entre umas e outras. Já na Rua do Acampamento, o primeiro vendedor: “Lembrancinha da Medianeira, 1 real!”. Demora um pouco até aparecerem outros, mas estes vêm aos montes. Rosas, terços, água, refrigerantes, lembranças. Até ai nada que se desvie do objetivo religioso e de “manutenção física”. Até começar as roupas. E cintos. E acessórios, calças, calçados. Fotografo. Bastante. Tudo o que vejo. Fotos que serão aos poucos substituídas por outras no pouco espaço da câmera, sendo mantidas somente as que realmente me agradarem. Ao chegar na frente da Basílica, o que se vê é muita gente, muitos gritos de “1 real!”. Compro um conjunto de fitas. Em seguida, na banca da Igreja, um escapulário, que mantenho no pescoço até agora, e pretendo deixar ali o quanto puder. A fila para entrar na igreja é imensa. A essa altura, concentro-me somente na tarefa de fotografar. O fato de haver comércio não me surpreende, mas a quantidade dele sim. Gente do Brasil inteiro vem para uma festa religiosa para vender e comprar. E, em grande parte, só. Algumas pessoas mostram-se realmente interessadas na fé, na crença. Outras como um mínimo, pelo o qual já estava indo embora, fui abordada e questionada se tinha namorado... vão à romaria com vão a qualquer outro evento que aglomere pessoas: por motivos exclusivamente terrenos.

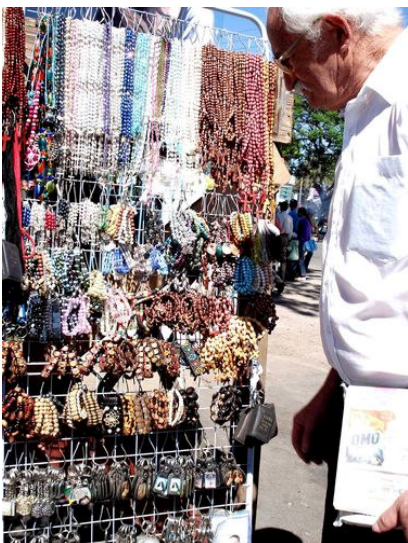



Figura 36 - Registros fotográficos de Clara

O olhar de Luis



Durante o trajeto percorrido na Romaria, em um primeiro momento procurei registrar a quantidade de pessoas, impressionado que estava com a multidão. Mas me pareceu que registrar apenas a multidão seria desconsiderar os homens e mulheres, indivíduos, que por diversas razões estavam ali. Bem como não era possível registrar os objetos selecionados principalmente pelo conteúdo estético da imagem, sem registrar os trabalhadores e trabalhadoras que lá estavam. Pois fotografando apenas a multidão e os objetos, estaria deixando de lado a parte mais rica da Romaria, qual seja, a diversidade de razões de cada um estar lá, razões que não são mais ou menos nobres. Impressionado com a multidão, pois era a primeira vez que participava da Romaria, nas primeiras fotos registrei a massa de pessoas, aos poucos, percebendo isso, procurei redimensionar o olhar, para os indivíduos que participavam da multidão, trabalhadores e trabalhadoras, homens e mulheres que lá estavam em ato de fé.



Figura 37 - Registros fotográficos de *Luis*

O olhar de Luzia

Aquele dia meu sentimento era de total apreensão, no sentido de como tudo ia proceder naquele “novo caminho”, sei lá, uma sensação nova que me esperava e que estava com gosto de prosseguir e vivenciar pela primeira vez. O início do nosso percurso começou na esquina da Rua Venâncio Aires, onde bem próximo dali, a imagem de Nossa Senhora da Medianeira começou a ser saudada, contemplada e aguardada por muitos e muitos fiéis e espectadores. Onde estávamos havia uma multidão já formada e outra já se formava... e mais e mais pessoas juntavam-se... cada qual com sua intenção, motivação, por sua crença religiosa, por agradecimentos, pedindo graças... enfim por um ideal.

Eu, enquanto sujeito, ia me contagiando com aquela atmosfera, ia aos poucos me envolvendo e meu olhar sempre atento buscava aquilo que me chamava mais atenção. Nesse momento começaram-se os recortes de imagens, imagens captadas pelo olhar, através da câmera fotográfica. No início do percurso o que mais me instigou a “cliquear” foi o grande número de pessoas que ali estavam envolvidas na procissão. Velhos, adultos, crianças, desfavorecidos, de boas condições, pessoas com deficiências, entre outras mais, somavam um único grupo, um único movimento, uma devoção. Ao som de cantigas e preces o povo caminhava, saudava e agradecia por graças alcançadas. Nesse meio tempo, havia rosas, flores, pétalas ao chão como tapetes, barulho de bombas, preces, velas, terços, pés descalços, crianças-anjos, imagens da santa em janelas, nas mãos que a carregavam, tudo em prol de uma devoção. Em meio a todos e a tudo, me deparei várias vezes a cantarolar e a rezar... e por que não? Perguntei-me várias vezes também. Aos poucos, em meio ao sol daquele dia íamos todos trilhando essa caminhada...e os “cliques” da máquina sempre registrando. Logo vi os primeiros registros de um comércio, mascarado na devoção que se fez forte à medida que me aproximava do destino, “Basílica da Medianeira”. Nesse grande “corredor” que assim denominei (Avenida Medianeira), me deparei com um grande e fervoroso comércio dos mais variados artigos. Todo aquele colorido nos artigos, a repetição dos objetos, o consumismo começou a imperar. Pessoas de longe, de outros estados estavam ali, para vender seus artigos, que eram muitos e, às vezes, até inimagináveis (filmes de origem pornográfica, por exemplo), bolsas, redes, sapatos, pulseiras, camisetas, peças religiosas, bonés, anéis, colares, cintos, imagens de santos, jogos de certa forma ilícitos (vi como um mini-cassino, uma roleta de apostas), doces, salgados, brinquedos, cata-ventos...

E o burburinho continuava... (...) Muita informação, muito comércio, muito consumismo se formou e nós estávamos fazendo parte de tudo aquilo...não tem e não teria como se fugir de algo que já é fato, e que está ao meu ver, solidificado. Acredito que a tendência é de continuar desse mesmo jeito. Era uma mescla de fé e consumo...ou quem sabe um consumo mascarado pela fé? Isso me pergunto toda vez que revejo as fotos e lembro do momento.



Figura 38 - Registros fotográficos de *Luzia*

O olhar de Francisco

Entrelaçado a este evento religioso detenho alguns parâmetros e peculiaridades, sendo dois desses inúmeros motivos essenciais no meu ponto de vista. O primeiro é o caráter religioso, ou seja, a fé, sou Católico assumo de frente esta minha preferência, portanto não julgo ninguém nem eu mesmo determinando se este tem mais fé que aquele, quando se trata de fé entendo que se tem ou não se tem. Dentro deste pensamento tenho fé em Deus, e acredito que a Romaria é uma forma de entrar em contato com Ele, não um contato direto, mas sim um contato através do mar de pessoas que compartilham esse momento de oração e fé, é um caminhar para o bem, para renovar, para compartilhar

Assim como todas as edições passadas as quais estive presente, nesta comecei minha caminhada a partir do encontro das ruas Venâncio Aires e Av. Rio Branco, é como uma tradição, levantar cedo, pegar o ônibus e junto a minha família ir para a “concentração”. Quando chegamos ao local as pessoas já se aglomeram para ver a Santa passar, assim esse é o sinal de que já podemos caminhar. Quando a Santinha passa todos comemoram, em um só coro uma salva de palmas atinge todos os cantos.

O próximo passo é em direção do famoso viaduto Evandro Behr, passar por baixo dele é uma provação, pois é o momento mais lento de toda a caminhada. Além de ser o único dia em que se pode caminhar ali por baixo sem medo de ser atropelado. Passada esta etapa, o mar de pessoas se torna aos olhos inacreditável, a frente e ao fundo não dá para ver onde começam nem acabam as pessoas, uma sensação de amor e companheirismo nos leva em frente, junto a cânticos e orações. Em meio a tudo isso existem também, os pagadores de promessas, descalços orando, agradecendo, sentindo e provando, que sua fé é maior que as dores e limitações do corpo.

A caminhada é lenta pé por pé, a dor por hora toma conta, pois movimentos tão curtos trazem um mal estar nas articulações, mais um detalhe a ser superado, olhar pra frente em prece, objetivando encontrar Nossa Senhora da Medianeira, que neste momento já chegou ao seu destino, o que escrevo aqui em poucas linhas são transpassados em horas no dia, imperceptíveis aqueles que estão ali de coração abertos ao momento.

Chega-se ao ponto onde a caminhada assume um ritmo maior, proporcionado pelo alargamento da via que conduz a peregrinação, saindo da Rua do Acampamento viramos a direita em direção a Basílica de Nossa Senhora da Medianeira, assim caminhamos agora na Av. Medianeira. Esse pequeno avanço mais rápido é logo interrompido pelo encontro entre, pessoas que estão participando ainda da caminhada da Romaria, pelas pessoas que já chegaram ao seu destino e insistem em voltar pelo meio da procissão e também pelas inúmeras bancas de comida, camelôs e outras coisas que se espalham pelas calçadas. Vejo nesse momento uma etapa de provação aos olhos, pois meu objetivo é chegar aos pés da Santa e concluir meu percurso, mas essas distrações tentam nos tirar do caminho, nos convidam perder o foco. Não paro, não olho, oro e reúno forças e sigo em frente determinado a chegar ao fim da Romaria por mais um ano.

O mar de pessoas se torna um oceano, pessoas de todos os jeitos e lugares se aglomeram para chegar até a Santa, para mim um momento de contemplação, paro ao pé do altar e rezo, agradeço pela força, pela saúde minha e de meus familiares. Com isso chega ao fim minha participação na Romaria, me preparando desde já para o próximo ano para continuar minha caminhada enquanto tiver forças de seguir em frente.



Figura 39 - Registros fotográficos de *Francisco*

5. 3 Percebendo olhares outros...

Então chega o segundo domingo do mês de novembro, do ano de 2007. Encontramos-nos no centro da cidade para irmos juntos à procissão: Clara, Luis, Luzia e Francisco, além de namorados e namoradas acompanhantes. Oito horas da manhã. Todos reunidos, como combinado. Máquinas na mão e expectativas também. Dos peregrinos, apenas um já conhecia o caminho a ser percorrido, Francisco, que participa da procissão a vinte e cinco anos. De manhã cedo, a cidade é como um formigueiro: todos indo na mesma direção, com a mesma finalidade. Ônibus lotados, pessoas estacionando os carros nas ruas próximas, ônibus de excursão em ruas laterais, pessoas descendo dos prédios com terços, água e cadeiras na mão. Nos dirigimos para a multidão. Logo, os primeiros sinais de pagamentos de promessas: crianças vestidas de anjo, velas a metro, pés descalços. E as fotografias já começavam a serem feitas. Os peregrinos já entravam em meio à procissão, e, ao caminhar, já faziam seus registros. Olhares para a multidão e para atitudes solitárias. Ao ver os romeiros e os sujeitos, vejo que se diferenciam pelos instrumentos que tinham em mãos, seguindo o mesmo passo e, muitas vezes pegos pela repetição dos versos, das orações já conhecidas. Enquanto fotografavam a procissão, eu os fotografava nos seus momentos de registro. Assim como num novo filme, com outros enfoques, mas com o mesmo cenário, estava novamente em meio à procissão, agora registrando outros peregrinos, convidados a percorrem o mesmo caminho que percorri.

Conversávamos em meio à multidão. Escutávamos os vendedores fazendo propaganda dos seus produtos. Ladainhas diferentes, repetição de preços, foram gravadas. Vimos estátuas vivas vestidas de santa, bonequinhos, ursos, bolas coloridas, balões a gás, cata-ventos, bolinhas de sabão, redes, camisetas. Terços, fitilhos, colares, estátuas de gesso, sinos dourados e flores de plástico. Maçã do amor, algodão doce, cocadas, rapaduras, espetinhos acompanhados por refrigerantes, cervejas e apostas...

Alguns “anjos – crianças”, já cansados de pagar promessas que não são suas, despiam suas asas e dormiam nos colos de seus pais. Caminhamos, nos dispersamos, e cada um foi ao encontro das coisas que mais interessavam. Uns objetos, outro pessoas, outros vendedores e compradores, outro anjos e pés descalços.

E assim, uns acompanhavam a procissão... com cânticos, rezas e fotografias... E assim a registravam... Eu me vi neles, a quatro anos atrás. Curiosos catadores.

(Registro retirado do diário de campo da pesquisadora)



Figura 40 - *Peregrinos* registrando as “janelas” da Romaria

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Perceber *olhares outros* requer estar disposta a ver o outro - *ver-se no outro* – percebendo a diferença de olhares, a relação com o já vivido. É *ver no outro*, não as mesmas intenções de registro, mas, através dos mesmos dispositivos e mesmo contexto registrado, diferenças permeadas por histórias e valores, construídos no decorrer de uma vida, de caminhos acadêmicos. Nossos *modos de ver* estão impregnados de experiências anteriores, associações, lembranças, interpretações, comprometidos com o nosso passado e com os nossos referenciais. O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar, filtrar e interpretar acerca do visto, aquilo que nos é significativo. Pillar (2006, p.16)

Clara no seu relato, fala da sua sensibilidade em relação à festa, reportando-se às lembranças da infância já mencionadas durante os encontros. A sua atenção para os momentos “profanos” da festa religiosa, a qual também vivenciava nos “bailinhos e feirinhas” que participava, após as festas religiosas veio à tona no momento em que fotografava a Romaria. Descreve as primeiras imagens que vê e a

sua experiência como romeira, constituinte daquele *tempo-espaço* considerado sagrados pela grande maioria que participa dela.

Clara - Durante a procissão, meu ato de fotografar foi constante e bastante “curioso”, pois havia muitos elementos que me chamavam a atenção: o número de pessoas, como estas se portavam e, mais adiante, a intensidade da atividade comercial – a qual eu já esperava, mas não em tamanha quantidade – e os objetos comercializados, mas principalmente a reação das pessoas diante destes. Há bastante tempo não participava de uma procissão religiosa, lembrava de alguns elementos, mas a Romaria da Medianeira foi diferente de todas das quais lembrava. A quantidade de pessoas me impressionou, o que influenciou no meu ato fotográfico. Mas o que influenciou mais foi a atividade à margem da religião, já que é inesperado para alguém que não conhece a romaria perceber o quanto de não-religioso que está inserido nesta.

É possível ver na fala da peregrina a relação de poder dos aspectos religiosos, que envolveram sua criação, refletidas em sensações causadas pela festa. Toca-se emocionalmente, talvez, por lembranças, por valores instituídos ou repassados por sua família, principalmente através da figura do pai. Vê sua participação na procissão como algo bom, compartilhando talvez a mesma sensação de quem caminhava ao seu lado, por outro romeiro que há anos frequenta a procissão. *Clara* fala, não só do volume de pessoas, mas de objetos à venda, levando-a a interrogação da atitude de muitos vendedores e compradores como consumistas. Ao colocar-se também no lugar do romeiro e no espaço onde ele exerce a sua fé, a *peregrina* também compra fitilhos e coloca um escapulário no pescoço, levando, da mesma forma que os fiéis, uma lembrança da Romaria para sua casa.

Seus registros fotográficos variavam entre aspectos de devoção, pés, mãos, bancas, mas a presença humana foi eminentemente presente nas suas fotografias predominam nelas a relação do fiel com os objetos, sejam eles vendedores, sejam eles consumidores, sejam eles apenas devotos com o seu objeto de devoção.

Meu trabalho de fotografia é sempre bastante concentrado na pessoa, nas características humanas. Na romaria, a maioria das fotos não foi diferente disso, já que, quem faz a procissão são aqueles que participam dela. Assim, nas fotos, com exceção de algumas em que aparecem mais puramente os produtos comercializados, procuro retratar a atividade humana por trás de cada parte da procissão.

A aglomeração de homens e mulheres, inicialmente, é o tema de *Luis*, peregrino que redimensiona o seu ato fotográfico de um olhar mais amplo para a multidão para um olhar mais íntimo. A sua fala, durante os encontros, sempre foi acompanhada de uma consideração pela individualidade de qualquer ser constituinte da sociedade e de uma democracia, da liberdade de escolhas, crenças, mesmo não compartilhando das mesmas, nem tendo os mesmos princípios e vivências semelhantes. Esse olhar para o povo, para os “trabalhadores e trabalhadoras” como mesmo cita, faz das suas “janelas” fotográficas de caráter mais humano, mesmo com a presença do comércio em alguns registros, nas fotografias de indivíduos, com suas expressões, nas posições das pessoas que lá se encontravam, nos lugares que achavam para descansar, nos pés descalços.

Luis cuida do seu enfoque como alguém que preza pelo conteúdo e pela valorização social dos que se encontram ali representados. Muitas vezes capta imagens sugestivas da procissão, como sombras, que remetem aos romeiros na passagem pelas avenidas por onde passa a procissão.

Luzia envolve-se com a festa, atenta aos detalhes que a marcaram. Impressionasse com o número de pessoas que concretizam a procissão e as manifestações do povo e dos prédios, por onde a procissão passa, as homenagens à Nossa Senhora Medianeira. Descreve o que viu e ouviu, e participa da procissão contagiada pelas preces e cantos.

Para mim foi um momento novo, uma experiência diferente, diria bem instigadora e interessante, onde procurei na medida em que caminhava no meio da multidão traçar “recortes” de todo percurso. Mantive meu olhar atento a tudo que visualmente poderia reportar à Romaria. As imagens/fotos captadas de certa maneira tecem uma narrativa visual, de uma trajetória religiosa com diferentes mesclas, misturas de objetos, culturas, fé, intenções... Minha intenção desde o princípio foi captar o máximo de informações/registros possíveis sobre o contexto (romaria). Fotografei tudo que me chamava a atenção e tudo que fazia parte no trajeto até o Santuário da Medianeira.

No “corredor” denominado por ela, registra aspectos religiosos, dando maior enfoque aos comerciais, que envolveu a oferta dos mais variados tipos de produtos. Registra a procissão desde os momentos iniciais como pagamento de promessas, “anjos-crianças”, chegando a cintos coloridos, santos de gesso enfileirados, aglomerados de imagens e símbolos sacros emoldurados por arabescos

“disfarçadamente” nobres – dourados. O “consumo mascarado pela fé” materializa-se nas suas “janelas” delimitadas por sua câmera. Talvez, na tentativa de desmascará-la, *Luzia* escolhe alguns ângulos e enfoques, assim como uma placa de “Boas Vindas aos Romeiros” que está acompanhada por milhares de terços, à espera de fervorosos consumidores.

Francisco, pela sua história com a procissão que se fala, participou de mais um ano como romeiro. Mesmo com uma máquina fotográfica nas mãos e um exercício do olhar a ser feito, registrou apenas as imagens da peregrinação em si, assim como na sua fala descreve, em mínimos detalhes, impressões em ordem cronológica de um caminho, já traçado há muitos anos, que sofreu pequenas alterações devidas mudanças da própria procissão.

A minha intenção foi justamente registrar o meu caminho, a minha visão, o que que eu vejo. Acho que não tem nenhuma foto de banca, nem de nada. Porque para mim não é isso. Realmente não é o que interessa. Não interessa mesmo. Eu vejo as coisas, o colorido e tudo, assim como vocês vêem, eu não sou cego, mas para mim assim aquela criancinha que está na garupa do pai é trinta vezes mais interessante. Eu achei muito legal uma hora que, amanhecendo, o sol batia nos edifícios e dava bastante luz e sombra entre eles. Quando dava um sol assim, eu achava legal fotografar, alguns focos sobre a multidão, porque me vem aquela idéia da alegria...

Descreve a sua experiência como mais uma que vivencia ao longo de sua vida, antevendo a participação em outras, já cristalizada como tradição na família. Ele deixa perceptível, nas suas falas e imagens, uma rejeição e condenação do comércio presente, como algo que desvia a atenção Romaria e dos que participam dela, se confessando atento e afetado, de alguma forma por ele. Nas fotos, há o registro apenas da procissão em si, das pessoas que participam dela e do aglomerado em geral, desde a saída na Rua do Acampamento, na passagem pelo viaduto, a qual preza tanto, as mudanças de caminho e o ponto de chegada, Altar Mor da Basílica da Medianeira.

A proposta de constituírem vídeos individuais levou-os a montagens de pequenos “álbuns” com duração de, no máximo 1 minuto, acompanhados por músicas, sons e imagens que agrupassem a percepção dos mesmos sobre a Romaria da Medianeira. Cada um partiu dos seus registros, e enfatizavam a visão que tinham da experiência vivenciada. O ritmo de passagem das imagens, umas mais calmas, outras até mesmo frenéticas, assim como por exemplo vídeo de *Clara*

que imprime no espectador as diversas visões sobre o acontecido e sobre a participação na mesma. Da procissão em si à venda de objetos, vê-se um início e fim calmos intermediados pela passagem rápida de imagens quando começa a aparecer o aspecto comercial.

Luis uniu fotografias e um pequeno vídeo gravado durante procissão, tendo como trilha sonora a música “Three Little Birds” interpretada por Bob Marley, onde, na tradução fala:

Não se preocupe com qualquer coisa / Porque tudo vai estar bem.
 Não se preocupe com qualquer coisa / Porque tudo vai estar bem.
 Levantei esta manhã / Sorri com o sol nascendo,
 Três passarinhos / Pousaram na minha porta
 Cantando doces músicas / De melodias puras e verdadeiras,
 Dizendo ("Esta é minha mensagem para você")

Mesclam-se no seu vídeo alguns registros de imagem da visita à Basílica da Medianeira, do comércio e dos fiéis. Enfatiza a materialidade da arquitetura da igreja, dos vitrais, pia batismal, juntamente com imagens de objetos à venda na romaria, entre eles de uso pessoal e artesanato local, todas coloridas, passando para imagens, em maior parte em preto e branco, que mostram o povo nos momentos da festa. É possível notar a diferença entre a monocromia apática, mas igualitária dos participantes da procissão contrastando com o colorido do comércio, talvez remetendo a sobreposição do objeto ao ser humano já citado pelo *peregrino*, às relações de poder entre consumo, fé e necessidade. A música soa, talvez ironicamente, aos sentidos que envolvem a festa, da suposta falta de “pureza” de algumas intenções mescladas ao verdadeiro sentido do crente no seu ato de fé. Até, quem sabe, numa leitura bem particular, “os três passarinhos” pudessem fazer a ligação com certos dogmas da igreja católica, como a Santíssima Trindade. Ligo também à atitude dos romeiros, de saírem cedo de suas casas para participar de uma procissão como num ato culminante de sua fé.

Ao ver as produções textuais – tantos visuais quanto escritas - vejo que, para vivenciarmos um fato, um momento, se faz necessário aguçar nossa sensibilidade, nosso olhar. Estarmos abertos às manifestações ao nosso redor. Como pesquisadora propositora de uma prática educativa culminante a inserção e *peregrinos* na maior festa religiosa da cidade de Santa Maria, vejo o quanto uma

experiência dessas pode ser significativa na formação de professores, voltada às questões culturais que envolvem a cidade.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (LARROSA, 2002, p.21)

Não ver somente a experiência como *peregrino*/romeiro como um dia deslocado à um contexto diferente, como algo passageiro ou mais uma data importante no calendário religioso da cidade. É se permitir tentar ver, através da relação do olhar com objeto cultural em questão, uma prática cultural instituída, que tem seus potenciais estéticos, sociais, históricos, e até mesmo pedagógicos.

Em consonância com as palavras de Pillar (2006) sobre o olhar, devo levar em conta que, a análise do processo fotográfico de cada *peregrino*, devo pensar que cada imagem

foi produzida por um sujeito num determinado contexto, numa determinada época, segundo sua visão de mundo. e esta leitura, esta percepção, esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma história de vida, em que objetividade e subjetividade organizam sua forma de apreensão e apropriação do mundo. PILLAR(2006, p.15)

Isto requer um posicionamento de respeito frente à individualidade dos sujeitos, particularidades, posicionamentos políticos, religiosos, além das suas formações frente à imagem.

CAPÍTULO 6

UMA PROCISSÃO EM SALA DE AULA? O OLHAR DOCENTE PROBLEMATIZANDO A CULTURA

6.1 A inserção de uma procissão em sala de aula: âmbito pedagógico

Diante da concretização de uma prática educativa com professores em formação inicial, a leitura de imagem – e nesse caso dos registros fotográficos mais especificamente – foi um meio que possibilitou a construção de algumas práticas presentes na festa da Romaria. Assim, houve a tentativa de problematizar a relação dos aspectos visuais do consumo, dos elementos formais que a constituíam com as suas intenções enquanto registro de um evento popular religioso.

Retornando à análise da imagem escolhida pelos sujeitos (fig.27), é possível inferir - além dos outros âmbitos já citados no capítulo anterior perpassados pelo mercadológico – o quanto os aspectos pedagógicos são importantes e questionáveis quando problematiza-se leitura da imagem de uma festa religiosa no ensino da arte.

Diante das narrativas dos sujeitos a cerca de uma possível presença das imagens de uma procissão no ensino da arte, tendo como referência a imagem escolhida, percebe-se a valorização deste evento local, por parte de todos os *peregrinos* como um objeto a ser inserido no contexto escolar devido ao seu fator histórico e regional, da sua importância enquanto evento municipal, como é possível notar na fala de *Francisco* e *Luiza*:

Francisco – *Esse tipo de imagem deve ser inserida no contexto escolar pois **todas as manifestações regionais** sempre são de grande interesse escolar, principalmente no que dizem respeito ao Ensino das Artes. Ressaltando o aspecto cultural da festa.*

Luiza – *[A Romaria] faz parte da cultura local da região de Santa Maria, é uma **celebração de fé que já se perpetua há muitos anos...** e que pode ser trabalhada no contexto escolar, na abordagem de várias questões a qual envolve , não apenas o conteúdo religioso.*

*É uma temática que além do “religioso”, abrange uma **reflexão-crítica, visual, cultural, estética e social.***

Além disso, a abrangência de temas que envolvem aspectos voltados à educação estética e a visualidade no cotidiano, as imagens da Romaria, segundo *Luzia*, poderiam tornarem-se presentes em sala de aula devido aos seus aspectos visuais e estéticos, envolvendo uma postura crítica a partir delas.

A inclusão torna-se possível, segundo, *Luis* e *Clara*, que também ressaltam os aspectos visuais agregados ao evento, levando em conta principalmente o tipo de abordagem a ser utilizada com os alunos em sala de aula. O respeito por suas individualidades religiosas, de crenças deve estar em primeiro lugar, evitando utilizar uma posição de “invasão cultural” por parte do docente, citada por *Luis*.

*Clara - Acredito que, desde que não haja uma imposição do caráter religioso aos alunos, já que deve haver respeito às crenças de cada um, ou seja, **aproveitando-se os aspectos visuais, populares e outros implícitos na procissão, como um evento que envolve a maior parte dos habitantes da cidade, independente de religião, já que muitos vão à romaria com outros objetivos, e que, assim, não deixa de interferir na vida de todos. Explorando estes aspectos, considero que a romaria pode ser utilizada no ensino da arte, para a análise de suas particularidades visuais, pictóricas, humanas, sociais.***

Luis - Toda manifestação popular pode ser utilizada no ensino da arte, desde que não seja uma imposição, uma invasão cultural do educador ou educadora.

Francisco - Acho que uma coisa importante de falar é esse negócio da existência das diferenças, a existência de várias religiões e deixar bem claro isso na sala de aula que tu não está tentando impor alguma preferência, e acho que seria uma oportunidade de abrir espaço para discussão sobre isso

Em uma determinada situação dos encontros, quando questionados sobre a posição dos mesmos sobre o aspecto comercial da festa, pergunto sobre a abordagem docente relacionado as reflexões sobre a “Romaria como Comércio”. *Luis* também enfatiza sua posição quando diz que esse tipo de postura seria “o que Paulo Freire chama e invasão cultural”.

Luis - Porque os alunos têm seus valores e você chega num local diferente e coloca o que eu acho certo e errado, impõe os teus valores. Eu acho que tem que ter uma abordagem de problematizar, não impondo como uma verdade absoluta, mas construindo com os educandos de forma que eles possam participar, que tragam as suas

experiências de vida e a partir dele possa construir novos pensamentos.(...) É preciso levar em conta que não é porque o educador ou educadora seja católico que necessariamente deve ser trabalhada apenas imagens da Romaria, existem outras religiões, com manifestações populares, com o mesmo potencial estético da Romaria da Medianeira.

O tipo de abordagem citada pelo grupo denota um cuidado com as questões que envolvem ensino e religião. Sendo a religião um assunto geralmente polêmico, que causa certas discussões no que confere as diferenças religiosas, tem outros assuntos importantes a serem tratados voltados as questões que são perpassadas pelo consumo, pela sociedade em que a necessidade do objeto projeta-se sobre o homem, inclusive a materialidade da fé em objetos de cunho religioso, a presença do *Kitsch*. As referências visuais da Romaria podem ir ao encontro dos objetos que os alunos podem ter em casa ou, por escolha de crença da família, podem ser repulsados por eles.

Como encarar uma manifestação presente na cidade de Santa Maria, cujo nome já alusivo à um título mariano, vive do turismo religioso? Como trabalhar os aspectos do consumo na Romaria da Medianeira frente a um aluno, ou familiar, que também pode adquirir esses objetos denominados por muitos pertencentes à uma “baixa cultura”, ou cafona? E quem os adquire, tem o seu gosto estético validado entre as pessoas pertencentes da “alta cultura”? E será que são as pessoas consideradas de “nível cultural elevado” que não participam das relações de venda durante a procissão? E o que faz com que esses objetos sejam adquiridos em grande escala pelos romeiros? E esses objetos seriam dignos de serem tratados como constituintes de uma cultura? Quais são os seus meios de atingir o consumidor e quem legitima a sua propagação no meio religioso? E se esses mesmos objetos são encontrados numa bienal, assim como os de Nelson Leirner, na VI Bienal do Mercosul, onde aglomera santos e outros personagens em sua obra, quais seriam as relações ente os objetos presentes numa procissão e os que se encontram numa exposição de arte?

Os *peregrinos* também levam em conta as questões do nível de ensino onde melhor se adequaria as problematizações a cerca da festa, onde talvez no ensino médio, a temática seria melhor desenvolvida de acordo com a idade e com as possíveis respostas as questões voltadas ao consumo. De acordo com *Clara*:

(...) Quanto ao nível de ensino, acredito que haveria um aproveitamento maior com educandos que já reconhecem as relações comerciais implícitas nas atividades humanas, para um enriquecimento da discussão a respeito destas, ou seja, alunos talvez de ensino médio respondam melhor à problematização, esta rendendo interessantes discussões também provavelmente com alunos mais novos.

Isso não descarta a possibilidade de discutir com alunos do ensino fundamental outras questões voltadas à romaria e as suas relações com a arte, trabalhando seus aspectos visuais, características dos objetos presentes na procissão e a sua aproximação com o mundo da arte.

Em relação ao do ensino da arte e seus conteúdos, muitas possibilidades foram encontradas pelos peregrinos, principalmente as que são relacionadas à história da arte e arte contemporânea atual, pensando num fato local relacionado às questões que os próprios artistas, principalmente, tratam em suas obras.

***Luzia** - Dentre os conteúdos de arte que poderíamos abordar: **arte contemporânea e artistas, cultura de consumo e geração de imagens, mídia, cultura popular, religião** (abordar diferentes contextos e idéias, fazendo um paralelo com períodos da história da arte onde o caráter religioso aparece em ascensão), etc. (...) A questão do consumismo, a diversidade cultural, o conteúdo visual da imagem, a leitura da imagem, traçando paralelos com **períodos da história da arte**, sempre contextualizando a temática.*

***Francisco** - Alguns períodos da História da Arte, que levem em consideração manifestações religiosas como motivo gerador de obras. Também pode-se fazer um contraste partindo destes períodos, com nossa atualidade tentando capturar momentos presentes na Romaria que tenham relação ainda com estes períodos*

Clara trata também das questões de deslocamento do objeto vendável à uma exposição, exemplificando com os artistas citados por ela e das suas relações entre o que é considerado sagrado ao lado de objetos de uso comum, ditos profanos. Novamente, o aspecto mercadológico está diretamente ligado à prática educativa e suas relação com a produção artística na contemporaneidade.

Clara** - Vários aspectos da romaria me pareceram marcantes, ao traçar um paralelo com o **ensino da arte e com a história da arte**. A questão da arte que utiliza elementos sacros, **tirando-os da posição de sagrados e colocando-os ao lado de objetos comuns do cotidiano, resignificando ambos**, foi o aspecto mais marcante. Esse tipo de relação pode ser vista no trabalho de Nelson Leirner, Leon Ferrari. **Em minha leitura, a maneira como o sagrado é exposto e comercializado na romaria realiza também uma resignificação do

objeto. *A cultura do capitalismo, do lucro, transforma situações que são estruturadas por uma questão de crença, mas que, em um certo momento, parecem construídas somente com objetivos profanos, mercadológicos e massivos.*

Esses artistas utilizam como meio de identificação com suas obras as referências cotidianas da população, dos valores estéticos dos “não entendidos”, ditos, já como “de nível cultural inferior” em relação dos cultos ou, implicitamente, dos que tem o chamado “bom gosto”. São muitas as questões que envolvem os aspectos mercadológicos da profissão e são muitas as possibilidades de inseri-la no ensino da arte ao fazer as relações do que é presenciado pelo aluno todos os anos, algo que modifica a sua cidade, e que, indo na profissão ou não, é atingido de alguma forma. De acordo com Teixeira Coelho (1997), no livro *Dicionário crítico de Política Cultural*:

Atualmente, a arte acontece junto a um campo em que se mesclam o mercado, a indústria cultural e as referências populares e de massa, obrigando a que se repense sobre seu papel e seus procedimentos na sociedade contemporânea, dentro da idéia de uma pós-modernidade, segundo a qual há o abandono da representação do processo cultural como uma oposição entre as culturas ditas eruditas, de massa e popular e a adoção de um pensamento mais aberto às interações entre os diferentes universos culturais e às diversificadas formas da sensibilidade contemporânea, bem como a procura de novos esquemas conceituais para o entendimento da cultura. (COELHO, 1997, p.310)

Luis, além de citar aspectos históricos da arte, do consumo e dos valores estéticos do educando, assim como os outros peregrinos, fala sobre as questões da Igreja Católica e outras religiões como diferença e não como algo a ser discutido de modo hierárquico, pois, dentro do seu pensamento sobre “invasão cultural”, situado em Paulo Freire, vai ao encontro do respeito em relação ao educando e aos seus valores construídos na sua história, vindos de família.

Luis - *Os aspectos são inúmeros: a relação da igreja Católica com a arte, trabalhando assim a história da arte, desenvolver a vivência estética dos educandos e seu olhar, problematizando registros fotográficos, entre outros. Relativo a cultura é possível problematizar as diferentes crenças, a informalidade do trabalho, a necessidade do ter, as manifestações populares, entre outras*

Outro aspecto, não citado pelos outros sujeitos da pesquisa, foi a importância de se tratar um aspecto voltado ao âmbito crítico-social, voltado á uma análise do

trabalho informal, reportando-se aos “trabalhadores e trabalhadoras” tão presente nas narrativas de Luis. Nota-se que Luis tem essa preocupação constante com a situação dos mesmos e das práticas sociais e de um olhar mais cuidadoso para esse aspecto.

A fotografia, como uma linguagem utilizada na prática educativa, tanto nos registros fotográficos, quanto num exercício do olhar dos peregrinos, também foi referendada como uma questão a ser trabalhada no ensino da arte. Clara disse que *envolveria a questão da fotografia, de mostrar as coisas que os olhos não vêem, que os olhos não enxergam* e nesse caso ajudaria muito a não só valorizar a festa o evento mas “mostrar o que tem por trás”.

Clara - *Pra mim a fotografia é um meio, é como se fosse um outro olho sabe! Fechando a janelinha, tu consegue ver muita coisa. Fazer com que os alunos pensem.(...) Acho que deveria ser o papel principal da educação em arte, de não ver só aquilo ali, mas ver as relações, os mecanismos que estão por trás.*

Contextualizando o cotidiano do aluno, a história da cidade onde reside com o conteúdo de arte, torna-se favorável a construção de uma compreensão crítica no ensino da arte. Para que isto aconteça, é necessário que o professor de Artes Visuais exercite seu processo de interpretação, indo além de uma percepção visual.

Através do estudo desse evento, vendo ele como um artefato cultural importante a ser analisado através das suas imagens referenciais, notou-se que a maioria dos *peregrinos* conseguiram ver na Romaria da Medianeira algumas possibilidades pedagógicas, ou seja, o que pode ser aprendido pelo aluno, quais as problematizações importantes a partir da inserção dos seus registros fotográficos em sala de aula.

A centralidade da cultura, tanto nas práticas, quanto nas possíveis aprendizagens perpassou pelas falas dos *peregrinos*, colocando na leitura de imagem um despertar para as questões de sensibilidade para as manifestações da sociedade, envolvidas entre práticas num espaço e disputas de significação e validade, assim como a religião e o comércio. Nesse caso, *Luzia* valoriza as questões da cultura local e a contemporaneidade, trabalhando o contexto e os participantes do mesmo.

Luzia - *Aprenderia a conhecer mais sobre a cultura local e os eventos culturais que a cidade participa e promove, também ampliaria os*

conhecimentos de como a cultura pode se manifestar e estar presente (tão próxima) em nosso contexto atual, contemporâneo, e também estar atento a lançar diferentes olhares entre a cultura e os indivíduos que fazem parte dela, e o paralelo entre a cultura e o meio.

Clara enfatiza mais as questões relacionadas à aprendizagens no ensino da arte na compreensão das manifestações artísticas e as possíveis reflexões a cerca do consumo. Além disso, valoriza as questões dos novos *modos de ver*, de um *ver além* através da leitura de imagem, atravessando a superficialidade formal do registro fotográfico, tendo este um caráter de análise da cultura no ensino da arte.

Clara - *O aluno poderia aprender a respeito de trabalhos de artistas, compreender as relações capitalistas presentes na produção e, conseqüentemente, em outras atividades humanas, refletir sobre a relatividade de posturas diante de uma mesma situação. Acho que, o que eu gostaria que ele aprendesse seria olhar, tentar observar as coisas não só como elas a primeira vista. E, acho que isso se torna uma coisa bem social, assim, bem cultural, de perceber que... as coisas sagradas não são mais tratadas da mesma maneira que era antes. E no caso apresentar algum artista que contextualize isso.*

Indo ao encontro das reflexões de *Clara*, *Francisco* fala sobre um exercício do olhar através de um “despertar a sensibilidade”, para um olhar mais crítico sobre a imagem para entendê-la, e não apenas consumi-la e ainda complementa que “qualquer imagem que seja colocada, seja religiosa, publicitária, qualquer imagem tem que ser refletida e não só sendo influenciada por ela”. Dessa forma, ele acredita que o educando aprenderia uma nova forma de ver a imagem, um *ver-consciente*, um despertar para as persuasões da imagem.

Luis já não vê a possibilidade de antever aprendizagem do educando, posto que prever seria “limitar a capacidade do educando tem de ir além dos objetivos da aula”. Assim, como professor, teria o papel de problematizar os aspectos relacionados à imagem e à temática em si, e não de definir, através dos próprios objetivos em sala de aula, as possíveis conclusões dos seus educandos.

Durante a prática educativa proposta e na escuta de seus posicionamentos, percebi o quanto o respeito pelo educando e pelas questões culturais envolvem os docentes em formação, as suas falas, onde se autodenominam como mediadores. Para eles o professor de arte deveria exercer o seu papel de mediador ao fazer da sala de aula um espaço de troca, de respeito às diferenças, às individualidades, assim como também um espaço de discussão sobre a realidade onde encontram-se

inseridos, voltando sua prática para um *pensar-criticamente* os aspectos sociais, históricos, culturais que envolvem o aluno, como pude ver nas falas de *Luis e Clara*:

Luis - *Eu acho que depende muito da intenção do professor, depende de quais objetivos que o professor tem. Eu acho que o papel do ensino da arte deve ser problematizar, seja o contexto social da cultura em questão, problematizar o diferente, a possibilidade de haver outras culturas, valores diferentes do que os dos educandos têm, não considerar os valores como pior ou melhor mas procurar ver como valores diferentes. Eu acho que dentro da cultura o papel é esse.*

Clara - *O papel do professor de artes é, acredito, procurar instigar a reflexão por parte do aluno de seu próprio universo, das relações comerciais, sociais, de poder, a que se encontra submetido, sem expressar diretamente estes aspectos, e sim, **levar à reflexão para percepção destas e, conseqüentemente, aguçar o olhar do educando para os mecanismos que o manipulam cotidianamente.***

Ao falar nos mecanismos, Clara refere-se novamente às relações de poder que se interpõe entre o sujeito frente às imagens, às práticas culturais a que o educando “se encontra submetido”, já explicito em outras falas sobre as aparências e as verdades instituídas.

Seguindo a fala de Francisco sobre o papel do educador relativo à cultura, “um dos principais, senão o principal é o fato de formação de cultura. Formação não no sentido de imposição, mas um espaço que dê oportunidade do próprio educando criar sua cultura e de formação de opinião”.

Talvez seja de certa forma até utópica ou errônea colocar sobre as costas do educador o papel de “formação de cultura”, visto que essas ainda seriam visões de sobre cultura como o saber e um dever construído dentro da própria escola, mesmo que talvez ele realmente seja influenciado pelos discursos escolares sobre a realidade. Mas seguindo o seu raciocínio, ele pensa nas questões educativas como outras formas de perceber, como uma possibilidade de ter outros pontos de vista a cerca da sua realidade, sem a imposição do profissional que se responsabiliza pela mediação.

Francisco - *Querendo ou não o educando é altamente influenciado pelo o que ele vê na escola e é um dos lugares que ele fica na maior parte do tempo.*

É possível ver através de Forquin (1993, p.15) que a educação não transmite jamais a cultura, considerada um patrimônio simbólico unitário e coerente. Nem sequer ela transmite fielmente uma cultura ou culturas: ela transmite, no máximo, algo da cultura, elementos da cultura, entre os quais não há forçosamente homogeneidade, que podem provir de fontes diversas, ser de épocas diferentes, obedecer a princípios de produção e lógicas de desenvolvimento heterogêneos e não recorrer aos mesmos procedimentos de legitimação. Isto significa que a relação entre a educação e cultura poderia ser mais bem compreendida através da metáfora da bricolagem (como re-utilização, para fins pragmáticos momentâneos, de elementos tomados de empréstimo de sistemas heterogêneos) do que através da metáfora do reflexo ou da correspondência expressiva

Luzia, além de falar sobre o papel de mediação do docente, o define como um “mediador cultural”, aquele que intermedia a reflexão sobre as práticas culturais e os seus alunos. Ao pensar na Romaria de Medianeira como uma possibilidade de prática educativa, leva-se em conta as questões culturais, onde o professor necessita repensar o enfoque da sua prática pedagógica, e, nesse caso, nos aspectos que envolvem a cultura religiosa de Santa Maria. Pela criticidade, pela compreensão reflexiva de um fato, um evento, um objeto cultural, outros mundos são possíveis. A profundidade com que se entende a relação entre cultura e sociedade e o processo de desconstrução dessa relação reflete diretamente sobre a compreensão dos seus produtos culturais.

Ao adentrar no âmbito crítico-social da imagem, o docente deve perceber-se como agente-social – sendo uma das suas funções na educação a interpretação do mundo, não de forma reprodutiva, mas crítica. Sendo este um sujeito histórico, ele tem suas práticas pedagógicas envolvidas em discursos educacionais e curriculares, e dessa forma, está continuamente envolvido com os aspectos culturais, querendo ou não. Por isso, se faz necessário uma pedagogia crítica da arte e da cultura, refletindo sobre os conceitos sobre diferença e identidade, desmistificando os níveis culturais – ou melhor, uma “hierarquia cultural”. A hierarquia encontra-se nas pessoas e instituições que produzem esses discursos e os legitima como “verdades absolutas” dentro da educação, disseminando-se nela e através dela.

De acordo com Dias (2005, p. 15), o caráter representacional e as relações entre várias formas de cultura visual são aspectos importantes do conhecimento da arte. Ao negar limites entre arte de elite e formas de arte populares, a cultura visual

faz de seu objeto de interesse artefatos, tecnologias e instituições de representação visual, esta concebida aqui como lugar de produção e de circulação de sentidos, constitutiva de eventos sociais e históricos, não simplesmente uma reflexão sobre eles.

6.2 A Romaria da Medianeira na formação de professores: reflexões e ladainhas sobre a prática educativa

A possibilidade da presença de uma procissão e das suas referências visuais no ensino da arte traz a tona algumas reflexões sobre o olhar do educador para as práticas culturais que ele mesmo presencia e sobre a construção dos seus *modos de ver* frente as vivências das mesmas.

Durante a prática educativa com os docentes em formação, questões foram levantadas sobre as suas vivências e representações a cerca da festa. Exercícios do olhar foram propostos através de recortes fotográficos de um evento. Reflexões a cerca do ensino da arte e da cultura foram permeadas pelo enfoque delimitado por mim, sem o objetivo de limitar a experiência do *peregrino*. Percebi, em meio a isso tudo, o quanto as vivências dos sujeitos foram configurando as suas falas e os seus olhares propostos.

Nas falas dos peregrinos, é possível notar que, não só a abordagem histórica, estética, mercadológica na leitura de imagem das fotografias da festa foram importantes. Isto era só o começo de uma *leitura cultural*. Não só na apresentação de um evento a partir de um ponto de vista, o meu, mas a vivência, o se *deixar experienciar* o fato foi um dos principais momentos de mediação da pesquisa, na re-elaboração de conceitos, nas posições tomadas, na percepção em grande parte dos sujeitos.

Luzia - *Acredito que o fato de ter vivenciado essa experiência colaborou e muito para que eu pudesse elaborar meus próprios conceitos, pude me posicionar de outro modo, não, mas como uma espectadora (assistindo e ouvindo as narrativas), mas fazendo parte daquele momento (romaria) como parte integrante daquele contexto, narrando minha própria história e vivência.*

Clara - Com certeza, minha participação influenciou muito em minha percepção nela, já que o que eu sabia da Romaria vinha das conversas neste grupo somente. Não havia como saber as proporções das atividades sem vê-las pessoalmente. Percebi que, como em tudo, há diversas formas de interpretação e participação na procissão. Como religioso, como comerciante, como curioso, como fotógrafo. Enfim, a romaria é um evento religioso em sua essência, mas não deixa de envolver outros aspectos da personalidade das pessoas. Cada um que participa deste evento pode envolver-se ou não com todos estes aspectos.

Foi no oferecer o texto para ler, que Larrosa (2002) tanto fala, que nas problematizações a cerca do mesmo que a prática educativa tornou-se, ao meu ver, significativa para os *peregrinos*. Significativa, não apenas para que soubessem da existência do *texto*, mas principalmente e o quanto é marcante para as pessoas que participam dela, constituindo uma parte histórica da cidade onde vivem, sendo eles católicos ou não. O docente, como sujeito da experiência, participa do contexto proposto, toca-se pela experiência e é construído por ela ao mesmo tempo.

O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos(...) é sobretudo um espaço onde tem lugar os acontecimentos.
(LARROSA, 2002, p. 24)

O *fazer parte* do contexto, fez com que, (com)texto e a partir do texto o docente pudesse ir além do seu significado, participando e registrando pelo processo fotográfico suas impressões sobre o evento.

De acordo com Azambuja (2003), formação e cultura colaboram na estruturação da percepção da organização concreta e simbólica de toda vida social, o que nos remete a pensar que a produção da prática pedagógica relaciona-se com o modo com que percebemos e nos colocamos no mundo, pelas práticas exercidas no cotidiano, de modo diferenciado ou hegemônico, assumindo posições, que na maioria das vezes com o que a cultura social determina. Implica na concepção e distribuição do poder e resulta em práticas e identidades diferenciadas.

Luzia - Minha participação na Romaria esse ano, foi de certo modo uma descoberta, no sentido de conhecer outra realidade, ou "outras realidades" que até então não tinha vivenciado. A expectativa de participar da Romaria foi aumentando aos poucos, a cada encontro com a pesquisadora eram lançados questionamentos, debates surgiam, opiniões se formavam entre os sujeitos da pesquisa,

concordávamos e discordávamos e, o respeito mútuo prevalecia entre o grupo. Acredito que esse respeito é um dos pontos importantes em uma pesquisa, dentre muitos outros é claro. Aprendi e aprendo muito com “nossas conversas”, chamo assim nossos encontros, mesmo sendo um tanto quanto introspectiva.

E nesse sentido, ao pensar em redefinir a formação docente, se faz necessário para que o espaço educativo implique em transformação, e não em numa mera reprodução e manutenção desta sociedade persuasiva ao consumo.

Mas por que uma procissão pode ser inserida no contexto formativo docente? Na contemporaneidade, penso o quanto os professores em formação inicial devem estar imbuídos num pensar e refletir criticamente os contextos que brotam aos nossos olhos juntamente a processos sociais e educativos. Trabalhar um contexto, um evento como a Romaria da Medianeira numa pratica com alunos da Licenciatura em Artes Visuais da UFSM, aproxima-os de um fato que envolve o local – a cidade - onde a sua instituição formativa e os espaços onde estagiam estão localizados. E são esses mesmos locais que hoje necessitam de agentes pensadores a atuantes, como os professores, que problematizem e articulem suas práticas com a realidade sociocultural da cidade.

Até que ponto participar de um evento religioso da cidade e ler imagens de uma procissão tem a ver com o ensino da arte e com a formação de professores? Trabalhar com as imagens do cotidiano ou de um fato/evento cultural, como uma procissão religiosa como a de Nossa Senhora Medianeira supõe ampliar o conceito de arte de um sentido mais restrito e excludente, para um sentido mais amplo de experiência estética. E dentro do pensamento de Hall (1997, p.9 apud HERNANDEZ, 2007, p.30)

Há de se enfatizar que não há uma resposta simples ou “correta” à pergunta: o que quer dizer esta imagem? O que está dizendo este anúncio? Considerando-se que não há um lei que possa garantir que as coisas tenham “um significado verdadeiro”, e os significados mudam com o tempo, o trabalho nesta área há de ser interpretativo – não um debate entre quem tem razão e quem está equivocado, mas sim entre significados e interpretações igualmente plausíveis, ainda que em certas ocasiões possam entrar em rivalidade e serem divergentes. A melhor maneira de “enfrentar” estas leituras contrapostas é olhar mais uma vez para um exemplo concreto e trata de justificar uma destas “leituras” de maneira detalhada em relação às práticas e as formas atuais de significação e em relação aos significados que parecem te trazer.

Ver como esse evento se manifesta visualmente na cidade e quais são as suas relações com os aspectos sociais, políticos, midiáticos, mercadológicos, estéticos faz dele uma possível abordagem cultural do ensino da arte. Suas relações com a arte, como visto nas leituras realizadas e nas falas dos *peregrinos*, são inúmeros, principalmente com a arte contemporânea e o processo de produção de algumas obras. Alguns artistas já citados trazem para dentro dos espaços de exposição, museus e bienais as referências de repetibilidade, crença, ícones, consumo e poder, colocando em jogo os discursos circulantes que envolvem o próprio conceito sobre arte, sobre as imagens válidas, sobre alta e baixa cultura e os valores estéticos vigentes.

Ao se colocar como aberto às experiências não artísticas, mas culturais e ver nelas possibilidade pedagógicas é possível combater os conceitos oriundos da visão das artes visuais como “belas artes”, “arte erudita” ou “arte maior”, em contraposição a idéia de uma inferioridade de uma esteticidade popular ou em “arte menor”, assim como encontradas na religiosidade e nos fenômenos que envolvem suas festas e as pessoas que dela participam.

Dentro de um pensamento pedagógico crítico, pensasse na arte dentro de uma perspectiva multicultural, incluindo não só outras culturas no currículo escolar, mas também, como afirma Chalmers (2003) não deixar passar a oportunidade de incluir exemplos de culturas locais e de arte, relacionados com temas mais concretos e próximos da vida dos estudantes. Na contemporaneidade, a formação de professores de Artes Visuais deve estar preocupada com um constante estado de pensar e refletir criticamente a sociedade e as manifestações da cultura visual que dela faz parte.

Vejo que a necessidade de um posicionamento reflexivo frente à cultura é justificável pela demanda da sociedade de mediadores culturais para que tornem seus alunos sensíveis, não só para o conhecimento em arte, mas para um despertar de uma consciência para a sociedade dominada pelas imagens, pelo espetáculo, pelo consumo. Uma prática cultural, como uma procissão religiosa, podem abrir espaços de discussões sobre cultura visual e sociedade ligadas à religião e à sua esteticidade, como as presentes numa romaria.

Giroux (1997) nos faz trazer para o seio dessa discussão sobre a formação a necessidade de termos o professor como um intelectual, crítico e transformador,

reconhecendo-se como sujeito capaz de promover mudanças. Além problematizar o cotidiano, dentro e fora da escola, o mediador cultural trabalha para criar condições que dêem aos estudantes a oportunidade de tornarem-se cidadãos também críticos e transformadores. Nesse sentido, Giroux tem incitado os educadores e os acadêmicos a serem críticos, criativos e esperançosos em relação ao potencial que, tanto eles como os seus estudantes, podem oferecer, a fim de contrariar as tendências políticas conservadoras que têm imposto uma definição de excelência em educação que significa mais uma submissão às pressões de mercado do que excelência educativa nos termos de uma produção intelectual inovadora.

Acredito, portanto, que esta preocupação é muito pertinente à formação docente, e passa especificamente pelos enfoques dados durante seu percurso como acadêmico. Um trabalho na linha da compreensão crítica da cultura visual "não pode ficar à margem de uma reflexão mais ampla sobre o papel da escola e dos sujeitos pedagógicos nesses tempos de mudança" (Hernandez, 2002, p.3). Nós, educadoras e educadores, temos de estar atentos ao que se passa no mundo, seja nos saberes, na sociedade ou nos sujeitos, e responder com propostas imaginativas, transgressoras, que possibilitem aos educandos elaborar formas de compreensão e de atuação na parcela do mundo que lhes toca viver, de forma que possam desenvolver seus projetos de vida. A situação que o educador cria para iniciar o processo de aprendizagem sinaliza sua orientação educativa, o lugar que destina ao educando e a si mesmo.

A ampliação da consciência visual possibilita a construção de um repertório de imagens significativas para os sujeitos, capacitando o indivíduo a imaginar, criar, compreender, resignificar, criticar. A educação estética-crítica-social, como perspectiva contemporânea nas reflexões sobre o ensino da arte, revisita os dispositivos que as imagens produzem, cabendo à arte dar a mão de meios que possibilitem relações intertextuais. Assim como já citado pelos *peregrinos*, são essas as relações em que o educando pode aprender a *ver além*, não ficando apenas mero consumo da imagem.

AINDA EM PRECES: À ESPERA DE *OUTRAS PEREGRINAÇÕES...*

As imagens da Romaria da Medianeira, os fitilhos de pulso, os doces, os terços, os brinquedos, a multidão sempre me reportam às minhas primeiras aulas da graduação, no primeiro semestre, quando o contato com as manifestações que envolvem o povo brasileiro, folguedos, festas e procissões eram temáticas principais das aulas de quarta-feira, pela manhã há oito anos atrás.

A disciplina intitulada Cultura Popular, já mencionada nas primeiras páginas da minha pesquisa me fez entrar em contato com temáticas as quais me identifiquei logo nos primeiros instantes, e muitos dos meus colegas compartilhavam do mesmo êxtase em olhar fotografias, pegar objetos nas mãos, ver os materiais com que eram feitos, discutir textos sobre cultura, arte e artesanato.

Creio que, acima dos materiais apresentados em aula como exemplares da temática em questão, estava a posição da professora responsável pela mediação entre o que ela vivenciou e o que ela mostrava: na sua fala continha um cuidado para com *as coisas populares*, como ela mesma intitulava, fazendo-nos perceber o quanto estas manifestações estavam arraigadas na sociedade e o quanto eram discriminadas por intelectuais da denominada “alta cultura” que faziam parte dela. Na sua fala, podíamos ver que, independente dos objetos serem classificados como artesanato, arte, ou um mero objeto qualquer, todos faziam parte do nosso cotidiano, mas não os percebíamos. Todos tinham possibilidades de desencadear, através de pesquisas, sejam elas plásticas ou teóricas, um processo de leitura ou de criação.

A paixão com que tratava essa temática estava presente na sua prática, e, talvez conscientemente, talvez não, influenciava nos *modos de ver* dos que a escutavam. Com certeza, tais manifestações não seriam percebidas da mesma forma, por mim, se não tivesse a mediação e o espaço para experienciar esse olhar para as práticas culturais, muito menos *ver* o quanto esse tipo de manifestação esteve presente nas minhas lembranças, ainda mais por residir numa cidade em que o turismo religioso se fortalece a cada ano. Poderiam acontecer repetidamente uma vez no ano em data específica – assim como a Romaria da Medianeira – e

continuariam, sendo mais um mero acontecimento local, onde vejo o que passa superficialmente aos meus olhos.

Assim como nas palavras de Larrosa (2002), foi no *parar para ver* e analisar em que fui tocada pelo acontecimento. No observar através de uma câmera fotográfica e no revelar de suas imagens que percebi o quanto as mesmas eram fortes e marcantes, tanto para mim enquanto lembrança e possibilidade de pesquisa visual como artista. Além disso, vi o quanto nos registros fotográficos estavam presentes uma certa intencionalidade traçada por mim e que aqueles registros não eram representativos da festa e sim re-apresentativos de uma verdade não absoluta, materializada por mim e pelo meu *modo de ver* que construí a partir dela.

Quando propus uma prática educativa com alunos da licenciatura em Artes Visuais, o meu enfoque sempre esteve voltado vivências que tive durante a minha formação acadêmica, pois foi na intencionalidade da abordagem de uma festa constituinte da cultura local, que se concretizou esta pesquisa. Por isso delineou-se como objetivo principal a construção de uma prática educativa na formação inicial de professores de Artes Visuais, através da leitura de imagem dos elementos referenciais da Romaria da Medianeira. Olhando para a experiência de mediação que tive durante a graduação, na força das suas imagens e da estética popular presentes no ensino da arte, entrelaçando com a abordagem dos Estudos Culturais.

Ao oferecer o texto visual para uma leitura, e ler junto “as palavras” que compunham, tentei analisar o que o “texto falava” e o que se podia pensar a partir do mesmo. É possível identificar nas imagens da procissão e nos aspectos mercadológicos, no meu ponto de vista, interesses alimentados por diversas partes. O primeiro desses é da crença e doromeiro, que acaba cedendo à necessidade “criada” historicamente por uma materialização da fé, por parte da igreja e da disseminação de estatuetas e adereços religiosos. Em segundo, utilizando-se daquilo que muitas vezes a igreja incentiva, envolve os aspectos de quem produz os objetos, utilizando-se do trabalho informal para plasmar, de forma irreversível, o consumo dos mesmos. O terceiro, o interesse da prefeitura da cidade, por vender os espaços voltados para a venda, localizados na avenida por onde passa a procissão, onde se dissemina ilegalidades onde a sociedade é conivente para venda de coisas ilícitas.

É na leitura de relações de poder e interesse entre as partes que constituem o objeto/evento que falamos que se pode ter um panorama da propagação. Significa

ver de que forma funcionam os dispositivos com que os discursos que a produzem e que são produzidos por ela - não só religioso, mas político, econômico e midiático, se disseminam e tomam corpo numa cidade de forte devoção mariana.

Na tentativa de analisar a forma como a cultura constrói o olhar do professor de Artes Visuais a partir dos discursos produzidos pelas imagens de uma procissão, vejo que as diferenças dos seus *modos de ver*, representadas na suas falas, estão intimamente entrelaçados à suas trajetórias e vivências, às suas *peregrinações* no seio familiar e nas instituições formativas aos quais passaram.

As lembranças familiares e a vivência próxima ou não à igreja ou não, fez com que olhares se diferenciassem em cristalizados e críticos. O primeiro *modo de olhar* liga-se à certa tradição familiar, vendo a manifestação de um ponto de vista do fiel, imbuído de sua crença. Esse olhar não se desprende do aspecto da fé, onde pode-se inferir o quanto o discurso religioso permeia a sua reflexão do *peregrino*. O segundo, já um pouco distante dessa prática cultural – devido à sua não participação, coloca-se de um ponto de vista mais de espectador, conseguindo ver de outros âmbitos as referências visuais da procissão.

Além disso, a leitura, tanto do evento em si, como das suas imagens, está relacionada ao conceito de cultura inferido pelos *peregrinos*: o aspecto mercadológico da procissão varia, no grupo pesquisado, entre a visão do mesmo como um processo resultante da inculturação dos participantes - pelo provável “nível cultural” onde se encontram, ao inevitável processo aos quais nós e os romeiros somos levados à compra – por inúmeros motivos, sejam eles pelo credo, pela moda, pelo poder de consumo e outros discursos – por uma indústria cultural religiosa que vive, neste caso, da mão de obra informal. Vê-se a variação entre um discurso mais hegemônico que ainda reflete a diferenças entre alta e baixa cultura e um ponto de vista mais crítico-social.

Na construção de uma possibilidade de prática educativa para o ensino de Artes Visuais, a partir da leitura de imagens da procissão, houve a tentativa de ver dos discursos presentes nas imagens que a procissão “vende”. Lançando mão de âmbitos de compreensão, pode-se ver durante a prática o quanto é importante sensibilizar nossos *modos de ver* uma manifestação cultural através de um olhar que perpassa os seus mais diversos sentidos. Porém, notou-se que, apesar da utilização dos âmbitos na leitura de uma imagem, quando os mesmos foram utilizados para organizar a prática educativa em si, olhando para a procissão num todo, e não

enfocando numa só imagem, a leitura dessa manifestação como produto de um discurso foi mais aprofundada. Os sujeitos de pesquisa, ao lerem um registro fotográfico se limitaram às percepções periféricas, não tomando novos caminhos ou descobrindo outras formas de ver a imagem, a não ser na sua temática mais direta, que, neste caso, à de consumo e religião.

Entre muitas dúvidas sobre as mediações realizadas, vejo algumas problemáticas que me incitam a apontar algumas reflexões, sem a intenção de serem “verdades únicas”, mas com um ponto de vista que parte de uma experiência de prática pedagógica, de alguém que *ainda está à espera de outras peregrinações*

Vejo que apesar da sociedade, alunos e até mesmo os próprios profissionais docentes, apontarem tantos problemas na formação de professores e nas instituições responsáveis por ela, na constituição de seres crítico-reflexivos, um dos problemas está na posição que o próprio docente tem frente aquilo que acontece, e a sua abertura para que a *experiência o toque, dar-se tempo, abrir os olhos...*

Vejo o quanto, nós, professores, precisamos sempre reconstruir os nossos *modos de ver* frente à cultura e aos discursos que moldam nossas práticas cotidianas, e nos ver *no outro* quando falamos e criticamos o que se passa ao nosso redor...

Vejo que, ao estabelecer novas percepções sobre a realidade, os Estudos Culturais podem contribuir para descrevermos e compreendermos melhor o nosso mundo, estabelecendo um avanço na compreensão dos novos jogos de poder pelos quais se estabelecem identidades, significados sociais e culturais e pelos quais estamos sendo cada vez mais governados...

Vejo que o professor deve ser um “espaço de experiência” (LARROSA, 2003) para se permitir ir além do que a imagem balbucia, e ver o que está por trás de suas falas... Isso significa ir além das “bugigangas” para ver o que elas “falam” do contexto onde se inserem, para ver o que “falam” de nós mesmos e das nossas representações acerca do nosso cotidiano...

Penso que trabalhar na perspectiva da compreensão crítica da cultura visual na formação de professores pode nos auxiliar a encontrar algumas frestas que, talvez, dêem passagem a outras formas de compreensão da realidade, de representações que não as hegemônicas, e a discutir uma representação perpassada pela indiferença, pela passividade, apatia e rotina dos sujeitos em seus ambientes de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Marli Eliza. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução Estela do Santos Abreu. Campinas: Papyrus, 1993.

AZAMBUJA, G. (Org.) ; QUADROS, C. (Org.). **Saberes e dizeres sobre formação de professores na Unifra**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2003.

AZEVEDO, Fernando. A.G. Arte e Inclusão: construindo uma pedagogia crítica. **Anais XIV CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL – 2003**. UFG, Goiânia. abril de 2003. p 132-134.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Martins Fontes, 1989.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

BARILLI, Renato. **Curso de estética**. Lisboa: Estampa, 1992.

BELMONTE, Sérgio. **Povo gaúcho, eis aí a tua Mãe!** Santa Maria: Pallotti, 1999.

BHABHA, Homik. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da Universidade federal de Minas Gerais, 1999.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Ponto Editora, 1994.

BORELLI, Viviane. **Mapeamento da ante-sala da Romaria da Medianeira**. Seminário de Pesquisa do programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, UNISINOS. São Leopoldo, 2003

BOYER, Marie-France. **Culto e Imagem da Virgem**. Tradução de Paulo Neves do original La Vierge/ Cult et image. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

BRUNER, J. **O Processo da educação Geral**. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1991.

BRUNER, J. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAMPOS, Neide Pelaez. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: UFSC, 2002.

CHALMERS, F.G. **Arte, educación y diversidad cultural**. Barcelona: Paidós, 2003

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 1997.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ., 2002

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano - artes de fazer**. Petrópolis : Vozes, 1994.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. São Paulo, Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 1998

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997, p.310.

CONNELY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, J. et al. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, 1990.

COSTA, Marisa Vorraber. "Currículo e política cultural" In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p.37-68

COSTA, Marisa Vorraber. Sujeitos e Subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura. In: CANDAU, Vera (Org.). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.29 – 46

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Autores Associados, nº23, maio / jun. / jul. / ago. , 2003. p.36 – 61.

COSTA, M. V. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte; Autêntica, 2004.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Belidson. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria *queer*. In: BARBOSA, Ana Mãe (org.) **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

EDGAR, Andrew e SEDGWICK, Peter. **Teoria Cultural de A e Z: conceitos-chaves para entender o mundo contemporâneo**. Trad. Marcelo Rollemberg. São Paulo: Contexto, 2003.

EFLAND, Arthur D.; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patrícia. **La educación en el arte pos moderna**. Barcelona: Paidós, 2003

ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografia dos estudos culturais - uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos culturais; uma introdução. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte; Autêntica, 2004. p.133 – 223.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.

_____. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p.243-276.

_____. Verdade e poder. In: _____. In: **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p.1-14

_____. O enunciado e o arquivo. In: _____. **A arqueologia do saber**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p.87-154.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para uma compreensão crítica da arte**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

FREEDMAN, K. **Cultura visual e identidade. Cuadernos de Pedagogía.** Barcelona, n.312, p.59-61, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1984.

FREIRE, Paulo. **Da leitura da palavra à leitura de mundo. Leitura: teoria e prática.** Campinas: Cortez, 1982

FREEDMAN, Kerry. **Interpreting gender and visual culture in art classrooms.** Buffalo: Studies in Art Education, 1994.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1989.

GEERTZ, C. **O Saber Local.** Petrópolis, Vozes, 1997

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo. Atlas, 1999.

GIROUX, Henri. Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In.: SILVA, T. T. da S. (org.) **Alienígenas na sala de aula.** Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

_____. **A escola crítica e a política cultural.** Trad. Dogmar M. L. Zibas. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes médicas, 1997. p. 157-163.

_____. **Atos impuros: a prática política dos estudos culturais.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

GIROUX, Henry A. e McLAREN, Peter L. Por uma pedagogia crítica cultural. In: SILVA e MOREIRA (Orgs.). **Territórios Contestados.** Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. "The West and the Rest: discourse and power". In.: HALL, Stuart e GIEBEN, Bram (Org). **Formations of modernity.** Cambridge: Polity Press in association with the Open University, 1994. p.275-320.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade,** Porto Alegre, v.22, n.2, p.17-46, jul./dez., 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, Stuart (org.) Representation. **Cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de artes visuais. In: OLIVEIRA, Marilda; HERNANDEZ, Fernando. (Orgs). **A formação do professor das Artes Visuais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2005.

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007

HUYGHE, René. **Os poderes da imagem**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Thomaz Tadeu. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-131.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1998.

LARROSA, Jorge, Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação. Campinas**, nº 19, p. 20-28, 2002. Jan./fev./mar./abr.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascarados**. 2. ed. Belo Horizonte, 1999.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascarados**. Porto Alegre: Contrabando, 1998

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. EPU, 1986

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade. O lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MASON, Raquel. **Por uma arte-educação multicultural**. Trad. de Rosana H. Monteiro; revisão técnica Ivone M. Richter. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MAZZOTTI, Alda et alii. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 1998.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual In: OLIVEIRA, Marilda; HERNANDEZ, Fernando. (Orgs). **A formação do professor das Artes Visuais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2005.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MEIRA, Marly. **Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una Introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós: 2003.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1992.

_____. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

MOLES, Abraham. **O kitsch**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

NELSON, Cary; TREICHELER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudo Culturais: uma introdução. In.: SILVA, T. T. da S. (org.) **Alienígenas na sala de aula**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 7-38.

OLIVEIRA, Marilda; HERNANDEZ, Fernando. (Orgs). **A formação do professor das Artes Visuais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2005.

OLIVEIRA, Marilda O. de. "A formação do professor e o ensino das Artes Visuais: o estágio curricular no campo de conhecimento" in OLIVEIRA, Marilda; HERNANDEZ, Fernando. (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005

PHILLIPS, B. S. **Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Agir 1974.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, USP, v. 1. n. 1, p.72-89, jul/dez.1996.

_____. **O estágio na formação de professores: unidade teórica e prática?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

PILLAR, Analice. Dutra. Leitura e releitura. In: PILLAR, Analice Dutra. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. 4a ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006, v. 1, p. 9-21.

RICHTER, Ivone Mendes. **Medianeira e Pompéia: festividades religiosas e populares na região de Santa Maria (RS)**. Santa Maria: Edições UFSM, 1990.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies**. Londres: Sage, 2001.

RIGO, Enio José. **A Romaria da Medianeira e a eucaristia: um estudo teológico pastoral**. Santa Maria: Biblos, 2006.

SANTOS, José Luiz do. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Nara Cristina. Objetos Religiosos e Profanos em Festas Religiosas do Cone Sul: Enfoque Estético. **Revista do Centro de Artes e Letras- UFSM**._Santa Maria, 1-2: 143-165,1979-1992.

SANTOS, Zózimo Lopes dos. **Três jubileus católicos em Santa Maria**. Santa Maria: Imprensa Universitária, 1985.

SARDAR, Z.; VAN LOON, B. Introducing cultural studies. In: COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Autores Associados, nº23, maio / jun. / jul. / ago. , 2003. p.36 – 61.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. de P.; VILELA, R. A. T (Org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.138-179

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte**. São Paulo: Editora 34, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Alienígenas na sala de aula**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche – a poética e a política do texto**. São Paulo: Autêntica, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte; Autêntica, 2004.

SIMON, Roger e GIROUX, Henry. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: **Currículo, Cultura e Sociedade** / Antonio Flávio Barbosa e Tomaz Tadeu da Silva (orgs.). São Paulo: Cortez, 1994.

SKLIAR, Carlos B. Y. A invenção da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.24, nº2, jul./dez., 1999, p.15-32

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **A antropologia e o mundo contemporâneo: cultura e diversidade**. Cap. 17, s/ed, s/d.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VALLE, Ignácio. **Cinqüentenário do Santuário de Mãe Medianeira de Todas as Graças. 1930-1980- Romaria Jubilar**. Canoas: La Salle, 1980.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Maria Vorraber. **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 37-69.

APÊNDICES

APENDICE – A**Roteiro de entrevista para os alunos da Licenciatura em Artes Visuais da
Universidade Federal de Santa Maria.**

Professora orientadora: Prof^a Dr^a Ana Lúiza Ruschel Nunes

Mestranda: Carla Farias Souza

**Bloco I – Entrevista Estruturada:
Aspectos pessoais**

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Cidade natal: _____ Cidade onde reside: _____
- 4) Bairro em que reside:
- 5) Formação acadêmica ou curso(s) em andamento):
- 6) Você segue uma religião?
Sim () Não () Qual? _____
- 7) Você já participou de uma procissão religiosa?
Sim () Não () Qual? _____
- 8) Conhece ou já participou da Romaria de Nossa Senhora Medianeira na cidade de Santa Maria? Se participou, em que época foi?

APENDICE - B

Texto utilizado durante prática educativa – segundo encontro (05/10/07)

A Romaria de Nossa Senhora Medianeira: uma história de fé da cidade de Santa Maria

1. Breves considerações sobre histórico do culto mariano

- O culto mariano existe desde as comunidades cristãs primitivas, como substituto da adoração à Grande Mãe, que é uma figura encontrada em várias religiões e culturas pagãs. À medida que o cristianismo se expande pelo mundo, são vários os casos onde os povos recém cristianizados acolhem a figura de Maria por verem nela uma identificação com divindades locais ligadas à terra e à fertilidade.

- Por volta do século II ou III aparecem os primeiros ícones da Virgem através de mosaicos e pinturas murais e no século V, o Concílio de Éfeso declara Maria a Mãe de Deus – *Théotokos*. – e define o dogma da “Maternidade Divina”, fomentando o começo de uma veneração especial à Virgem Maria e a construção de várias Igrejas em sua honra.

- Os séculos XI e XII são culminantes para o culto mariano, pois neste período lendas e aparições se multiplicam e, devido à isso, as ordens mendicantes se encarregam de dar novo impulso às peregrinações marianas, fazendo crescer o número de lugares dedicados à Virgem. Nesta época são construídas as grandes catedrais góticas em sua homenagem, surgindo também qualificativos como o de Rainha e Madona, e sua figura emerge como a de uma pessoa forte, milagrosa e salvadora.

- Na história, a partir do Renascimento, século XV, a preocupação com a consciência impulsiona um conjunto de normas ditadas por complexos de culpa e pela necessidade de expiação dos pecados. Assim a piedade mariana vai dar peso à grandeza moral de Nossa Senhora e a sua santidade, a ponto de ser qualificada como deusa. Maria surge, então, como um modelo de sexualidade para os fiéis, estabelecendo um ideal de virtude para os mesmos, que sobrevive até os dias de hoje.

- A partir do século XIX começa uma marianização do cristianismo, devido à multiplicação das supostas aparições de Maria. Aumenta a freqüência dos fiéis aos santuários religiosos ligados à Virgem e não aos vinculados às figuras dos apóstolos e do próprio Jesus, tão marcante na Idade Média.

- Com o passar dos anos e com o crescimento do fervor do culto mariano, Maria aparece como divindade feminina, representando uma importante transformação de paradigma na religiosidade contemporânea. A imagem de Maria é para os fiéis a presença do divino na sua forma acolhedora, intuitiva, aquilo que é próprio do feminino em nossa cultura.

2. Romaria: a celebração entre a devoção mariana e o povo

Uma romaria poderia ser definida como um microcosmo que resume, em um período de forte simbolismo, o macrocosmo constituído pela sociedade em sua existência cotidiana. Nela estão representadas as hierarquias sociais, os conflitos, a estruturação da comunidade e sua relação com as unidades maiores e menores com as quais se comunica, das quais depende, ou sobre as quais tem influência.

Segundo Viviane Borelli (2003), a Romaria Estadual de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, realizada na cidade Santa Maria/RS, é um exemplo dessas celebrações coletivas e relações. Ela é perpassada por fatores constitutivos de vários campos sociais: como o religioso, que organiza o evento; o midiático, que registra e divulga o acontecimento; o econômico, pois move o setor comercial e informal da cidade; o político, ao envolver a prefeitura e o estado e o cultural, constando no calendário oficial do município.

Richter (1990) diz que é a celebração religiosa anual mais significativa da cidade de Santa Maria e é considerada uma das maiores romarias do Brasil, reunindo cerca de 250 mil fiéis, concentrando pessoas da área urbana, da região central do estado e de várias cidades do Rio Grande do Sul, de outros estados e países vizinhos. A romaria é um compromisso coletivo dos fiéis com a Virgem, pois se confunde com a história da cidade e com a história de cada romeiro ali presente. A eficácia simbólica da devoção é reconhecida desde os primeiros anos da veneração de Nossa Senhora Medianeira em Santa Maria.

A devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças surge na cidade em 1928, com a vinda do seminarista jesuíta Inácio Rafael Valle, de Nova Trento/SC, para ser professor e prefeito do antigo Seminário São José, local onde hoje se localiza o Parque da Medianeira. Este religioso conhece a devoção à Medianeira quando se encontra em Nova Friburgo (RJ), como estudante da Congregação Jesuíta. Segundo Richter (1990), Inácio Valle, sofre uma grave doença que pode impossibilitá-lo de ser consagrado sacerdote. Esta enfermidade leva-o a realizar uma promessa à Virgem Medianeira de divulgar sua devoção no caso de ser atendido.

Em 1929 a Diocese de Santa Maria, através de seu Vigário Capitular, Monsenhor Luís Scortegna, pede ao Papa Pio XI que conceda à Igreja Particular de Santa Maria o privilégio da festa de Nossa Senhora Medianeira com Missa, Ofício e Breviário próprios. A resposta positiva chega em novembro de 1929. Para que a devoção se propague, Valle se preocupa em dar à Medianeira um Hino de fácil aceitação popular. A letra é escrita por Dom Aquino Correa, Arcebispo de Mato Grosso, e a música é composta pelo Padre Jorge Zanchi.

No mesmo ano, a Irmã Franciscana Angelita Stefani pinta o quadro original com a imagem representante da Medianeira, que atualmente se encontra na Basílica. Seu trabalho, que realiza antes de se tornar freira, começa com a ampliação de um desenho em preto e branco vindo da Bélgica, lugar onde tem início à devoção à Virgem. A irmã atribui a sua vocação à Nossa Senhora Medianeira, pois entra para o convento dois anos após ter pintado a imagem.

Segundo Belmonte (1999), no dia 31 de maio de 1930, é celebrada oficialmente a primeira festa em honra à Medianeira. O quadro com a sua imagem é colocado em cima de uma mesa, à direita do altar, na capela do Seminário São José e para lá começam a convergir os devotos. Em julho de 1930, aparecem os primeiros ex-votos ao lado do quadro em agradecimento por graças alcançadas e,

alguns anos mais tarde, milhares de pessoas em romaria levam placas dedicatórias, velas, flores e outras lembranças.

Ainda em 1930, no mês de outubro, o Brasil, em meio a um clima de intranqüilidade política, prenuncia a revolução de âmbito nacional iniciada no Rio Grande do Sul, que estouraria de 3 a 24 de outubro. Na primeira sexta-feira do mês de setembro, um grupo de vinte e três senhoras se ajoelha diante da imagem, na Capela do Seminário, pedindo proteção contra os efeitos da revolução prestes a desencadear. Em Santa Maria, o Quartel de Brigada Militar toma conta da cidade, mas os outros quartéis não aderem de imediato ao movimento revolucionário. Com isso a cidade corre perigo, podendo transformar-se num campo de batalhas entre forças estaduais e federais. Durante este período tenso, o Monsenhor Luís Scortegna convoca o povo santamariense para rezar a Nossa Senhora Medianeira e, segundo os relatos, as preces são atendidas.

Com o tempo e com as graças alcançadas, as peregrinações particulares e individuais passam a ter um caráter coletivo. A primeira romaria realizada tem a participação de vinte e três mulheres e a segunda mais de mil peregrinos. Devido ao grande fluxo de romeiros, a romaria local torna-se estadual e passa a ser realizada no segundo domingo de novembro de cada ano a partir de 1943.

Em 1935, Dom Antônio Reis, então bispo da Diocese, lança a Pedra Fundamental para a construção do Santuário, o qual é oficialmente inaugurado dia 15 de agosto de 1985, com a presença do Núncio Apostólico, Dom Carlo Furno e dos bispos do Rio Grande do Sul. No dia 31 de maio de 1987, com a presença do Arcebispo de Florianópolis, Dom Afonso Niehues, o Santuário passa a chamar-se, por Decreto especial da Sagrada Congregação para o Culto Divino, de Santuário-Basílica da Medianeira, o único do Estado a ter essa distinção da Santa.

Desde 1954, a Romaria de Medianeira é precedida de uma Novena, que acontece nos nove dias anteriores ao domingo da festa. Com o quadro da Virgem percorrendo as diversas paróquias da cidade, faz-se o convite e motivação da população em uma preparação para a Festa. Os pontos fundamentais da festa se desenvolvem pela manhã, na Catedral Diocesana, na procissão pelas ruas da cidade e no Altar Monumento. Na catedral inicia-se o domingo com missas a partir das cinco horas da manhã. Às oito horas as Autoridades Eclesiásticas iniciam a procissão, partindo da Catedral, na Avenida Rio Branco, rumo ao Santuário-Basílica de Nossa Senhora Medianeira, localizado na Avenida Medianeira.

Antes dos fiéis chegarem ao Altar-Monumento, que é uma plataforma circular, construída no parque da Medianeira destinada às grandes celebrações litúrgicas, os romeiros se deparam com bancas de vendas de objetos, ocupando quase a totalidade da avenida e das ruas próximas.